

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

BRUNA AQUINO FERREIRA ANTUNES

**CRÍTICA DE MÍDIA FEMINISTA NA WEB: UMA ANÁLISE SOBRE OS BLOGS
CEM HOMENS, ESCREVA LOLA ESCREVA E BLOGUEIRAS FEMINISTAS**

PORTO ALEGRE

2014

BRUNA AQUINO FERREIRA ANTUNES

**CRÍTICA DE MÍDIA FEMINISTA NA WEB: UMA ANÁLISE SOBRE OS BLOGS
CEM HOMENS, ESCREVA LOLA ESCREVA E BLOGUEIRAS FEMINISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Virginia Pradelina da Silveira Fonseca

Coorientador: Ms. Leonardo Feltrin Foletto

PORTO ALEGRE

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Antunes, Bruna A. F.

Crítica de mídia feminista na web: uma análise sobre os blogs Cem Homens, Escreva Lola Escreva e Blogueiras Feministas / Bruna A. F. Antunes. -- 2014. 122 f.

Orientadora: Virginia da Silveira Fonseca.

Coorientador: Leonardo Feltrin Foletto.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação Social: Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Blogs Feministas. 2. Crítica de Mídia. 3. Feminismo. 4. Comunicação. 5. Jornalismo. I. Fonseca, Virginia da Silveira, orient. II. Foletto, Leonardo Feltrin, coorient. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado “**Crítica de mídia feminista na web**: uma análise sobre os blogs Cem Homens, Escreva Lola Escreva e Blogueiras Feministas” de autoria de Bruna Aquino Ferreira Antunes, estudante do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 24 de novembro de 2014.

Assinatura: _____

Orientadora: **Virginia Pradelina da Silveira Fonseca**

BRUNA AQUINO FERREIRA ANTUNES

**CRÍTICA DE MÍDIA FEMINISTA NA WEB: UMA ANÁLISE SOBRE OS BLOGS
CEM HOMENS, ESCREVA LOLA ESCREVA E BLOGUEIRAS FEMINISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel
em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Aprovada pela Banca Examinadora em de de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Virginia Pradelina da Silveira Fonseca
Orientadora

Ms. Leonardo Feltrin Foletto
Coorientador

Ms. Silvana Copetti Dalmaso
Examinadora

Ms. Pâmela Caroline Stocker
Examinadora

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Andréa Ferreira, pelo incentivo ao estudo, ao conhecimento, ao pensamento crítico e à leitura, pelo exemplo de determinação e coragem, pelo carinho e pelo teto.

Ao meu irmão, Fábio Antunes, pela amizade e parceria. E por me fazer acreditar que sou uma boa conselheira.

Às minhas madrinhas, Lúcia e Maura Ferreira, pelos ouvidos, carinhos e incentivos, desde a infância.

Aos demais familiares que acreditaram e incentivaram minhas conquistas – essa em especial.

À minha orientadora, Virgínia Fonseca, pela confiança.

Ao meu coorientador, Leonardo Foletto, pela disponibilidade e por todo o aprendizado proporcionado e compartilhado durante esse ano de convivência.

À Marcia Veiga, pela iniciação nos estudos de gênero e no interesse pelo feminismo.

Ao Dr. Roberto Jaconi que contribuiu e segue contribuindo largamente com a manutenção da minha sanidade.

Aos amigos de longa data: Aishameriane, Luana, Laura, Francieli, Priscilla, Ricardo e Carlos Eduardo, pelo carinho, torcida, atenção e amizade. Espero envelhecer convivendo (mesmo à distância) com todos vocês.

Às fabicanas que ganharam o meu coração nos últimos semestres do curso e me fizeram sentir com 22 anos outra vez. Em especial à larema, minha cúmplice desde o primeiro semestre.

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo analisar a crítica de mídia presente em três blogs feministas brasileiros: Blogueiras Feministas, Cem Homens e Escreva Lola Escreva. O presente trabalho visa contribuir para a compreensão do feminismo e do ativismo feminista na web. Contextualiza o feminismo historicamente, apresenta suas teorias e correntes conforme Weeks (2010) e Fausto-Sterling (2002). Reflete sobre as questões de gênero e sexualidade usando autores pós-estruturalistas como Butler (2010), Laqueur (2001), Piscitelli (2008) e Scott (1990). Faz um balanço das causas recentes do feminismo e relata os acontecimentos que levaram à Marcha das Vadias – como exemplo da influência da internet sobre a organização dos movimentos sociais. Questiona as responsabilidades das mídias e do jornalismo, sob a ótica do feminismo, utilizando autores como Louro (2010), Fischer (1997) e Silva (2011). Contextualiza historicamente os blogs, com particular atenção aos blogs pessoais com foco opinativo e apresenta a crítica de mídia como elemento a ser considerado no universo de blogs feministas. Descreve os blogs analisados e os critérios de seleção dos blogs e das postagens para a execução do trabalho e busca por elementos em comum nas postagens de crítica de mídia: temas mais recorrentes, empresas e pessoas criticadas. Justifica a escolha de uma metodologia inspirada pela análise de conteúdo (HERSCOVITZ, 2010) e relata os resultados obtidos após a realização da análise, a saber: machismo, cultura do estupro e gordofobia sendo os temas que se repetem com maior constância nas postagens. Por fim, reúne resultados apresentando as empresas de comunicação mais criticadas, destaca o jornalismo como tipo de mídia mais recorrente nas críticas, observa que o site G1 e os jornais Folha de S.Paulo e Extra são os mais criticados e conclui sobre os resultados considerando as teorias estudadas.

Palavras-chave: Crítica de Mídia, Feminismo, Blogs, Comunicação, Jornalismo.

ABSTRACT

The goal of the present monograph is to analyze media criticism in three feminist Brazilian blogs: *Blogueiras Feministas*, *Cem Homens e Escreva* and *Lola Escreva*. The present work intends to contribute for the comprehension of feminism and feminist activism on the web. Contextualizes the feminism historically, presents its theories and paths according to Weeks (2010) and Fausto-Sterling (2002). Reflects about gender and sexuality issues using post-structuralism authors like Butler (2010), Laqueur (2001), Piscitelli (2008) and Scott (1990). Presents the recent feminist causes and reports the events that have caused the beginning of Slut Walks – as an example of the internet influence in the organization of social movements. Questions the media and journalism responsibilities, considering feminism precepts, using authors as Louro (2010), Fischer (1997) and Silva (2011). Historically contextualizes blogs, with particular attention to personal opinionated kind and presents media criticism as an element to be considered in the feminist blogosphere. Describes the analyzed blogs and the selection criteria of posts for and seeks common elements inside the media criticism posts: recurrent themes, criticized companies and people. Justifies the methodology choice inspired in content analysis (HERSCOVITZ, 2010) and reports the results after the complete analysis, to be known: machism, rape culture and body shaming as the most constant themes in posts. Finally, gathers results reporting the companies more criticized, emphasizes journalism as the most recurrent kind of media in the critics, observes G1 website, *Folha de S.Paulo* and *Extra* newspapers as the most criticized and concludes about the final results considering the studied theories.

Keywords: Media Criticism, Feminism, Blogs, Communications, Journalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Página inicial do Blogueiras Feministas..... | 50 |
| Figura 2 – Página inicial do Cem Homens..... | 52 |
| Figura 3 – Página inicial do Escreva Lola Escreva..... | 54 |
| Figura 4 – Nuvem de Marcadores (TagCloud) | 60 |
| Figura 5 – Temas encontrados no Blogueiras Feministas..... | 104 |
| Figura 6 – Temas encontrados no Escreva Lola Escreva..... | 105 |
| Figura 7 – Temas encontrados no Cem Homens..... | 105 |
| Figura 8 – Empresas de comunicação brasileiras mais criticadas. | 106 |
| Figura 9 – Grupo Globo: Distribuição das críticas entre veículos e programas..... | 106 |
| Figura 10 – Tipos de produto de mídia criticados..... | 107 |
| Figura 11 – Programas, jornais, sites e revistas mais criticados..... | 108 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 – Número de postagens por tema de cada blog..... | 59 |
| Tabela 2 – Dados completos dos posts analisados..... | 119 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 FEMINISMO: RAÍZES HISTÓRICAS E QUESTÕES ATUAIS | 20 |
| 2.1 História do Feminismo | 20 |
| 2.2 Gênero e Sexualidade | 26 |
| 2.3 Correntes Feministas | 28 |
| 2.4 Feminismo Hoje | 29 |
| 2.4.1 Ativismo feminista na internet..... | 31 |
| 2.4.2 Slut Walk..... | 34 |
| 3 MÍDIAS: O MEIO E A MENSAGEM | 36 |
| 3.1 Jornalismo..... | 36 |
| 3.1.1 Jornalismo e feminismo | 39 |
| 3.2 Blogs..... | 41 |
| 3.2.1 Blogs pessoais opinativos | 44 |
| 3.3 Crítica de Mídia em Blogs Feministas | 47 |
| 3.4 Blogs Analisados..... | 49 |
| 3.4.1 Blogueiras Feministas | 50 |
| 3.4.2 Cem Homens..... | 51 |
| 3.4.3 Escreva Lola Escreva..... | 53 |
| 4 ANÁLISE | 55 |
| 4.1 Metodologia utilizada | 56 |
| 4.2 Postagens analisadas | 57 |
| 4.2.1 Machismo | 59 |
| 4.2.1.1 Os únicos blogs mascus que ainda crescem | 60 |
| 4.2.1.2 Reaça atesta que jovens direitistas não pegam mulher | 60 |
| 4.2.1.3 Sobre machismos e porcentagens | 61 |
| 4.2.1.4 Guest Post: novela bate em mulher desde cedo..... | 61 |
| 4.2.1.5 Ser sexy sendo vulgar | 62 |
| 4.2.1.6 Bispo é contra mulheres na universidade..... | 63 |
| 4.2.1.7 Boas e péssimas notícias. Adivinhe qual a mídia divulga? | 63 |
| 4.2.1.8 Guest Post: vídeo de sexo vazado com homem é revenge porn? | 64 |
| 4.2.1.9 Guest post: a mãe-cadáver | 65 |
| 4.2.1.10 Como produzir uma mentira | 66 |

| | |
|--|-----------|
| 4.2.1.11 Última estupidez do ano? | 66 |
| 4.2.1.12 O feminismo, firme e forte, não precisa de novidades | 67 |
| 4.2.1.13 Correio Feminino: mais machismo na tv | 67 |
| 4.2.1.14 A extrema esquerda que defende foie gras..... | 68 |
| 4.2.1.15 Garanta DJÁ a sua masculinidade: CRESÇA | 69 |
| 4.2.1.16 Que migalha você aceitou hoje? | 69 |
| 4.2.1.17 Reaças se ofendem ao serem chamados de reaças | 70 |
| 4.2.1.18 Há sexismo em tudo o que eu vejo | 70 |
| 4.2.1.19 O discurso nocivo e desumanizante do “mulher pra pegar” | 71 |
| 4.2.1.20 Mais do mesmo | 71 |
| 4.2.1.21 Megan Fox não vai mais ficar pelada! | 72 |
| 4.2.1.22 Vou romper é a sua cara | 73 |
| 4.2.1.23 “O feminismo quer acabar com as gentilezas!” | 73 |
| 4.2.2 Cultura do Estupro | 73 |
| 4.2.2.1 26% ou 65%, o que isso significa para o feminismo? O que isso significa para o ativismo?..... | 74 |
| 4.2.2.2 Sobre a vergonha de ser homem | 75 |
| 4.2.2.3 Lutar ou negar: as reações à pesquisa do IPEA | 75 |
| 4.2.2.4 “É bom pra xavecar a mulherada” | 76 |
| 4.2.2.5 Os encoxadores e a cultura de estupro..... | 76 |
| 4.2.2.6 Guest Post: No BBB, só um acha errado beijar quem está fora de si..... | 77 |
| 4.2.2.7 BBB, de novo, todo ano..... | 77 |
| 4.2.2.8 Que perguntas a sociedade precisa fazer sobre abuso sexual?..... | 78 |
| 4.2.2.9 A terceirização da culpa | 79 |
| 4.2.2.10 Jogo dos sete erros | 79 |
| 4.2.2.11 O desrespeito nunca termina..... | 80 |
| 4.2.2.12 A cultura do estupro gritando – e ninguém ouve | 81 |
| 4.2.3 Gordofobia | 81 |
| 4.2.3.1 Quem são as mulheres reais das propagandas de beleza? | 82 |
| 4.2.3.2 A ditadura do corpo ideal e o preconceito velado..... | 82 |
| 4.2.3.3 Jennifer Lawrence faz com que você sinta-se envergonhada por seu corpo mais do que você imagina..... | 83 |
| 4.2.3.4 Corpos Perfeitos | 85 |
| 4.2.3.5 Mulheres: corpos sempre disponíveis | 85 |

| | |
|---|------------|
| 4.2.3.6 Você está defendendo a escolha ou o controle?..... | 86 |
| 4.2.3.7 Gaby Amarantos e Preta Gil no “Medida Certa”: uma medida errada..... | 87 |
| 4.2.3.8 Gordofobia fantasiada de reportagem | 87 |
| 4.2.3.9 Atirando para todos os lados – e acertando na sua autoestima | 88 |
| 4.2.4 Femicídio | 88 |
| 4.2.4.1 A capa da Placar com Bruno faz parte da normalidade do feminicídio no Brasil..... | 89 |
| 4.2.4.2 Revista Placar tenta humanizar o feminicida Bruno, condenado pelo assassinato de Eliza Samudio..... | 89 |
| 4.2.4.3 "Aquele mulher lutou muito para não morrer” | 90 |
| 4.2.4.4 Lei Maria da Penha e as promessas não cumpridas do Sistema de Justiça Criminal..... | 90 |
| 4.2.4.5 O caso Pistorius e o discurso de crime passional | 91 |
| 4.2.5 Homofobia, Bifobia e Transfobia | 92 |
| 4.2.5.1 Bissexualidade e pansexualidade: distorções, disputas e invisibilidade | 92 |
| 4.2.5.2 Dois pesos e duas medidas são fatais para transgêneros..... | 93 |
| 4.2.5.3 Notas imperfeitas de um domingo quase no fim | 94 |
| 4.2.5.4 O pessoal é político | 95 |
| 4.2.5.5 O casório da cabra | 96 |
| 4.2.6 Racismo | 97 |
| 4.2.6.1 Somos Todos Racistas..... | 97 |
| 4.2.6.2 Claudia Silva Ferreira: negra e moradora da periferia..... | 98 |
| 4.2.6.3 Claudia Silva Ferreira, 38 anos, auxiliar de limpeza, morta arrastada por carro da PM | 99 |
| 4.2.6.4 Guest post: minha culpa por ser negro..... | 100 |
| 4.2.7 Violação de Direitos Humanos | 101 |
| 4.2.7.1 Mídia e a situação carcerária brasileira: Até Bananas! | 101 |
| 4.2.8 Violência Obstétrica | 102 |
| 4.2.8.1 O cérebro funciona durante a gravidez – um aviso necessário..... | 102 |
| 4.3 Resultados obtidos | 102 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 108 |
| REFERÊNCIAS | 112 |
| ANEXOS | 117 |

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse sobre o feminismo surgiu ao tomar conhecimento da existência da Marcha das Vadias (Slut Walks), em 2011, alguns meses depois de ter ingressado no curso de Jornalismo. Passei então a acompanhar blogs de temática feminista e me interessar pelo assunto.

As lutas do feminismo compreendem a busca por equidade de direitos, o empoderamento feminino, o direito às decisões sobre o próprio corpo e a libertação de padrões de opressão baseados em normas de gênero. A causa feminista se centra em uma realidade evidente: a desigualdade entre os gêneros na sociedade atual. No mercado de trabalho e na política essa desigualdade é mais facilmente percebida.

Segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2010 mulheres que ocupam funções idênticas às dos homens recebem o correspondente a 68% da remuneração masculina¹. A nível global os salários das mulheres representam entre 70 e 90% dos salários dos homens², segundo estudo realizado pela ONU. A mesma pesquisa mostra que a maternidade continua sendo fonte de discriminação no trabalho³: muitas mulheres grávidas ainda perdem seus empregos e são comuns os processos nessa área, mesmo em países onde existe legislação protegendo a maternidade.

Na política⁴, três mulheres estavam entre os quatro primeiros candidatos com maior número de votos para o cargo de presidente da República em 2014, no primeiro turno das últimas eleições brasileiras. Esse fato inédito teve poucos reflexos nos outros cargos políticos no país, já que a bancada federal eleita para a próxima legislatura na Câmara dos Deputados é composta por apenas 9,9% de mulheres. No

¹ AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Mulher, mercado de trabalho e desigualdade**, por Clemente Ganz Lúcio. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/trabalho/_mulher-mercado-de-trabalho-e-desigualdade-por-clemente-ganz-lucio/>. Acesso em 17 de novembro de 2014.

² UNIC RIO DE JANEIRO. **ONU divulga estatísticas abrangentes sobre as mulheres**. Disponível em: <<http://unicrio.org.br/onu-divulga-estatisticas-abrangentes-sobre-as-mulheres/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

³ UNITED NATIONS STATISTICS DIVISION. **The World's Women 2010: Trends and Statistics**. Disponível em: <<http://unstats.un.org/unsd/demographic/products/Worldswomen/WW2010pub.htm>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

⁴ AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Majoria na população, minoria na política: Por que o Congresso e os governos estaduais têm tão poucas mulheres?** Disponível em: <<http://agenciapatriciagalvao.org.br/politica/majoria-na-populacao-minoria-na-politica-por-que-o-congresso-e-os-governos-estaduais-tem-tao-poucas-mulheres/>>. Acesso em 11 de novembro de 2014.

Senado não é diferente: dos 81 senadores apenas 11 são mulheres, ou seja 13,6%. Apenas uma mulher foi eleita governadora, nas últimas eleições, em todos os estados brasileiros: Suely Campos, do PP, no estado de Roraima. As mulheres, apesar de serem a maioria da população brasileira, têm representatividade política de minoria.

A criação dos filhos, o cuidado com os idosos e o trabalho doméstico ainda são responsabilidades conferidas as mulheres⁵. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)⁶, realizada em 2009, as mulheres dedicam em média 26,6 horas semanais com afazeres domésticos, enquanto os homens dispõem apenas 10,5 horas.

A desigualdade entre os gêneros também se apresenta em forma de violência. Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)⁷ aponta que, entre 2009 e 2011, foram registrados no Brasil 16,9 mil feminicídios – mortes de mulheres por conflito de gênero. A cada quatro minutos ocorre um estupro no país: esse número é uma projeção que considera que apenas 35% dos episódios sejam oficialmente relatados – 50.320 casos foram registrados no 8º Anuário Nacional de Segurança Pública⁸. Segundo esse documento e a projeção, 143 mil brasileiras foram vítimas de estupro em 2013⁹.

Esses dados demonstram que o feminismo é uma causa necessária e atual. O ativismo feminista, assim como outros grupos e movimentos sociais, encontraram na web a facilidade de comunicação necessária para alcançar mais adeptos. Na web os conteúdos são mais facilmente produzidos e distribuídos, fortalecendo uma cultura cada vez mais global de colaboração, pela proximidade – mesmo quando há distância geográfica – proporcionada pela internet (CHRISTOFOLETTI, 2014).

⁵ AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Mulheres se dividem entre trabalho, filho e cuidado dos pais**. Disponível em: <<http://agenciapatriciagalvao.org.br/trabalho/mulheres-se-dividem-entre-trabalho-filho-e-cuidado-dos-pais/>>. Acesso em 17 de novembro de 2014.

⁶ PORTAL BRASIL. **Mulheres dedicam muito mais tempo ao trabalho doméstico, aponta Ipea**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2012/05/mulheres-dedicam-muito-mais-tempo-ao-trabalho-domestico-aponta-ipea>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

⁷ IPEA. **Ipea revela dados inéditos sobre violência contra a mulher**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=19873>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

⁸ FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2014**. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/storage/download/8anuariofbps.pdf>>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

⁹ AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Mulheres e violência sexual, por Jairo Bouer**. Disponível em: <<http://agenciapatriciagalvao.org.br/direitos-sexuais-e-reprodutivos/mulheres-e-violencia-sexual-por-jairo-bouer/>>. Acesso em 17 de novembro de 2014.

O feminismo valoriza o subjetivo e busca uma parcialidade premeditada, produzindo e disseminando saberes a partir de um posicionamento prévio (FAUSTO-STERLING, 2002). Esses ideais encontram na web, e mais especificamente em blogs feministas, um suporte de mídia necessário. Autores de blogs tem a possibilidade de escrever da forma que acharem mais apropriada sobre cada assunto que abordam em seus espaços (BLOOD, 2003): liberdade que corrobora com os valores praticados pelo feminismo.

Dentro desse contexto a crítica de mídia aparece como um dos temas recorrentes em blogs feministas. A vigilância da mídia tradicional, um dos efeitos de aproximação entre blogosfera e campo jornalístico (PALÁCIOS, 2006), se relaciona diretamente com a crítica de mídia. A blogosfera é parte de um novo cenário onde os meios de comunicação tradicionais são questionados por pontos de vista pessoais, gerando agendas paralelas que se direcionam para comunidades específicas (ORIHUELA, 2007) como, por exemplo, a comunidade feminista.

É dentro desse escopo que se localiza o objeto de estudo do presente trabalho. Em pesquisa inicial se constatou a ausência de trabalhos semelhantes que abordassem a crítica de mídia no contexto de blogs feministas. As questões e inquietações surgidas ao se considerar o conteúdo de crítica de mídia presente em blogs feministas geraram esta monografia.

Tenho como objetivo primordial, para o presente trabalho, observar padrões nas postagens de crítica de mídia dos três blogs analisados, como por exemplo: temas mais recorrentes, empresas e veículos mais criticados.

Foram estabelecidos critérios iniciais para a seleção dos blogs a serem analisados na pesquisa: ser declaradamente feminista e possuir conteúdo de crítica de mídia em quantidade suficiente para uma análise quantitativa. Três blogs se encaixaram nessas e nas condições que surgiram posteriormente: Blogueiras Feministas, Cem Homens e Escreva Lola Escreva. A seguir, trato brevemente de cada um deles.

Blogueiras Feministas¹⁰ é um blog coletivo sobre feminismo com mais de 70 autores já publicados no espaço. Atualmente é coordenado por Bia Cardoso com moderação de Iara Paiva, Liliane Gusmão, J. Oliveira e Thays Athayde. O blog também conta com a editoração de Camila de Magalhães, Luciana Nepomuceno,

¹⁰ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/>>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

Patricia Guedes e Priscilla Caroline. Com diferentes experiências de vida e de várias partes do país, as Blogueiras Feministas se uniram pela causa. Em 2010, por razão das eleições, se iniciou um grupo de discussão, via email, com o objetivo de debater assuntos diversos e trocar informações. Com o crescimento desse grupo veio a necessidade da criação do blog – com a intenção de disseminar as ideias do grupo e a importância e pluralidade do feminismo.

Apontando expressões de machismo na sociedade, criando conteúdos, se manifestando nas ruas e na rede, as Blogueiras Feministas¹¹ propõem a reflexão constante sobre como enfrentar as contradições pessoais e da sociedade, construindo relações com mais autonomia e liberdade. Ao se afirmar como um blog político¹², se reserva o direito de não publicar textos que vão contra o posicionamento do grupo.

O blog Cem Homens, inicialmente chamado Cem Homens em um ano, é uma criação de Nádia Lapa, advogada e jornalista. O blog iniciou em 2011 para contar relatos de sexo casual e, aos poucos, aproximou a autora de leituras e conteúdos feministas. No final de 2012 ocorreu o lançamento do livro “Cem Homens em um ano”, reunindo algumas histórias publicadas no blog, junto a outras inéditas.

Após a publicação do livro, seguindo com relatos pessoais, o blog passou a receber também conteúdo opinativo – incluindo crítica de mídia, traduções e postagens de convidados. As mudanças refletiram o que ocorria na vida e na carreira da autora, que concluiu especialização em Gênero e Sexualidade e Estudos Feministas, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e atualmente cursa pós-graduação em Educação Sexual no Centro Universitário Salesiano de São Paulo.

O blog Escreva Lola Escreva¹³ foi criado em 1998 por Lola (Dolores) Aronovich, professora na Universidade Federal do Ceará, doutora em Literatura em Língua Inglesa pela UFSC. Inicialmente um espaço para publicação de críticas de cinema, o blog foi se modificando a medida que as opiniões feministas da autora foram alcançando maior visibilidade. Segundo definição da própria autora se trata de um blog não acadêmico, onde ela aborda “feminismo, cinema, literatura, política, mídia, bichinhos de estimação, maridão, combate a preconceitos, chocolate, e o que

¹¹ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. **Nossa memória.** Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/about/nossa-memoria/>>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

¹² BLOGUEIRAS FEMINISTAS. **Editorial.** Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/editorial/>>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

¹³ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>>. Acesso em 13 de setembro de 2014.

mais me der na telha” (ARONOVICH, online). O blog gerou o livro “Escreva Lola Escreva: crônicas de cinema”¹⁴, publicado em 2012, com 26 textos, sendo 5 inéditos.

A blogueira dá espaço para a publicação de cartas de leitores, junto de seus conselhos e informações que considere pertinentes. As críticas de cinema ainda são presentes no blog que também conta com crítica de mídia e comentários sobre pesquisas que envolvam assuntos do feminismo. Ao se definir “uma feminista ingrata com o patriarcado desde criancinha”, a autora afirma seu posicionamento político.

Esta monografia, que tem os blogs citados anteriormente como objeto de estudo, terá seu desenvolvimento dividido em dois capítulos teóricos e um de análise, junto da presente introdução e das considerações finais.

No segundo capítulo, denominado “Feminismo: raízes históricas e questões atuais” trato do movimento, sua história, suas nuances e a trajetória das teorias ao qual se fundamenta, estabelecendo uma relação com os acontecimentos que trouxeram a tona discussões de âmbito feminista. Algumas correntes feministas atuais são brevemente apresentadas logo após a problematização das questões de gênero e sexualidade.

O feminismo na atualidade, as causas recentes relacionadas ao direito à autonomia sobre o próprio corpo, contra a culpabilização de vítimas de estupro e feminicídio e as legislações que vão de encontro às reivindicações do movimento também são tratadas neste capítulo. São apresentadas a seguir as raízes do ativismo feminista na web. Como finalização do capítulo apresento um breve relato sobre as marchas denominadas “Slut Walks” como parte do processo de conhecimento das causas feministas possibilitado pela internet.

No terceiro capítulo, denominado “Mídias: o meio e a mensagem” falo sobre o jornalismo, suas responsabilidades e sua relação com o feminismo atualmente. Parto então para os blogs, sua história e a revolução comunicacional proporcionada pela internet. Na sequência trato da crítica de mídia inserida no contexto dos blogs feministas. No final do capítulo apresento os blogs selecionados para análise.

No quarto capítulo, “Análise”, explico a metodologia utilizada e as escolhas para a seleção dos blogs e dos textos para a análise de conteúdo. Essa metodologia

¹⁴ ESCREVA LOLA ESCREVA. **Como fazer a Lolinha muito feliz com R\$ 30**. Disponível em: <<<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/06/como-fazer-lolinha-feliz-com-menos-de-r.html>>>. Acesso em 13 de setembro de 2014.

foi escolhida para a execução do trabalho por recolher produtos encontrados na mídia, em diferentes formatos, a partir de uma amostra, com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos, enquadrando-os em categorias (HERSCOVITZ, 2010). A análise de conteúdo permite a percepção de tendências e a avaliação da produção de pessoas ou grupos – justamente o que objetiva esta monografia.

Cada texto analisado será brevemente resumido neste capítulo onde serão apresentadas as informações relevantes para a análise de conteúdo: de qual veículo se origina o conteúdo criticado, quem assina sua autoria e que fato gerou o produto, quais argumentos são usados na crítica contra esse produto e quais temáticas do feminismo são associadas à crítica.

Por fim, trago as considerações finais, onde apresento os números resultantes da análise de conteúdo e as inferências que podem ser realizadas a partir destes dados. Os assuntos mais recorrentes, os veículos e empresas mais criticados e a presença ou não de assinatura nos conteúdos criticados são alguns exemplos de resultados.

2 FEMINISMO: RAÍZES HISTÓRICAS E QUESTÕES ATUAIS

O presente capítulo traz um resgate histórico sobre o movimento e as teorias feministas, suas causas recentes e os fatores que levaram a criação de diversas correntes. Também serão trazidas as linhas feministas que foram se estabelecendo ao longo do tempo.

Esta pesquisa parte da concepção teórica de que as distinções de gênero podem ser explicadas e entendidas conforme a cultura – fator que dá orientação a essas diferenças (BUTLER, 2010; LAQUEUR, 2001; PISCITELLI, 2008; SCOTT, 1990; FAUSTO-STERLING, 2002). O conceito de gênero, usado como uma categoria analítica, será empregado de forma a diferenciar o que se entende por sexo, estendendo essa compreensão para além do que é considerado adequado para mulheres e homens, conforme os estudos de Scott (1990), Weeks (2010) e Louro (2010).

Como parte do processo de conhecimento das causas atuais do feminismo, será apresentado um breve relato sobre as *Slut Walks* (Marcha das Vadias), como exemplo de como a internet tem influenciado e contribuído com as causas feministas. O capítulo também traz um balanço de lutas recentes relacionadas ao direito à autonomia sobre o corpo feminino, contra a culpabilização de vítimas de estupro e as legislações que envolvem esses assuntos.

2.1 História do Feminismo

Na segunda metade do século XIX, no Ocidente, a sexualidade se torna foco da atenção do Estado, da medicina e das leis. A medida em que as sociedades se tornavam mais complexas, as teorias clássicas liberais de governo – baseadas nos direitos individuais – vão sendo modificadas para que se considerassem as estruturas de estado-nação, que constituem a democracia moderna (HALL, 1999). As nações voltam suas preocupações para a organização e o controle de suas populações, com o objetivo de garantir a produtividade. A disciplina e a regulação familiar, de reprodução e de práticas sexuais desenvolve a área da sexologia, com médicos e filósofos, pensadores e moralistas, que atribuíam classificações entre sujeitos e práticas sexuais e proclamavam descobertas sobre o sexo. Segundo a

pesquisadora Guacira Lopes Louro (2010), essa determinada visão de mundo (homens, brancos, de classe alta e heterossexuais) era a que estabelecia o que seria normal ou não, sadio e adequado, no contexto europeu.

Para o historiador e sociólogo Jeffrey Weeks, a regulação da sexualidade feminina nesta época era usada na tentativa de controlar as doenças venéreas que representavam uma ameaça à saúde da população.

Havia, de fato, uma grande dose de hipocrisia moral, já que os indivíduos (especialmente homens) e a sociedade aparentavam respeitabilidade, mas faziam algo bem diverso. A sexualidade das mulheres era severamente regulada para assegurar a "pureza", mas, ao mesmo tempo, a prostituição era abundante. As doenças venéreas representavam uma grande ameaça à saúde, mas eram enfrentadas através de tentativas de controlar e regular a sexualidade feminina em vez da masculina. (Weeks, 2010, p.53)

O feminismo surge em oposição à classificações da sexologia que esmiuçavam diferenças biológicas e afastavam homens e mulheres de sua igual condição humana. É neste contexto que se inicia, então, a luta pelo voto feminino e pela igualdade de direitos e salários nos países do Ocidente.

Paralelo ao desenvolvimento do feminismo também se dá a discussão sobre gênero, conceito que se firma através de diferentes áreas: das teorias do psicanalista Jacques Lacan, dos estudos da socióloga Madeleine Guilbert e dos trabalhos das feministas Simone de Beauvoir, Monique Wittig e Nancy Fraser, facilitando o debate sobre as temáticas que envolvem sexualidade. Com caráter prioritariamente social, estabelecido de forma a dar visibilidade as desigualdades enfrentadas pelas mulheres em relação aos homens, o conceito apontava para a impossibilidade de se basear no sexo – entendido como características físicas e biológicas dos corpos – para abordar as diferenças presentes em cada cultura.

Segundo a historiadora Joan Wallach Scott (1990), o termo gênero surgiu entre as feministas que pretendiam dar ênfase ao caráter social das distinções entre os sexos, rejeitando o determinismo biológico dos outros termos usados na época.

Na sua utilização mais recente, "gênero" parece primeiro ter feito sua aparição entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O gênero enfatiza igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade. (Scott, 1990, p.1)

Estudiosas feministas, como a filósofa e escritora Simone de Beauvoir (1908 – 1986), estabeleceram que o conceito levava a noção de que se tornar mulher supõe um aprendizado, presente no âmbito cultural de cada povo. Além disso, é importante

observar a necessidade do outro, do masculino e suas características opositoras, para que exista a identificação e construção desse sujeito feminino.

As marcas da feminilidade, para Louro (2010), são distintas em cada cultura, além de serem transitórias temporalmente. A dicotomia "masculino vs. feminino" é, portanto, uma construção cultural, relacional e em constante movimento.

Portanto, as marcas da feminilidade são sempre situadas, diferentes de uma cultura para outra; essas marcas se transformam, são provisórias. Inscrevê-las num corpo supõe, também, lidar com outras marcas ou melhor, lidar com as marcas distintivas do seu outro, a masculinidade. Percebe-se, então, que ao falar de gênero estamos nos referindo a feminilidades e masculinidades (sempre no plural). A potencialidade do conceito talvez resida exatamente nesta noção, a de que se trata de uma construção cultural contínua, sempre inconclusa e relacional. (Louro, 2010, p.332)

No início dos anos 1940 a evolução dos estudos feministas é desacelerada pelo avanço de uma onda conservadora que, segundo Weeks (2010), tinha como objetivo a formação de uma classe média consumidora nas democracias sociais do ocidente. Teorias baseadas nas diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, vem novamente a tona com a ideia de estabelecer comportamentos apropriados, fortalecendo a dicotomia e a relação de poder pré-existente entre os sexos (WEEKS, 2010).

Neste período, como registra Weeks, o objetivo de estabelecer papéis familiares para homens e mulheres traz uma maior preocupação com o controle de natalidade e o planejamento familiar.

Nos anos 1940 – o período crucial para o estabelecimento do bem-estar em muitas sociedades ocidentais – havia uma preocupação urgente com as vantagens do controle de natalidade ("planejamento familiar"), a fim de assegurar que as famílias fossem construídas pelo tipo certo de indivíduo, bem como uma preocupação com os papéis apropriados para homens e mulheres (especialmente mulheres) na família, no admirável mundo novo da democracia social. (Weeks, 2010, p.53)

Durante os anos 1960, se fortalecem as buscas pelos direitos civis e pela paz, com movimentos distintos reivindicando interesses de grupos sociais discriminados e marginalizados. A Guerra do Vietnã, a opinião pública contra a guerra, a ascensão do Rock como música de protesto e a efervescência cultural da época deram espaço para uma movimentação que favoreceu o fortalecimento do feminismo.

Para o sociólogo Stuart Hall (1999), esse período teve uma relação direta com o descentramento do sujeito cartesiano e sociológico quando possibilitou a contestação política de diferentes segmentos da vida em sociedade: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico e o cuidado com as crianças, entre outras

questões relacionadas. As lutas desse momento histórico fazem oposição à política da época e cada movimento desempenhava o seu papel crítico, baseado na cultura, se direcionando para a identidade social que os uniu, explica Hall:

O feminismo faz parte daquele grupo de "novos movimentos sociais", que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do "Terceiro Mundo", os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado a "1968". O que é importante reter sobre esse momento histórico é que:

- Esses movimentos se opunham tanto à política liberal capitalista do Ocidente quanto à política "estalinista" do Oriente.
- Eles afirmavam tanto as dimensões "subjetivas" quanto as dimensões "objetivas" da política.
- Eles suspeitavam de todas as formas burocráticas de organização e favoreciam a espontaneidade e os atos de vontade política.
- Como argumentado anteriormente, todos esses movimentos tinham uma ênfase e uma forma cultural fortes. Eles abraçaram o "teatro" da revolução.
- Eles refletiam o enfraquecimento ou o fim da classe política e das organizações políticas de massa com ela associadas, bem como sua fragmentação em vários e separados movimentos sociais.
- Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade - uma identidade para cada movimento. (HALL, 1999, p.44)

Esse contexto cultural do final da década de 1960 deu nova visibilidade ao movimento feminista. Segundo Louro (2010), as mulheres foram às ruas, participaram de passeatas e provocações, criaram grupos de apoio e pesquisa, escreveram publicações e teses, fizeram teatro e cinema, buscando direitos e salários iguais, demonstrando o fortalecimento de sua luta. É nessa fase que se consolidam conceitos e onde se abre espaço para a criação das diversas correntes do feminismo conhecidas hoje. O pessoal se torna plural e social, e o preconceito sofrido por uma pessoa se torna bandeira de luta de multidões.

Agregando as demais lutas de gênero, esse maior alcance do feminismo acabou por se entrelaçar com a busca por direitos e igualdade das demais "minorias sexuais"¹⁵. Gays, lésbicas, transexuais, bissexuais e transgêneros também encontraram no feminismo uma forma de se organizar e lutar por equidade.

Esse conjunto de movimentos sociais, que posteriormente passa a ser chamado de política de identidades por autores como Hall (1999) e Louro (2010),

¹⁵ A expressão minoria não se aplica ao número de indivíduos e sim ao entendimento de minoria a partir da ótica dominante.

era organizado por grupos historicamente subordinados. Suas reivindicações estavam centradas no direito de falar por si, como grupo social com representatividade e capacidade de fazê-lo:

Tudo isso não se constitui num simples "agito" cultural. Todo esse movimento, ao qual ainda tem de se acrescentar o movimento negro, constitui o que veio a se chamar de "política de identidades" – um conjunto de movimentos sociais organizados que teve e tem como protagonistas grupos historicamente subordinados (mulheres, jovens, negros, gays, lésbicas). O que esses grupos reivindicavam era, antes de tudo, o direito de falar por si. Esses grupos não admitiam continuar sendo falados, descritos, disciplinados e controlados pelos grupos dominantes. A política de identidades - uma política fundamentalmente afirmativa - acabaria por provocar transformações significativas na cultura contemporânea. (Louro, 2010, p.336)

Nos anos 1970 e 1980 o tema sexualidade se consolidou como uma questão política, particularmente pela criação de uma oposição aos movimentos sociais antes citados. Segundo Weeks (2010), a nova direita se estabelece usando o discurso do suposto declínio da família para argumentar contra o feminismo e a militância homossexual, atribuindo a esses movimentos uma ruptura com o ideal familiar e religioso dos indivíduos de cada nação.

Os discursos e estudos feministas evoluíram com a multiplicidade de autores iniciados no feminismo durante o período. É possível identificar, desde então, as marcas dos estudos gerados por essa produção intelectual, caracterizada pela politização de questões referentes ao cotidiano, a sexualidade, ao direito à autonomia sobre o próprio corpo e outros assuntos que acercam a questão de gênero.

São atribuídas a essa produção feminista – política, social, filosófica e cultural –, segundo Louro (2010), algumas características que personificam cada conteúdo, dando caráter intimista e revelador sobre a trajetória pessoal do autor. Materiais antes ignorados por questões de formato, tema e origem passam a ser valorizados e aproximados das ciências, da política, do direito e da filosofia.

Coloca-se aqui, no meu entender, uma das mais significativas marcas dos Estudos Feministas: seu caráter político. Objetividade e neutralidade, distanciamento e isenção, que haviam se constituído, convencionalmente, em condições indispensáveis para o fazer acadêmico, eram problematizados, subvertidos, transgredidos. Pesquisas passavam a lançar mão, cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida; de fontes iconográficas, de registros pessoais, de diários, cartas e romances. Pesquisadoras escreviam na primeira pessoa. Assumia-se com ousadia, que as questões eram interessadas, que elas tinham origem numa trajetória histórica específica que construiu o lugar social das mulheres e que o estudo de tais questões tinha (e tem) pretensões de mudança. (Louro, 2003, p. 19)

Uma nova fase do feminismo têm início nos anos 1990, voltada para o debate, o esclarecimento e a resolução de questões ignoradas anteriormente. É um período em que ganham visibilidade os crimes de violência contra a mulher, misoginia e homofobia, orientando governantes e legisladores a pensarem e se manifestarem sobre essas questões. Essa movimentação política resulta em leis que dão suporte as vítimas de tais crimes.

A Conferência Mundial de Direitos Humanos, que ocorreu em Viena em 1993, marcou a criação da Declaração de Eliminação da Violência Contra Mulheres¹⁶, onde sociedade civil e governos reconheceram que a violência doméstica é uma questão de saúde pública e envolve direitos humanos. A partir desse evento vários países desenvolveram legislações com o objetivo de dar visibilidade à violência contra mulheres. Nos Estados Unidos, por exemplo, o VAWA (*Violence Against Women Act*, de 1994)¹⁷ estabeleceu políticas públicas voltadas para a punição de feminicídios. No Brasil, apenas em 2006 a Lei Maria da Penha¹⁸ entra em vigor, como um reflexo dessa movimentação internacional contra a violência doméstica e o feminicídio.

Em alguns países, como Rússia, China, Uruguai, Estados Unidos e África do Sul, ganha mais força o debate sobre a autonomia das mulheres sobre seus corpos – a legalização do aborto e suas repercussões na saúde pública –, questão que, no Brasil, tem trazido muita polêmica, especialmente com a eleição de legisladores ligados a bancadas religiosas, em geral contrários ao aborto em qualquer circunstância.

¹⁶ PORTAL MULHERES. **Viena + 10: O reconhecimento dos direitos humanos das mulheres**. Disponível em: <<http://www.mulheres.org.br/violencia/artigos13.html>>. Acesso em 10 de maio de 2014.

¹⁷ FEMINIST MAJORITY FOUNDATION BLOG. **Violence Against Women Act Turns 20**. Disponível em: <<http://feminist.org/blog/index.php/2014/09/12/violence-against-women-act-turns-20/>>. Acesso em 11 de maio de 2014.

¹⁸ A Lei número 11.340, que tem o nome popular de Lei Maria da Penha foi criada com o objetivo de aumentar o rigor punitivo e facilitar prisões em flagrante nos casos de agressão contra mulheres, quando ocorridas no âmbito doméstico ou familiar. A lei possui esse nome em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, vítima de violência doméstica durante 23 anos que sofreu duas tentativas de homicídio. O marido de Maria da Penha foi punido com apenas 2 anos de prisão em regime fechado, após 19 anos de julgamento, fato que levou a vítima a registrar denúncia junto à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA).

2.2 Gênero e Sexualidade

Na sociedade contemporânea, cada indivíduo lida com os mais variados papéis, diariamente e por toda a vida. Filhos, estudantes, amigos, trabalhadores, pais, turistas, avós, observa-se a postura considerada adequada para cada posição e situação. Segundo a pesquisadora Anne Fausto-Sterling (2002), como portadores de um gênero, possuímos vivências moldadas por essa informação:

Money, Ehrhardt e as feministas colocaram os termos de tal maneira que sexo passou a representar a anatomia e o funcionamento fisiológico do corpo e gênero passou a representar as forças sociais que moldam o comportamento. As feministas não questionavam o domínio do sexo físico; o que era posto em questão eram os significados psicológicos e culturais dessas diferenças – o gênero. (Fausto-Sterling, 2002, p. 16)

Raça e classe, da mesma forma, dentro de uma sociedade e cultura, de determinado tempo, são fatores que alteram a experiência de vida. Dentro das facetas que nos são atribuídas e de características inatas encontramos um conjunto de ações social e culturalmente aceitos. Fausto-Sterling (2002) acredita que, ao transgredir esse conjunto de ações e escolher praticar uma ação que não está classificada como possível para o grupo social ao qual se pertence, são muitas as possíveis repercussões.

A expressão da sexualidade, tema muito debatido entre feministas, é marcado diretamente, segundo Weeks (2010), pela cultura. Relações de poder se estabelecem sobre os corpos dos sujeitos, de forma diferente para cada sociedade e época, atribuindo significados aos gêneros, ao que é um ser masculino ou feminino, implicando em hierarquias, subordinações e distinções. Segundo Weeks,

Nossas definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder. A mais óbvia dessas relações já foi assinalada na citação de Kraft-Ebing: as relações entre homens e mulheres, nas quais a sexualidade feminina tem sido historicamente definida em relação à masculina. Mas a sexualidade tem sido um marcador particularmente sensível de outras relações de poder. A Igreja e o Estado têm mostrado um contínuo interesse no modo como nos comportamos ou como pensamos. Podemos observar, nos últimos dois séculos, a intervenção da medicina, da psicologia, do trabalho social, das escolas e outras instâncias, todas procurando nos dizer quais formas apropriadas para regular nossas atividades corporais. (Weeks, 2010, p.42)

Weeks considera que essas relações de poder podem ser verificadas e questionadas considerando, por exemplo, pressupostos da psicologia

contemporânea. Diversos fatores influenciam continuamente no entendimento de masculino e feminino. A dicotomia entre os gêneros é compreendida de formas distintas pelas diferentes áreas do conhecimento.

Segundo o historiador e sexologista Thomas Laqueur (2001), a noção de que a sexualidade feminina está associada ao interesse por relacionamentos é exatamente a inversa do que se pensava no pré-iluminismo. Os fatores causadores dessa mudança de pensamento estão baseados na medicina do final do século XVIII. Laqueur observa que apenas após o reconhecimento do fato de que mulheres ovulam sem a necessidade do orgasmo é que se modificou o entendimento sobre o feminino e seu prazer sexual. Segundo este pesquisador,

O lugar-comum da psicologia contemporânea – de que o homem deseja o sexo e a mulher deseja relacionamentos – é a exata inversão das noções do pré-iluminismo que, desde a Antiguidade, ligava a amizade aos homens e a sensualidade às mulheres. As mulheres, cujos desejos não conheciam fronteiras no antigo esquema e cuja razão oferecia pouca resistência à paixão, tornaram-se, em alguns relatos, criaturas com uma vida reprodutiva anestesiada dos prazeres carnavais. Quando, no final do século XVIII, passou-se a pensar que "a maioria das mulheres não se preocupava com sentimentos sexuais", a presença ou ausência do orgasmo tornou-se um marco biológico da diferença sexual. (Laqueur, 2001, p.15)

A variedade de práticas sexuais as quais os humanos se dedicam está, segundo Fausto-Sterling (2002), diretamente ligada ao entendimento social dessas práticas – a época e a cultura são fundamentais no reconhecimento e entendimento do prazer. Segundo ela,

os humanos sempre se dedicaram a uma variedade de práticas sexuais, mas essa atividade sexual está presa a contextos históricos. Isto é, as práticas sexuais e o entendimento social sobre elas não variam apenas com as culturas, mas também no tempo. (Fausto-Sterling, 2002, p.37)

A complexidade dos corpos é compreendida por Fausto-Sterling como um fator de afastamento do sexo quanto categoria física pura. Para a pesquisadora, as funções corporais definidas como masculinas e femininas já estão misturadas com as ideias sobre gênero.

Segundo Butler (2010), a reiteração forçada de normas é materializada através do sexo. Práticas altamente reguladas produzem sujeitos reprimidos por essas regras, confirmando sua existência e materialização.

Assim, o sexo é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o sexo é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas

regulatórias materializam o sexo e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. (Butler, 2010, p.154)

Outros pesquisadores complementam a visão de Fausto-Sterling (2002). Weeks (2010), por exemplo, reitera que a sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico. Para Foucault (2001), a sexualidade humana é usada como um dispositivo, não apenas de reprodução, mas de proliferação, inovação, invenção e penetração nos corpos, de formas detalhadas com a intenção de controlar as populações.

2.3 Correntes Feministas

Depois de entendermos a importância da questão de gênero e da sexualidade para o feminismo, partimos para outro conceito importante: o de patriarcado que, para a antropóloga Adriana Gracia Piscitelli (2008), é fundamental para o entendimento de duas ramificações das teorias feministas. Considerado como um sistema de dominação masculina, sua noção pode ser compreendida de formas diversas. Feministas radicais, como Shulamith Firestone (1945 – 2012), autora do livro "A Dialética do Sexo", acreditam que a disseminação da concepção de patriarcado como sistema de opressão presente ao longo dos séculos permeando as culturas, implica em uma realidade separada dos homens e compartilhada entre as mulheres. Por sua vez, as feministas socialistas, como Clara Zetkin (1857 – 1933) e Aleksandra Kolontái (1872 – 1952), teriam o patriarcado compreendido como uma dimensão histórica de base material – ou seja, possuindo uma relação direta com os modos de produção de cada sociedade.

O estruturalismo¹⁹, segundo Laqueur (2001) traz a oposição como maior delimitador de diferenças – dando maior visibilidade a dicotomia entre os gêneros e estabelecendo a oposição como valor maior. Entretanto, o feminismo pós-estruturalista²⁰, com autoras como Joan Scott, reitera a importância de se considerar outras diferenças ao se pensar desigualdade: raça, classe social, idade, religião e região, entre outros.

¹⁹ Estruturalismo: corrente de pensamento nas ciências humanas inspirando no modelo da linguística que entende a realidade social como um conjunto formal de relações.

²⁰ Pós-estruturalismo: corrente de pensamento que se propõe a radicalizar e superar os conceitos do estruturalismo. Não se trata de uma oposição. Levando os conceitos e desenvolvimentos do estruturalismo ao seu limite, os pensadores dessa corrente se baseiam no construtivismo, desconstrutivismo, relativismo e pós-modernismo.

Feministas negras e feministas de terceiro mundo, entre outras correntes, compartilham da concepção pós-estruturalista construtivista²¹ que considera as experiências corporais como um resultado da existência do indivíduo inserido em uma cultura e um período histórico particular.

Para Fausto-Sterling (2002), o desenvolvimento de cada indivíduo incorpora suas experiências em seu corpo, não apenas na linguagem mas também nas práticas culturais. As diferenças entre corpo físico e social precisam, para a pesquisadora de biologia do gênero, ser desgastadas.

Levo a sério as ideias de Foucault, Haraway, Scott e outros, segundo as quais nossas experiências corporais devem sua existência ao nosso desenvolvimento em culturas e períodos históricos particulares. Mas, especialmente enquanto bióloga quero tornar mais específico o argumento. À medida que crescemos e nos desenvolvemos, nós, literalmente e não só "discursivamente" (isto é, através da linguagem e das práticas culturais), construímos nossos corpos, incorporando a experiência em nossa carne mesma. Para entender essa proposição, precisamos desgastar as distinções entre corpo físico e corpo social. (Fausto-Sterling, 2002, p.59)

A valorização da subjetividade está ligada a essa visão feminista. Segundo Piscitelli (2008), interseccionalidades e categorias articuladas são teorizações usadas pelo construtivismo para a compreensão de sujeitos na contemporaneidade.

O próximo tópico mostra como as articulações entre essas correntes feministas e a internet contribuíram para a causa, atualmente.

2.4 Feminismo Hoje

As manifestações recentes de apoio à causa feminista se concentram na reivindicação por direitos que garantam a equidade, em questões financeiras e nas que tangem a autonomia sobre o próprio corpo, além de uma maior rigidez na punição aos crimes de feminicídio, misoginia, preconceito racial ou de orientação sexual e violência doméstica.

Unido-se aos demais grupos, nomeados como minorias, feministas se dispõem, segundo Louro (2010), a discutir propostas, dividir experiências e, dessa forma, construir uma visão mais ampla sobre os movimentos e suas conquistas. Esse movimento em direção ao compartilhamento de experiências tem se ampliado:

Agora também mulheres, gays e lésbicas passam a falar de suas experiências e práticas, amorosas e sexuais; passam a falar de seus projetos, de seus sonhos e ambições, de suas experiências de trabalho e de

²¹ Construcionismo: corrente filosófica que considera cada forma de cognição, percepção e conhecimento como uma construção ativa autônoma de um observador.

vida. Esse movimento de afirmação e de orgulho da condição de gênero e sexual mostra-se vigoroso e parece ser um processo que continua e se amplia cada vez mais. Grupos organizados no campo e na cidade, nas vilas populares, de negros e negras, de índios e índias, assumem, cada vez mais, que são eles e elas que podem efetivamente falar de si, por si. Tudo isso faz com que as verdades sobre a sexualidade e sobre os gêneros – assim como outros temas – se multipliquem, se diversifiquem. Tudo isso faz com que, contemporaneamente, as certezas deixem de ser únicas, estáveis, seguras e infalíveis. (Louro, 2010, p.336)

Expandir a todos os direitos e as condições sociais que, historicamente, são privilégios de poucos – homens, heterossexuais, brancos – é uma das mais importantes metas da política afirmativa reivindicada pelos movimentos feministas hoje.

Para Fausto-Sterling (2002), estão no âmbito da cultura as mudanças requeridas na sociedade para que se alcance a realidade onde o que hoje entendemos como privilégios de poucos se tornem direitos de todos. Ao nascer, reitera Fausto-Sterling (2002), homens e mulheres não estão cientes de regras e leis que os diferenciam por seu gênero. E é essa uma das possíveis interpretações do que Simone de Beauvoir estabelece em sua célebre frase, do ensaio filosófico "O Segundo Sexo", publicado em 1949: "Não se nasce mulher: torna-se".

A partir do nascimento, cada indivíduo é ensinado a viver dentro dos parâmetros de sua cultura, por discursos repetidos pelo Estado, pela igreja, pela ciência e pela mídia. O feminismo busca, segundo Piscitelli (2008), identificar esses lugares de poder, disseminadores de crenças e valores, para então compreender as distribuições que colocam mulheres em posições desprivilegiadas. A história do feminismo demarca uma procura por ferramentas de análise que permitam a identificação das diferentes distribuições de poder que posicionam mulheres desigualmente e, se apropriando desse conhecimento, modificar esse posicionamento (PISCITELLI, 2008).

Perpassando a experiência feminista é possível identificar alguns elementos que se perpetuam no movimento. A defesa da parcialidade dos pontos de vista, a importância dada a subjetividade e a relevância atribuída as experiências pessoais são pontos que determinam características particulares do feminismo.

Segundo Fausto-Sterling (2002), na busca por essa parcialidade premeditada, estudiosas feministas se posicionam e, a partir desse posicionamento prévio, produzem e disseminam seus saberes.

A maioria das estudiosas feministas se ocupa de relações de poder no mundo real. Muitas vezes chegaram à sua obra teórica porque queriam entender (e mudar) a desigualdade econômica, política e social. Ao contrário dos habitantes dos outros dois mundos, as teóricas feministas rejeitam o que Dona Haraway, importante teórica feminista, chama de "truque de Deus" – a produção de conhecimento a partir de cima, a partir de um lugar que nega a localização do estudioso individual num mundo real e problemático. (Fausto-Sterling, 2002, p.23)

Na linha das particularidades do feminismo, Donna Haraway (1994), diz que é necessária a criação de uma ciência feminista que traga junto a ela uma linguagem comum, utópica e imperialista, capaz de nomear fielmente cada experiência com o objetivo de dissolver contradições.

A permanente parcialidade dos pontos de vista feministas acarreta consequências para a nossa expectativa de formas de organização política e de participação. Não necessitamos de uma totalidade para que trabalhe melhor. O sonho feminista de linguagem comum, como todos os sonhos de uma linguagem perfeitamente verdadeira, de uma forma de nomear a experiência perfeitamente fiel, é totalizante e imperialista. Neste sentido, também a dialética significa uma linguagem de sonho, ambicionando resolver a contradição. Talvez, de forma irônica, possamos aprender nossas fusões com os animais e máquinas como não ser Homem, a corporificação do logos ocidental. Do ponto de vista do prazer nestas fusões poderosas e acima de elementos tabu, tornadas inevitáveis pelas relações sociais da ciência e da tecnologia, deveria realmente existir uma ciência feminista. (Haraway, 1994, p.272)

No próximo tópico são abordadas as mudanças trazidas pela internet e por dispositivos tecnológicos que permitiram a aproximação de pessoas interessadas em estudar e se engajar no feminismo.

2.4.1 Ativismo feminista na internet

Segundo Castells (1999), nas últimas décadas o movimento feminista passou a enxergar o caráter patriarcal das estruturas das sociedades contemporâneas, devido as facilidades proporcionadas pela era da informação. O sociólogo espanhol atribui a esse contexto a construção de novas identidades, no caso femininas e feministas, associadas a outros fatores: (1) transformação da economia e do mercado; (2) saltos tecnológicos em áreas como biologia, farmacologia e medicina, com impacto direto no campo dos direitos sexuais e reprodutivos; (3) capacidade do movimento feminista em afirmar o conceito de que o pessoal é político, de forma a se relacionar com os direitos humanos; (4) rápida difusão de ideias via meios de comunicação, em especial, pela internet.

A internet proporcionou um ambiente livre para o debate desde seus primórdios, com listas de emails, que acabaram se transformando em fóruns e com o tempo ocuparam as comunidades e grupos de redes sociais, sites, revistas eletrônicas, blogs e demais formatos. Ao fim dos anos 1990, uma das pioneiras nesse processo foi a jornalista espanhola Montserrat Boix, que, em suas viagens constantes, observou a realidade de países atingidos pelo fundamentalismo religioso, onde os movimentos pelos direitos das mulheres eram reprimidos com severidade. Identificando a internet como lugar de denúncia, a jornalista criou o grupo *Mujeres en Red* (NEGRÃO, 2006).

Unindo-se a outras jornalistas, Boix deu início a formação da equipe de trabalho da APC²², criando a *APC-Mujeres*, com o objetivo de criar espaços na internet para a discussão das questões feministas e de direitos humanos. Os primeiros grupos criados foram: *American International Health Alliance*, *Boston Women's Health Book Collective*, *Casa de Cores*, *Center for Women's Global Leadership*, *Femnet*, *Equality Now*, *Global Fundation for Women*, *Isis Internacional e De Mujer a Mujer* (BOIX, 2001).

Com o passar do tempo, em vários países, passam a ser mais visíveis as articulações de grupos de mulheres na internet. Segundo a cientista política Telia Negrão (2006), no início dos anos 2000 se fortalece uma rede de distribuição de informação, via sites e e-mails, de emissão periódica, direcionada para a temática de gênero. Iniciativas questionando a governança da internet e o papel da sociedade nos rumos da tecnologia são do mesmo período.

Dentro desse contexto de pluralidade e maior facilidade de expressão de setores antes marginalizados, acentuado pela rede mundial de computadores, são criadas páginas, revistas eletrônicas e blogs feministas, com intuito de reconstruir a história das mulheres e divulgar o pensamento feminista em suas variadas facetas, como explica a socióloga Bruna Barreiros,

O ciberespaço pode amplificar a possibilidade das pessoas trocarem informações e engajarem-se em causas políticas. Interconectados(as) na rede mundial de computadores, setores marginalizados da sociedade, tais como mulheres, negros(as), homossexuais e transexuais, podem, potencialmente, expressar suas identidades de formas diferentes daquelas através das quais se comunicam em outros ambientes offline. (Barreiros, 2012, p.140)

²²Associação para o Progresso das Comunicações

Em paralelo a criação das redes e fóruns feministas, estabelece-se a ideia do ciberfeminismo. Segundo Negrão (2006), quatro jovens australianas - Josephine Starrs, Juliane Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barratt - criaram em 1991 o grupo VNS Matrix, divulgando o *Ciber-manifesto para o século 21*²³. Segundo o *subRosa*²⁴, o ciberfeminismo é uma manifestação do feminismo focada em novas tecnologias digitais voltadas para a discussão de melhorias nas condições políticas, econômicas e pessoais nas vidas das mulheres.

No Brasil, alguns anos mais tarde, surgem algumas páginas feministas que se unem a uma comunidade internacional mais sólida. Em 2006, Telia Negrão faz um levantamento dos sítios feministas brasileiros que encontra. Diz:

Atendo-nos às páginas feministas, uma sondagem rápida pelos portais de “busca” remeterá a algumas das mais conhecidas, entre elas: Rede Feminista de Saúde (www.redesaude.org.br), Cfemea (www.cfemea.org.br), Agende - Ações de Gênero, Cidadania e Desenvolvimento (www.agende.org.br), Geledés (www.geledes.org.br), Rede Mulher de Educação (www.redemulher.org.br) e SOF - Sempre Viva Organização Feminista (www.sof.org.br). O que as caracteriza é uma orientação temática específica que expressa o seu vínculo com os “instrumentos internacionais” gerados pelo Ciclo Social da ONU (Organização das Nações Unidas). (NEGRÃO, 2006, p.56)

Ao aproximar grupos com interesses em comum, a internet também proporcionou e potencializou o espaço para o conhecimento do feminismo, ampliando o debate – antes mais localizado nas grandes cidades e nas universidades – para cidades menores. Elemento importante nessa potencialização da democratização do debate feminista são os blogs feministas, que passaram a ser um espaço de referencia de informação e reflexão sobre os acontecimentos atuais e as lutas feministas.

A diversidade de opiniões acerca de conteúdo midiático está diretamente relacionada as identidades múltiplas ou relacionais, caracterizadas dentro da pós modernidade por teóricos como Hall. Segundo Hall (1999), essas identidades construídas culturalmente são ocasionadas por um conjunto de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências que demarcam cada sujeito como único e individual e resultam em identificações e posições adotadas ao longo da vida.

O que denominamos "nossas identidades" poderia ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro,

²³ Homenagem à Donna Haraway, teórica cultural já citada no presente trabalho. Autora do “Manifesto para Ciborgues”, de 1985.

²⁴ SUBROSA. **Welcome to cyberfeminism.net**. Disponível em: <<http://www.cyberfeminism.net/>>. Acesso em 01 de setembro de 2014.

mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (Hall, 1997, p.26)

A politização e o engajamento das autoras de blogs feministas gera um conteúdo militante, com diversas opiniões e ideias, dando visibilidade a temas marginais, dificilmente tratados com a mesma profundidade e interesse por outros meios de comunicação.

Um questionamento válido nesse momento se dá sobre o interesse de ativistas do feminismo em inserir suas pautas dentro do aparelho de publicização do jornalismo. Seria essa adaptação uma forma de desvirtuar as causas? Dar visibilidade as lutas seria um retorno suficientemente vantajoso diante dessa imposição de formato? Essas ainda são questões sem resposta.

2.4.2 Slut Walk

Para exemplificar as manifestações feministas recentes potencializadas pela internet, trago o exemplo da Marcha das Vadias (*Slut Walk*), que aconteceu pela primeira vez no Canadá, em 2011, após uma série de eventos que tiveram por suporte a veiculação de uma opinião misógina atribuída a um policial em uma rede de televisão aberta local. Em janeiro de 2011 ocorreram diversos casos de abuso sexual contra mulheres nas proximidades da Universidade de Toronto. Foi o que motivou o policial Michael Sanguinetti, ao ser entrevistado sobre o assunto, afirmou que "as mulheres evitassem se vestir como vadias, para não serem vítimas"²⁵.

O primeiro protesto, acontecido em abril de 2011, levou três mil pessoas às ruas de Toronto. O movimento surgiu a partir deste dia e se internacionalizou, sendo realizado em mais de 20 países, dentre eles Holanda, Colômbia, Estados Unidos e Índia. No Brasil, a marcha já ocorreu em mais de 20 cidades, entre elas São Paulo, Goiânia, Florianópolis e Fortaleza. Em Porto Alegre, a Marcha das Vadias teve 4 edições. A última ocorreu em 27 de abril de 2014 e reuniu manifestantes no Parque Farroupilha²⁶.

²⁵ WIKIPEDIA. **Slut Walk** e **Marcha das Vadias**. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/SlutWalk>> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_das_Vadias>. Acesso em 21 de abril de 2014.

²⁶ MARCHA DAS VADIAS PORTO ALEGRE. **Evento no Facebook e Tumblr**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/532655696847499/>> e <<http://marchadasvadiaspoa.tumblr.com/>>. Acesso em 21 de abril de 2014.

A Marcha das Vadias protesta contra a crença de que as mulheres são vítimas de estupro e demais tipos de violência – física ou verbal – por estarem vestidas de forma provocadora. Louro (2010) explica que grupos como esse desafiam as fronteiras tradicionais de gênero, com a intenção de questionar as dicotomias do socialmente aceitável para homens ou mulheres na busca por reconhecimento e legitimação.

Essas manifestações tem unido mulheres na luta pela equidade de gênero. Com cunho não governamental e sem fins lucrativos, a Marcha das Vadias está associada à busca pela aprovação de leis que punam com maior rigidez atos de violência sexual, doméstica e misoginia, e tem ganho papel importante no esclarecimento e engajamento de pessoas dentro do feminismo.

3 MÍDIAS: O MEIO E A MENSAGEM

O presente capítulo trata de mídias começando pelo jornalismo, suas responsabilidades e sua relação com o feminismo na atualidade. Os blogs, sua história e as mudanças na comunicação associadas a internet estão nesse capítulo que também trata da crítica de mídia inserida no contexto dos blogs feministas. Por fim, os blogs escolhidos para a análise são apresentados.

Neste capítulo o papel do jornalismo, enquanto mídia, é problematizado. Sua relação com o feminismo e o estabelecimento de lugares de saber e poder são questionados. Logo depois, os blogs são contextualizados historicamente, com particular atenção para os blogs pessoais com foco opinativo. A crítica de mídia, elemento presente em blogs feministas, também é tratada na sequência. Justifico minha decisão pelos blogs Cem Homens, Escreva Lola Escreva e Blogueiras Feministas no último item deste capítulo, apresentando o contexto em que foram criados.

O jornalismo, um dos principais interpretadores da realidade, ainda que em um momento de crise, será abordado a seguir.

3.1 Jornalismo

Desenvolvido como instituição social ainda no século XVII, o jornalismo moderno, que ainda hoje identificamos diariamente em todo o planeta, tem como deveres, segundo o pesquisador Fraser Bond (1962): independência, imparcialidade, exatidão, honestidade, responsabilidade e decência. Esse conjunto de pressupostos forma o ethos romântico, que se mantém sobre a vocação, a missão e a responsabilidade social, segundo Lago (2003). Outro ponto a se considerar é a premissa da qualidade da informação. Para Neveu (2005), é necessária uma informação inteligível, completa e contraditória, sendo reflexo do maior número possível de ângulos da vida social.

Mesmo com as transformações ocorridas na área em função do desenvolvimento tecnológico e do processo que Fidler (1997) define como “midiamorfose”, o jornalismo ainda exerce papel determinante na construção e ampliação da democracia e da cidadania: sua responsabilidade social se concretiza

com a incorporação da alteridade, ou seja, acrescentando elementos do olhar antropológico (LAGO, 2010). Ao atuar na sociedade, por meio dos conteúdos que produz, o jornalista age para falar do outro e se direciona ao outro (LOPES, 2013). Para Márcia Benetti (2010), pesquisadora em jornalismo, a objetividade é apenas uma intenção nos textos jornalísticos, por causa dessa relação com a alteridade. Explica,

Ora, se o discurso depende dos sujeitos para existir, isso significa que é produzido por esses sujeitos – não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê. O discurso é, assim, opaco, não-transparente, pleno de possibilidades de interpretação. Assumir essa característica como um dos pressupostos do jornalismo leva-nos a reconhecer que o texto objetivo é apenas uma intenção do jornalista, restando-lhe elaborar um texto que no máximo direcione a leitura para um determinado sentido, sem que haja qualquer garantia de que essa convergência de sentidos vá de fato ocorrer. (Benetti, 2010, p.108)

Dessa forma, a intenção de um emissor, por mais direcionado a leitura para um determinado sentido, será interpretado conforme os conhecimentos e a visão de mundo do receptor. A busca pela objetividade se torna, portanto, uma busca incessante e incerta. Ao produzir um conhecimento particular sobre os fatos, o jornalismo reproduz conhecimentos gerados por outros atores, sendo, dessa forma, um modo de conhecimento (BENETTI, 2010).

A possibilidade de convergência de sentidos é facilitada por uma relação entre mídia e alteridade, que se estabelece quando é percebido o caráter pedagógico da mídia. Para Fischer (1997), há um dispositivo pedagógico capaz de criar uma lógica discursiva que faz a mediação entre o que criadores e emissores pensam sobre o produto de seu trabalho e o conteúdo que o público aceita e/ou deseja consumir. Sobre sua hipótese, afirma Fischer (1997),

Trabalho com a hipótese de que há um "dispositivo pedagógico" na mídia, o qual se constrói através da linguagem mesma de seus produtos; de que há uma lógica discursiva nesses materiais, que opera em direção à produção de sentidos e sujeitos sociais; e de que há uma mediação, na relação complexa entre os produtores, criadores e emissores, de um lado, e os receptores e consumidores de outro, a qual é dada particularmente pelo modo como se estruturam os "textos midiáticos". (Fischer, 1997, p. 63)

Esse dispositivo pedagógico seria capaz de estabelecer uma linguagem em comum, compreendida pelo receptor pela repetição do formato de sua emissão. A visão de um acontecimento, pelos olhos de um produtor de conteúdo estaria condicionada a formatar a mensagem sobre esse acontecimento de forma a comunicar dentro de um padrão reconhecido por seu público.

Segundo Márcia Veiga da Silva (2011), pesquisadora em jornalismo e gênero, a função pedagógica do jornalismo reproduz conhecimentos legitimados contribuindo com a informação dos sujeitos, devido ao seu posicionamento quanto lugar de verdade. A necessidade de explicar o mundo com base na verdade faz uso de recursos técnicos e humanos, gerando significados e realidades. Explica,

A função pedagógica do jornalismo pode ser percebida na reprodução e circulação do acervo dos conhecimentos socialmente construídos e culturalmente legitimados que ajudam a informar os sujeitos na contemporaneidade. Sua função "educativa" se traduz, sobretudo, pela necessidade de "explicar" o mundo sempre baseado na "verdade" e fazendo uso de recursos técnicos e humanos capazes de ilustrarem esses saberes gerando significados. O jornalismo, assim, se reflete num conhecimento social e cultural que ensina ao mesmo tempo que constrói realidades. (Silva, 2011, p.185)

Ao resultar em conhecimento cultural, ensinando e construindo realidades, o jornalismo também aponta para o que se espera, socialmente, dos indivíduos. A notícia lida com o inesperado, perigoso, digno de nota e atenção e, como conceito fundamental dentro do jornalismo, se estabelece como eixo norteador de padrões de normalidade (BENETTI, 2010).

Profissionais de jornalismo tem, diante de si, a responsabilidade da transformação de acontecimentos em notícias (SILVA, 2011). Capazes de produzir sentidos em cima de fatos, jornalistas são responsáveis por voltar a atenção do público para determinado acontecimento.

Assim, os jornalistas, responsáveis pela transformação dos acontecimentos em notícias, são centrais. São eles os elementos humanos capazes de produzir significados a partir dos sentidos que determinados fatos lhes geram ou não; são eles os responsáveis por dar "vida" ao acontecimento pelo reconhecimento dos valores-notícia capazes de transformá-los em notícia. (Silva, 2011, p.186)

Associados ao entendimento pessoal de cada profissional de jornalismo sobre o que é notícia, os valores-notícia das empresas de comunicação também influenciam e determinam significados aos fatos. O sociólogo Ignacio Ramonet (2012, p.44) questiona a atuação de jornalistas, ao trabalhar para um grupo de comunicação: "um jornalista pago por uma empresa, cujos artigos – todos favoráveis à ação da empresa que o emprega – são relidos e validados pelos dirigentes desta, é um verdadeiro jornalista?".

Segundo Ramonet (2012) o jornalismo guia parâmetros sociais, colabora na criação de desigualdades e modifica ou solidifica relações de poder. Ao criar distinções e legitimar alguns conhecimentos em detrimento de outros, contribui com

o status quo. É nesse aspecto que falo, a seguir, da relação do jornalismo com o feminismo.

3.1.1 Jornalismo e feminismo

É sabido que, assim como outros assuntos do nosso cotidiano, o jornalismo tem papel considerável para o estabelecimento das pautas feministas como válidas e dignas de atenção. Dispositivo capaz de construir discursos, estabelecer posições e projetar identidades (FISCHER, 1997), é uma prática profissional com papel educacional e de formação de opinião bem delineado.

Na cobertura jornalística de assuntos relacionados a mulher, se destaca uma caracterização sensual feminina que, segundo Louro (2010), reforça estereótipos e prescreve comportamentos aceitáveis para as mulheres e contribui para a continuidade de comportamentos que reforçam a desigualdade de gênero. Como explica Louro (2010):

Nas sociedades modernas - pelo menos nas sociedades ocidentais, dentre elas expressivamente a brasileira - a sexualidade parece assumir centralidade. Por toda parte vendem-se produtos apelando para o sexo, uma porção de especialistas e celebridades pretende nos ensinar técnicas e estratégias para manter os corpos atraentes e jovens; médicos e psiquiatras, bem como conselheiros, orientadores religiosos, etc. prescrevem práticas sexuais adequadas e condenam tantas outras. Enfim, por todo lado, comportamentos e identidades sexuais são controladas e vigiadas e não é preciso ser um exímio observador para perceber que esses conselhos e normas assumem tons e diretivas diferentes conforme os gêneros. (Louro, 2010, p.333)

Esse pressuposto se aplica na sociedade brasileira atual através de marcadores de gênero, classe, raça e orientação sexual. Silva (2010) explica que as notícias participam da produção e hierarquização desses marcadores, deixando rastros sobre como essas diferenças se tornam desigualdades em nossa cultura. As questões trazidas por pesquisadoras feministas – como as que faz Weeks (2010, p.46), por exemplo: "Por que a dominação masculina é tão endêmica na cultura? Por que a sexualidade feminina é vista tão frequentemente como subsidiária da sexualidade do homem?" –, aparecem diariamente como um ponto a se considerar na crítica que se faz ao jornalismo, um tanto perdido em meio as transformações que vem ocorrendo.

Ramonet (2003) diz que na medida em que se intensifica a globalização ao longo dos últimos vinte anos a imprensa se vê esvaziada de sentido, perdendo a sua

função fundamental de contrapoder. Para ele, se torna cada vez mais urgente a necessidade de um “quinto poder”, em oposição à pasteurização do noticiário e às estratégias de unificação do pensamento. Esse novo poder teria como protagonista a sociedade civil, ultrapassando os poderes até então atribuídos as empresas jornalísticas. A desigualdade de gênero, enfatizada nas questões trazidas por Weeks (2010), provavelmente teria um tratamento diferenciado dentro da realidade criada por esse novo poder.

Segundo Silva (2011), a desigualdade se propaga através de corpos, discursos, conhecimentos, práticas e relações: o jornalismo, através das notícias, é responsável pela criação de símbolos culturais hegemônicos, sendo capaz de legitimar o que é reconhecido como masculino e feminino, apontando também os seus lugares sociais.

As distinções de gênero não raro se transformam em relações desiguais entre o masculino e o feminino em todos os campos da vida social: nos corpos, nos discursos, nos conhecimentos, nas práticas sociais, nas famílias e até mesmo nas notícias. É a partir dos símbolos culturais hegemônicos, produzidos nas instâncias de poder, que se operam os sentidos entendidos como legítimos sobre o que significam o masculino e o feminino, indicando, também, os seus lugares sociais. (Silva, 2011, p.185)

As notícias, portanto, contribuem para a construção de símbolos culturais que criam sentidos sobre o que se entende por feminino e masculino e dentro dessa significação se estabelecem as instâncias de poder capazes de regular o que é aceito ou não de cada indivíduo.

A parcialidade dos pontos de vista, a importância dada a subjetividade e a relevância das experiências pessoais são pontos a serem considerados dentro do feminismo (PISCITELLI, 2008). É possível relacionar tais pontos com a Teoria Construcionista, que surge nos estudos de jornalismo nos anos 1970 em oposição ao ideal positivista de que o jornalismo seria capaz de apresentar a realidade sem distorções (BENETTI, 2010).

Benetti (2010) argumenta que toda e qualquer representação da realidade é uma construção subjetiva, que depende das visões de mundo e experiências de seu interlocutor.

A Teoria Construcionista surge, nos estudos de jornalismo, nos anos 70 do século XX, em contraposição às visões filiadas ao paradigma positivista, segundo as quais o jornalismo seria capaz de refletir a realidade como ela é – vale pontuar que toda conclusão de que o jornalismo distorce a realidade tem, como pano de fundo a crença positiva de que seria possível, desde que munido de boa intenção e ferramentas adequadas, retratá-la fielmente. Não há lugar para essa crença no Construcionismo, que se insere no

paradigma construtivista, segundo o qual toda representação é uma construção subjetiva da realidade. (Benetti, 2010, p.110)

Nesse sentido, há um problema: o ideal positivista de um jornalismo capaz de refletir a realidade se torna desnecessário dentro de um contexto feminista, onde as subjetividades são intrínsecas e necessárias para que alguém conte uma história.

Para Piscitelli (2008), a história do feminismo é marcada pela busca por ferramentas que identifiquem distribuições de poder que posicionam mulheres desigualmente na sociedade. Segundo a autora, se apropriando desse conhecimento, seria possível reparar essas desigualdades.

Dispondo do poder e da capacidade de tornar um fato notícia ou não e escolhendo o enfoque e a forma como o assunto vai ser tratado cada profissional de jornalismo é diretamente responsável pelos critérios que aplica, pelos conhecimentos que dissemina e pelo poder que atribui.

O acontecimento, ao se tornar discurso ou notícia, se replica em outro acontecimento, com visibilidade aumentada e, segundo Rodrigues, com identificação e notoriedade asseguradas.

É o próprio discurso do acontecimento que emerge como acontecimento notável a partir do momento em que se torna dispositivo de visibilidade universal, assegurando assim a identificação e a notoriedade do mundo, das pessoas, das coisas, das instituições. (Rodrigues, 1998, p.29)

É nessa transformação, de acontecimento em notícia e, novamente, em acontecimento, que o senso comum e os valores-notícia são aplicados pelos profissionais de jornalismo e onde se localiza o alvo das críticas feministas.

A liberação do polo de emissão da informação, proporcionado pela internet permite que pessoas sem formação em jornalismo criem e usem ferramentas na rede (como os blogs) para a publicação de informação e opinião. Os valores-notícia se modificam diante dessa nova realidade, onde mais pessoas tem o poder de decidir o que é ou não notícia. A seguir, um breve histórico dos blogs e das mudanças provocadas pela internet na comunicação.

3.2 Blogs

A definição inicial de blog vêm do termo *weblog*, onde "*web*" localiza esse conceito dentro da *World Wide Web* (WWW) e "*log*" significa a ação de registrar

atividades. Criado em 1997, o termo está relacionado a ideia de possuir um espaço para armazenar e compartilhar informações pertinentes a um determinado autor.

Bausch, Haughey e Hourihan (2002) marcam o início dos blogs, como conhecemos atualmente, pela primeira postagem de Dave Winer no *Scripting News*, em abril de 1997. Os primeiros blogs eram sites criados por pessoas que possuíam conhecimentos de informática e usavam esse espaço para compartilhar informações de seu interesse. Os webloggers da época tinham conhecimentos específicos de informática e de redes que permitiam a manutenção de seus espaços na internet.

Menos de dois anos depois surgem as primeiras ferramentas de publicação de conteúdo gratuitas, como Blogger²⁷, Wordpress²⁸ e LiveJournal²⁹. Os serviços eram baseados em CMS (do inglês *Content Management System*), sistemas de gerenciamento de conteúdo, permitindo aos usuários criar, editar, gerenciar e publicar conteúdo de forma organizada. O crescimento dos blogs é notável a partir deste marco.

Essas plataformas de publicação ofereciam suporte para a criação de blogs sem que fosse necessário o conhecimento em HTML – linguagem de marcação de texto lida pelos navegadores de internet – e o domínio de FTP – sistema de envio e gerência de arquivos necessária para levar os arquivos HTML até o servidor. Uma das primeiras ferramentas gratuitas dessa época – e que até hoje mantém o status de uma das mais usadas – o Blogger, criado pela Pyra Labs em agosto de 1999, é atualmente um serviço Google.

A disponibilização desse sistema facilitado de publicação acabou atraindo um público cada vez maior de interessados em possuir seu espaço de publicação na internet. Em 2004 se contabilizavam 4 milhões de blogs e, em 2007, com a estatística de criação de um blog por segundo, esse número chega aos 112 milhões de unidades³⁰. Era notável a consolidação dos blogs como um novo meio de publicação na web, caracterizado pela formatação dada ao seu conteúdo em ordem cronológica reversa e pela liberdade de temas tratados pelo seu autor, correspondendo à persona do autor (FOLETTTO, 2009).

²⁷ BLOGGER. Disponível em: <<https://www.blogger.com/>>. Acesso em 15 de outubro de 2014.

²⁸ WORDPRESS. Disponível em: <<https://wordpress.com/>>. Acesso em 15 de outubro de 2014.

²⁹ LIVEJOURNAL. Disponível em: <<http://www.livejournal.com/>>. Acesso em 15 de outubro de 2014.

³⁰ WIKIPEDIA. **Blog**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>>. Acesso em 14 de outubro de 2014.

A gratuidade e a facilidade de acesso permitem o desenvolvimento deste cenário onde qualquer pessoa com acesso à internet tenha a possibilidade de criar blogs, postando o conteúdo que quiser. Dessa forma a liberação do polo emissor se torna uma realidade (LEVY, 1999) que altera a dinâmica da comunicação e da informação. Apesar da liberação do polo emissor e da liberdade criada pelo estabelecimento de uma blogosfera ativa, segundo Foletto (2009) o fato de haver espaço para todos não garante, por si só, que exista visibilidade e para todos.

Por ser gratuito e de fácil acesso, qualquer um pode criar um blog e postar o que quiser nele, inclusive informação de relevância jornalística. Assim, ocorre a liberação do polo de emissão da informação para qualquer um que tenha o interesse em obtê-lo, não o deixando somente com os agentes do campo jornalístico. Subverte-se o tradicional lugar de emissão; é aberta uma brecha para que outros emissores possam ocupar um espaço que até então não existia, fazendo com que mais pessoas tenham o seu lugar para informar e o use da maneira que achar adequado – muito embora ter esse espaço, por si só, não garanta uma visibilidade significativa a ele. (Foletto, 2009, p.203)

A lógica comunicativa iniciada com a prensa de Gutenberg, dependente de um polo emissor que se localizada nas mãos de poucos, com poder e capacidade para selecionar, produzir e distribuir as informações que decidisse mais apropriadas, passava (e ainda passa) por uma transformação. A quebra dessa realidade se dá ao final do século XX, quando qualquer pessoa com acesso a internet passa a poder, com mínimos recursos, produzir informação e disseminá-la, através de seu espaço na internet.

Essa mudança torna obsoleta a lógica vertical de circulação de informação. Os blogs forçam a relação mídia–leitor ser mais horizontalizada e até mesmo circular, criando uma necessidade de feedback desconhecida anteriormente. No que diz respeito ao jornalismo, Ramonet diz que:

O fato novo é que as pessoas que acessam os conteúdos dos jornais por essa via desejam, de sua parte, ser lidas e escutadas. A informação não circula mais em sentido único. A lógica "vertical" que caracterizava a relação mídia-leitor torna-se, de agora em diante, cada vez mais "horizontal" ou "circular". (Ramonet, 2012, p. 19)

Comentários, críticas, compartilhamentos e demais possibilidades fazem o conteúdo jornalístico um produto a ser retrabalhado. O reaproveitamento de conteúdo – facilitado pelos links, pela citação de fontes, pela facilidade de acesso a pessoas e informações – é uma realidade trazida pela internet e fomentada pelos blogs.

Os conteúdos são mais facilmente produzidos e distribuídos, fortalecendo uma cultura cada vez mais global de colaboração, pela proximidade – mesmo

quando há distância geográfica – proporcionada pela internet (CHRISTOFOLETTI, 2014).

O diálogo, a troca de informações e o debate são beneficiados pela criação e popularização dos blogs. O conteúdo jornalístico, segundo a jornalista e pesquisadora Silvana Dalmaso (2010), logo passa a ser usado para fomentar discussões. Explica,

Os blogs são exemplos de formatos comunicativos que exploram as possibilidades do hipertexto para o diálogo, a conversação pública e o debate sobre temas da agenda midiática. Na medida em que divulgam conteúdos de interesse jornalístico, os blogs atuam como veículos promotores de discussões sobre assuntos da atualidade. (Dalmaso, 2010, p.14)

Nos últimos anos, com a ascensão das redes sociais como Facebook e Twitter, os blogs deixaram de ter a importância que tinham no início dos anos 2000, como a principal ferramenta de publicação de conteúdo na rede. Ainda assim, diariamente, em todo o planeta, mais de 3 milhões de postagens em blogs³¹ são criadas. Passados os anos de novidade, a blogosfera hoje se afirma como um espaço popular e plural de comunicação que deve ser considerada nos estudos da área.

3.2.1 Blogs pessoais opinativos

O blog é o primeiro formato nativo da web. O post, sua unidade básica, é diferente do artigo ou da página. Autores de blog tem a possibilidade de escrever da forma que acharem mais apropriada sobre cada assunto que abordam em seus espaços (BLOOD, 2003). Por ser um formato de publicação que se centra no conteúdo, os blogs multiplicaram as opções dos internautas para a divulgação de seus conteúdos, sem a necessidade de intermediários (ORIHUELA, 2005).

Os primeiros blogs surgiram como sites pessoais, dedicados a comentários e links para outros sites. Proporcionavam um espaço livre onde seus autores escreviam da forma que achassem mais apropriada sobre cada assunto que abordavam e escolhiam (BLOOD, 2003). Os blogs possibilitaram a disseminação de conteúdos autorais e opinativos, por dispensar investimentos em impressão e

³¹ Dados do site WORLDMETERS. Disponível em: <<http://www.worldometers.info/pt>>. Acesso em 16 de outubro de 2014.

distribuição. Ao divulgar conteúdos midiáticos, alguns blogs combinam dois gêneros jornalísticos: o opinativo e o informativo (MARQUES DE MELO, 2003).

O site do estadunidense Dan Gillmor, criado em 1999, pode ser considerado um dos primeiros casos de blog alimentado por um jornalista na web (ORIHUELA, 2006). Em seu espaço online, Gillmor (2004) postava sua coluna sobre tecnologia, também publicada no jornal San José Mercury News, um jornal do Vale do Silício. O público leitor de sua coluna, habituado à internet, foi um facilitador para a transição entre os espaços. Outras publicações jornalísticas especializadas em tecnologia, dos Estados Unidos, seguiram o mesmo sistema de republicação de conteúdo impresso: *Christian Science Monitor*, *Slate* e *American Prospect* usavam blogs em suas versões online para publicar colunas com as mesmas características de suas versões impressas (FOLETTTO, 2009).

Por algum tempo predominou a ideia de que blog era apenas um diário pessoal que não possuía relação com o jornalismo. Em 2001, com os atentados às torres gêmeas de Nova Iorque, tem-se o primeiro marco da “explosão” da aproximação entre os blogs e o jornalismo (GILLMOR, 2004; ORIHUELA, 2006; FOLETTTO, 2009). Se antes os casos de aproximação eram isolados, a partir desta data os testemunhos pessoais sobre acontecimentos passam a ser mais valorizados e ganham relevância jornalística – o que acontece por causa da busca desesperada por qualquer informação sobre o ocorrido.

Com a crescente popularização da internet surgiram os grandes números de acessos em alguns sites, dando projeção e reconhecimento a blogueiros que dificilmente teriam um alcance tão grande em outras épocas, nas quais se dependia dos grupos de comunicação para atingir o grande público. Essa visibilidade permitiu, segundo autores como Ramonet (2012), a mudança de um sistema mídia-cêntrico para um sistema eu-cêntrico, onde cada pessoa conectada a internet possui as ferramentas necessárias para comunicar quaisquer conteúdos que considerar relevantes.

Nós saímos de um sistema mídia-cêntrico e entramos num sistema eu-cêntrico, em que cada internauta possui o poder de comunicar sons, textos, imagens, de trocar informações, de redistribuí-las, de misturá-las a diversos documentos, de realizar suas próprias fotos ou vídeos e de colocá-los na rede, onde massas de pessoas vão vê-las e, por sua vez, participar, discutir, contribuir, fazer circular. (Ramonet, 2012, p. 28)

Os utilizadores de redes não são mais somente leitores, ouvintes e telespectadores inertes. Eles escrevem, falam, fotografam, filmam, comentam e

analisam, criando, como diz Ramonet (2012), um novo fluxo de informações, pluralidade de vozes com alcance diferenciado que modifica relações e realidades.

Ao opinar sobre um determinado acontecimento, um blogueiro estará criando um novo evento – que não é, segundo Rodrigues (1998), mera locução. As intenções, os valores, a credibilidade, a coerência e a argumentação do autor integram o produto resultante de cada texto, de forma inseparável.

Ao relatar um acontecimento, os media, além do acontecimento relatado, produzem ao mesmo tempo o relato do acontecimento como um novo acontecimento que vem integrar o mundo. Este novo acontecimento não é mera locução; realiza um acto locutório. Os actos locutórios não estão apenas sujeitos aos valores de verdade ou falsidade, de adequação ou de não adequação ao estado das coisas relatado; estão também subordinados aos valores inerentes à credibilidade e à sinceridade do locutor, à clareza ou obscuridade da exposição, à justeza dos juízos formulados, à coerência dos argumentos aduzidos, à capacidade de levar o(s) outro(s) à satisfação de um pedido, à resposta a uma pergunta, à aceitação da convicção, do reconhecimento ou do apreço, do conselho dado, do aviso, da saudação. Os valores de credibilidade, de sinceridade, de clareza, de justeza, de coerência e de correção, de satisfação, e de aceitação são actos inerentes ao discurso, integram o mundo da enunciação e são dele inseparáveis. (Rodrigues, 1998, p.31)

Fomentando o debate, participando e dialogando, os leitores são importantes na construção de cada espaço opinativo. Ao conhecer o autor através de seus textos cada leitor imagina essa persona e atribui a ela valores que se confirmam ou não ao longo do tempo. É nessa construção que se dá o diálogo e o estabelecimento de um público interessado nas ideias de determinado blogueiro.

A aproximação entre a blogosfera e o campo jornalístico, segundo Palacios (2006), está vinculada a oito efeitos:

- a. A liberação do polo emissor: a liberdade de criação de espaços virtuais para todos, apesar de não haver garantia de visibilidade;
- b. O questionamento do *habitat* do campo: pessoas sem formação em comunicação podem atuar livremente criando um questionamento sobre o papel do jornalista;
- c. A mudança nos critérios de noticiabilidade, que confirmam os dois efeitos anteriores, dependentes de quem faz a escolha de noticiar, comentar ou criticar um acontecimento;
- d. A maior vigilância da mídia tradicional com a criação de blogs ao estilo “observatório da imprensa” e a manifestação do descontentamento das pessoas quanto ao fazer jornalístico das empresas de comunicação;

- e. A ampliação do debate, possibilitada pela web, através dos comentários de leitores;
- f. O jornalismo participativo ganhando força e junto com ele a ideia de cidadão-repórter, munido de tecnologia suficiente para fotografar, filmar e gravar o que for necessário para noticiar um acontecimento;
- g. A modificação da relação de audiência para rede, onde quem consome a informação também tem a possibilidade de produzir e transmitir;
- h. O novo ecossistema informativo, efeito que ainda é uma incógnita considerando todas as variantes trazidas pelo novo modelo de circulação de informação e pelos efeitos citados anteriormente.

Os blogs feministas aqui analisados são exemplos dos efeitos apontados por Palácios (2006). Possibilitando e ampliando o debate e o conhecimento sobre o feminismo, blogs pessoais feministas representam um espaço plural onde, através de comentários e compartilhamentos, seu público pode trocar experiências. Com a facilidade de criação e postagem dos sistemas de gerencia de conteúdo, os sites, portais e blogs feministas tem se multiplicado nos últimos anos, dando visibilidade a notícias e material opinativo relevantes para quem se interessa pela temática. Os blogs feministas e sua relação com a crítica de mídia serão tratados no próximo capítulo do presente trabalho.

3.3 Crítica de Mídia em Blogs Feministas

A crítica de mídia pode ser associada ao que se sabe e o que se acredita saber sobre o fazer jornalístico. Para Silverstone (2002), a mídia reproduz o senso comum e se vê forçada a encarar as diferenças entre as culturas.

A mídia depende do senso comum. Ela o reproduz, recorre a ele, mas também o explora e distorce. Com efeito, sua falta de singularidade fornece o material para as controvérsias e os assombros diários, quando somos forçados – em grande medida pela mídia e, cada vez mais, talvez apenas pela mídia – a ver, encarar os sentidos comuns e as culturas comuns dos outros. (Silverstone, 2002, p.21)

Para o pesquisador em jornalismo Rogério Christofolletti (2005) um poder formado por indivíduos da sociedade civil, ao qual Ramonet (2003) chama de quinto poder, se organiza em pontos de observação e crítica, balizando a conduta ética dos profissionais da área, fomentando o olhar crítico do público sobre os produtos jornalísticos aos quais consome. Explana Christofolletti (2005),

São esses pontos de observação que mais fomentam, atualmente, o debate acerca da qualidade dos produtos midiáticos e dos valores morais que devem balizar a conduta ética dos profissionais. São esses *websites* que não só ateam mais fogo nas fogueiras das vaidades jornalísticas, mas também inflamam o cidadão comum a lançar um olhar mais crítico para a até então inquestionável mídia (CHRISTOFOLETTI, 2005, *online*).

A valorização da opinião no contexto da internet se dá com o popularização de ferramentas sociais. A blogosfera é parte desse novo cenário onde os meios de comunicação tradicionais são questionados por pontos de vista pessoais, gerando agendas paralelas que se direcionam para comunidades específicas, interessadas em tais assuntos (ORIHUELA, 2007).

A mídia tradicional e suas pautas se tornam, dessa forma, um dos principais assuntos em blogs de opinião. Segundo Dalmaso (2010), blogs de crítica de mídia referenciam conteúdos da mídia tradicional com intuito de mensurar seus posicionamentos editoriais, entre outros fatores:

Com a disponibilização de ferramentas de criação e publicação de meios digitais, se tornaram comuns os blogs que opinam sobre a mídia tradicional e seus conteúdos, que a referenciam, que dela se utilizam para produzir conteúdos e publicá-los. Os meios de comunicação tornam-se o principal assunto em blogs de jornalistas e cidadãos que se dedicam a avaliar a atuação, o comportamento e os posicionamentos editoriais dos meios de comunicação. (Dalmaso, 2010, p. 52)

Ao criticar e avaliar a atuação da grande mídia esse sujeito, crítico, opinativo, também se posiciona. A mediação feita em um blog de opinião, ressaltando características do texto, das imagens, das escolhas editoriais, também perpassa um filtro de conhecimentos, verdades e poderes. Ao militar em prol de uma causa fica explícito o filtro ao qual essas informações serão escrutinadas. Para a pesquisadora em comunicação Sylvia Moretzsohn (2013), o jornalismo explicitamente militante tem a obrigação ética de filtrar as informações criando um quadro compreensível da realidade. Explica Moretzsohn,

Para esclarecer: mediação não significa imparcialidade, nem mesmo equilíbrio - se pensarmos na metáfora do fiel da balança -, porque o jornalismo produzido numa sociedade desigual não pode forjar um equilíbrio inexistente; significa filtrar as informações para estabelecer um quadro compreensível da realidade. Mesmo o jornalismo explicitamente militante tem essas obrigações éticas, não pode simplesmente mergulhar nos acontecimentos e ignorar suas responsabilidades. (Moretzsohn, 2013, *online*)

Um dos oito efeitos de aproximação entre blogosfera e campo jornalístico (PALÁCIOS, 2006), a vigilância da mídia tradicional se relaciona diretamente com a crítica de mídia. A insatisfação com o que era noticiado pelo jornalismo tradicional motivou e ainda motiva a criação de blogs de crítica de mídia. A internet e suas

potencialidades tecnológicas, a digitalização de arquivos de texto, som e imagem e os tamanhos cada vez menores dos equipamentos permitiram transformações importantes nas relações entre jornalistas e audiência. (CHRISTOFOLETTI, 2014)

Essa nova realidade comunicacional também teve impacto nos blogs feministas, que manifestam seu descontentamento apontando os erros cometidos – com especial atenção aos conteúdos que envolvem machismo, racismo, cultura do estupro, violações de direitos humanos, gordofobia, violência obstétrica, homofobia, bifobia e transfobia.

A crítica de mídia relacionada ao feminismo, na internet no Brasil, encontra eco em diversos blogs, seja como foco central ou como foco temporário. Para este trabalho escolhi analisar três blogs, que serão apresentados a seguir.

3.4 Blogs Analisados

A partir de uma pesquisa inicial foram encontrados 22 blogs com conteúdo feminista – primeiro critério de seleção do presente trabalho. Desse grupo foram excluídos aqueles que não eram de autoria de brasileiras ou eram atualizados em línguas diferentes do português. A seguir, foram eliminados da pesquisa aqueles que, apesar de se auto-intitularem feministas, não possuíam mais do que 10 postagens citando a palavra “feminismo”. Restaram, então, 10 blogs. Desse conjunto de blogs de temática feminista foram selecionados três, opinativos e contendo crítica de mídia, para a análise do presente trabalho.

Os critérios para eliminação foram: ser declaradamente um blog feminista – tendo essa informação facilmente localizável, possuir mais de 20 postagens com conteúdo de crítica de mídia – com a nomeação clara de no mínimo um produto de mídia específico, junto da argumentação criticando o conteúdo.

Por se encaixarem nos requisitos iniciais e por suas trajetórias e representatividade dentro do meio feminista na internet, os blogs *Escreva Lola Escreva*³², *Blogueiras Feministas*³³ e *Cem Homens*³⁴ foram os escolhidos. A familiaridade com o conteúdo dos três blogs também contribuiu para que fossem selecionados para a análise. A seguir, um breve histórico sobre cada um deles.

³² ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

³³ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/>>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

³⁴ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/>>. Acesso em 01 de junho de 2014.

3.4.1 Blogueiras Feministas

Em 2010, durante a campanha eleitoral, uma troca de e-mails entre blogueiras fez nascer um grupo de discussão que resultou na criação desse blog coletivo. Com diferentes experiências de vida e de várias partes do país, as Blogueiras Feministas se uniram pela causa.



Figura 1: Página inicial do Blogueiras Feministas em 11 de novembro de 2014.
Fonte: <http://blogueirasfeministas.com/>

Entre as participantes estão mulheres que se intitulam feministas e de esquerda, de correntes políticas diversas, com atuação na rede voltada para o feminismo e temas correlatos. O grupo (ou coletivo) obteve visibilidade através de sua presença na rede e fora dela – nas Marchas das Vadias de diversas cidades brasileiras e em outros eventos e protestos (BARREIROS, 2012).

Atualmente é coordenado por Bia Cardoso com moderação de Iara Paiva, Liliane Gusmão, J. Oliveira e Thays Athayde. O blog também conta com a

editoração de Camila de Magalhães, Luciana Nepomuceno, Patricia Guedes e Priscilla Caroline.

Com postagens diárias e 53 mil seguidores, o blog reúne textos de mais de 70 autores diferentes. O conteúdo é editado e revisado por uma equipe que organiza as publicações e os assuntos abordados nas postagens passam por discussões dentro da lista de emails, além de passar por um dos editores.

Por ser um blog colaborativo, o Blogueiras Feministas permite que suas leitoras participem da lista de emails e da produção de textos, depois de passar por um questionário explicando as motivações para tal. Uma das autoras, Tica Moreno, descreve as intenções das Blogueiras Feministas com seu espaço na internet:

Este blog existe porque queremos vivenciar na rede a experiência de ser feminista. Escrever posts, apontar manifestações do machismo na sociedade, twittar, fazer videos, publicar fotos, organizar manifestações nas ruas e na rede, entre outras formas de espalhar essa ideia de que ainda tem muita coisa pra mudar nas relações entre homens e mulheres. Por outro lado, tem a ver com uma reflexão constante sobre a nossa própria vida, sobre como a gente pode enfrentar as nossas contradições, como a gente constrói as nossas relações com mais autonomia e liberdade. (Moreno, online³⁵)

Com o objetivo de discutir o feminismo em suas pluralidades e particularidades, o blog pretende trazer o debate sobre questões que envolvem a criação de um mundo mais justo e igualitário para todas as pessoas. Ao se afirmar como um blog político³⁶, se reserva o direito de não publicar textos que vão contra o posicionamento do grupo.

A crítica de mídia, aparece através de diversos autores. Em geral se centram em um ou dois produtos de mídia e elencam os pontos considerados falhos pelo autor do texto – exemplos serão detalhados no próximo capítulo.

3.4.2 Cem Homens

O blog Cem Homens, inicialmente chamado Cem Homens em um ano, foi criado por Nádia Lapa, advogada e jornalista, em 2011. Em formato de diário online, o blog surgiu originalmente para contar histórias de sexo casual e, aos poucos, aproximou a autora de leituras e conteúdos feministas.

³⁵ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. **Nossa memória.** Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/about/nossa-memoria/>>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

³⁶ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. **Editorial.** Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/editorial/>>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

Nádia, que se identificava inicialmente como Letícia F., acabou cedendo a pressão e se identificando como a autora do Cem Homens³⁷ depois de saber que outra pessoa havia dado uma entrevista a uma emissora de rádio, se passando por Letícia. A atenção da mídia deu uma visibilidade grande ao blog na época.



Figura 2: Página Inicial do Cem Homens em 11 de novembro de 2014.
Fonte: <http://www.cemhomens.com/>

Ao iniciar o blog, em 2011, Lapa não se declarava feminista por, na época, não saber o que era feminismo. As inquietações e os problemas enfrentados, em razão do machismo institucionalizado, somados as agressões que afirma ter sofrido no blog a levaram a pesquisar sobre o tema e se declarar feminista.

As mudanças refletiram o que ocorria na vida e na carreira da autora, que concluiu especialização em Gênero e Sexualidade e Estudos Feministas, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e atualmente cursa pós-graduação em Educação Sexual no Centro Universitário Salesiano de São Paulo.

As críticas de mídia presentes no Cem Homens, em geral, apresentam apenas um produto sendo criticado. A autora eleca suas opiniões baseadas em seu

³⁷ Em 2012 ocorreu o lançamento do livro “Cem Homens em um ano”, reunindo algumas histórias publicadas no blog, junto a outras inéditas.

conhecimento de feminismo, ao replicar o conteúdo que critica – exemplos serão apresentados no capítulo a seguir.

O Cem Homens teve sua última atualização em 28 de setembro de 2014, com a declaração de Nádia Lapa sobre seu desinteresse em seguir publicando no blog.

Hoje, três anos e meio depois do início desse blog, faltando um mês para eu completar 35 anos, posso dizer que me sinto melhor do que nunca. Atingi um nível de autoconhecimento muito interessante. Não acho que sou incrível, longe disso, só enxergo com clareza onde preciso melhorar. E continuo caminhando para isso.

Com tantas mudanças, com o turbilhão que foi minha vida de 2011 pra cá, eu devo dizer que um ciclo se fechou. O Cem Homens não tem mais espaço no meu cotidiano. Eu não tenho mais muito a ver com esse blog. Aqui estão representadas muitas das minhas alegrias, dores, contradições, explosões, mas eu sinto mesmo que é uma fase que acabou. (Lapa, online)

O conteúdo segue acessível em sua URL original. Não ocorreram novas atualizações até a entrega desta monografia.

3.4.3 Escreva Lola Escreva

Em 1998, Lola (Dolores) Aronovich, professora da Universidade Federal do Ceará, doutora em Literatura em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina, dá início ao seu blog, chamado Escreva Lola Escreva.

Inicialmente criado para a publicação de críticas de cinema, o blog de Aronovich (2014) é caracterizado pela própria autora como um espaço não acadêmico que trata de diversos assuntos: “feminismo, cinema, literatura, política, mídia, bichinhos de estimação, marido, combate a preconceitos, chocolate, e o que mais me der na telha”.

Chama a atenção a quantidade de textos publicados no blog que, nos últimos anos tem atualização praticamente diária. Em seu blog, Lola dá visibilidade a uma infinidade de temas abordados a partir de vivências de convidadas que entram em contato através de email, além das experiências da própria autora. Com mais de 10 milhões de visualizações contabilizadas, o blog recebe um público bem diverso.

Lola afirma ser feminista desde criancinha. Seu posicionamento feminista e o alcance que o blog teve ao longo dos anos aproximou não apenas leitores feministas e interessados na causa. A autora do blog afirma sofrer ameaças constantes de homens que ela chama mascus (abreviação de masculinistas).

**Escreva
Lola
Escreva**

TERÇA-FEIRA, 11 DE
NOVEMBRO DE 2014

"SEU PAI VAI ENLOUQUECER
COM TRÊS MULHERES EM CASA"

LIVRINHO
PRATICAMEN
TE
ESGOTADO

COMENTÁRIO
S MAIS
RECENTES

QUEM SOU
EU

Da C., um testemunho lindo sobre como e quando ela se deu conta do seu papel no mundo patriarcal:

Lola, como leitora que se descobriu feminista através do teu blog, gostaria de compartilhar contigo um pouquinho da minha história. Minha irmã nasceu quando eu fizera cinco anos de idade.

Sou professora da UFC, doutora em Literatura em Língua Inglesa

Figura 3: Página inicial do Escreva Lola Escreva em 11 de novembro de 2014.
Fonte: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>

A crítica de mídia parte, no Escreva Lola Escreva³⁸, em sua maioria de postagens criadas por Lola. Alguns poucos textos de convidados tecem críticas a mídia. Recheados de links, seus textos tem, quase sempre, mais de um produto midiático criticado e mais de um assunto tratado – exemplos serão trazidos no capítulo a seguir.

Vimos aqui um balanço sobre a relação entre blogs, jornalismo e crítica de mídia. A seguir passo para a análise de conteúdo dos textos dos blogs apresentados neste capítulo.

³⁸ Em 2012 Lola lançou seu primeiro livro Escreva Lola Escreva: crônicas de cinema, com 26 textos do blog e 5 textos inéditos.

4 ANÁLISE

Os blogs escolhidos para a presente análise são representantes de uma onda de ciberfeminismo no Brasil. Iniciados entre 1998 e 2011, percorreram trajetórias diversas até suas autoras se firmarem como fonte de informação, questionamento e debate, na web. Dentro do tema feminismo, já foram entrevistadas e citadas em vários veículos como: revista Carta Capital, revista TPM, portal Sul 21, portal Rede Brasil Atual, programa televisivo De frente com Gabi e revista Época.

Os blogs Cem Homens, de autoria de Nádia Lapa e Escreva Lola Escreva, de autoria de Lola Aronovich, tiveram seus inícios em formato de diários virtuais. Suas autoras, ao longo do tempo, foram abrindo espaço para a temática do feminismo a medida em que se familiarizavam com o tema. Já o Blogueiras Feministas nasce de uma lista de emails onde diversas blogueiras discutiam assuntos relacionados ao feminismo. A criação do blog ocorreu no ímpeto de divulgar os assuntos mais debatidos dentro dessa lista de emails, reunindo os posicionamentos diversos e os estudos teóricos sobre cada tema abordado.

A seleção das postagens a serem analisadas foi feita da seguinte forma: Partindo do mês de abril de 2014 em direção ao passado, no arquivos de cada blog, foram separadas 20 postagens onde existisse menção clara a, no mínimo, um produto midiático, além de algum comentário, vindo da autora do texto, em forma de crítica ao conteúdo desse produto. Serão analisados o conteúdo das postagens e o produto midiático que está sendo criticado nelas – considerando que seja possível ter acesso.

A ordem reversa dos posts apresentados nesse capítulo – de abril de 2014 em direção ao passado –, sem separação por blog, separados por temática, se deve ao fato de varias postagens repetirem assuntos, casos e produtos de mídia criticados. Agrupando cronologicamente e por temas fica facilitado o entendimento de cada assunto e é possível comparar as críticas feitas por autores diferentes ao mesmo material. Portanto, esses textos separados para análise contém, cada um, em seu conteúdo, a crítica a um produto de mídia que está claramente identificado. Desse universo de 60 postagens, 20 de cada blog analisado, também serão consideradas as tags usadas por seus autores.

Não foram analisados os textos de crítica de cinema – apesar de se encaixarem no conceito de mídia – com intuito de focar este estudo nos produtos de comunicação resultantes da prática do jornalismo e da publicidade.

Uma das possíveis classificações desses objetos é através da temática, dentro do feminismo, criticada nos produtos de mídia citados nas postagens. Outra classificação pode ocorrer através dos marcadores (ou tags) usados em cada postagem. E, finalmente, é possível observar a recorrência do número de críticas voltadas para o mesmo veículo ou empresa de comunicação.

4.1 Metodologia utilizada

A análise deste trabalho foi inspirada pela análise de conteúdo, com uma abordagem descritiva e quantitativa. A escolha se deu justamente por esta ser uma metodologia que recolhe e analisa produtos encontrados na mídia, em diferentes formatos, a partir de uma amostra, com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos, enquadrando-os em categorias (HERSCOVITZ, 2010).

Usada amplamente nas ciências sociais, a análise de conteúdo contribui para a percepção de tendências, classificação de gêneros e avaliação da produção de pessoas ou grupos. Por integrar os métodos qualitativo e quantitativo, a metodologia reconhece as múltiplas interpretações possíveis de cada conteúdo, contribuindo com as pesquisas em jornalismo.

Com o avanço da tecnologia os métodos quantitativos da análise de conteúdo puderam ser aprimorados e melhor utilizados. Estatísticas, porcentagens e conclusões em cima dessas informações são possíveis graças a softwares que, em segundos, contabilizam ocorrências em grandes volumes de dados.

A seleção da amostra de dados, passo primordial no método usado como base para esta análise, deve, segundo Herscovitz (2010), seguir uma definição objetiva. A quantidade de dados a serem analisados deve ser previamente estipulada. O contexto da existência da amostra deve ser considerado, junto com as delimitações do estudo. Também é necessário ter perguntas a serem respondidas sobre aquele universo de dados. As unidades de registro, definidas a partir do assunto da pesquisa, podem ser palavras, frases, temas, parágrafos ou textos inteiros, dependendo do tipo de resultado buscado.

A análise de conteúdo é um método que oferece muitas vantagens, desde que tenha total acesso ao conteúdo analisado, que não pode sofrer interferência do pesquisador.

O analista de conteúdo não tem nenhum efeito sobre o objeto de estudo no sentido de que não pode modificá-lo, embora possa falhar na sua interpretação. Os textos já foram escritos, os programas de rádio e televisão já foram ao ar e as homepages e websites não são alteradas por estranhos. (Herscovitz, 2010, p.138)

Por essa característica inata, de não influenciar em seus objetos de estudo, a análise de conteúdo é bastante utilizada em comunicação e jornalismo. A seguir, um relato geral sobre os posts analisados, separados por tema.

4.2 Postagens analisadas

A separação por temas foi realizada com o objetivo de observar quais assuntos são abordados com maior frequência dentro do corpus do presente trabalho. A escolha do tema para cada uma das postagens obedeceu o critério de qual assunto teve mais atenção no texto.

Apenas em dois casos (6 e 34) o texto recebeu dois temas associados, por abordá-los com a mesma atenção, sendo os dois bem distintos. Como o machismo foi o tema que se repetiu nesses casos, os textos foram colocados nas seções dos seus outros temas. Essas postagens estão identificadas em seu parágrafo inicial.

Como resultado, foi observado que o tema mais recorrente é o machismo, que teve 25 entradas, sendo 13 delas do Escreva Lola Escreva, 7 do Cem Homens e 5 do Blogueiras Feministas. O segundo tema mais recorrente é a Cultura do Estupro, que teve um total de 12 postagens, sendo 5 no Cem Homens, 4 no Escreva Lola Escreva e 3 no Blogueiras Feministas. O terceiro tema mais repetido foi a Gordofobia, com 9 entradas, sendo 4 do Blogueiras Feministas e do Cem Homens e uma do Escreva Lola Escreva. Tiveram 5 postagens os temas feminicídio e (homo, bi ou trans)fobia. Racismo teve 4 entradas. Direitos humanos e violência obstétrica tiveram apenas uma postagem cada. O resultado completo pode ser conferido na Tabela 1.

Tabela 1: Temas mais recorrentes em cada blog analisado. Os números nas células representam a identificação numérica dos casos, de 1 a 60.

| Blogs vs. Temas | Blogueiras Feministas | Cem Homens | Escreva Lola Escreva | Total |
|---------------------------------|-----------------------|----------------------------|--|-------|
| Racismo | 1, 16, 17 | | 36 | 4 |
| Feminicídio | 2, 44 | 3, 55 | 39 | 5 |
| Machismo | 6, 7, 12, 32, 35 | 37, 42, 45, 49, 56, 58, 60 | 4, 5, 11, 14, 21, 24, 25, 27, 30, 31, 33, 34, 38 | 25 |
| Gordofobia | 6, 20, 29, 43 | 46, 47, 48, 57 | 41 | 9 |
| Cultura do Estupro | 8, 9, 22 | 19, 50, 51, 52, 53 | 10, 13, 15, 18 | 12 |
| Homofobia, Bifobia e Transfobia | 23, 28 | 54, 59 | 34 | 5 |
| Direitos Humanos | 26 | | | 1 |
| Violência Obstétrica | 40 | | | 1 |

Fonte: a autora.

Os marcadores (tags) originais das postagens foram usados como parâmetro para validar os assuntos mais tratados em comparação com os temas. Marcadores no singular e no plural, da mesma palavra, foram unificados para análise. Também foram unificados sinônimos, como por exemplo televisão e TV.

A seguir as três palavras mais usadas como marcadores, e que estavam presentes nos três blogs analisados: “Mídia” foi usada 24 vezes, “Machismo” foi usada 14 vezes e “Estupro” usada 10 vezes³⁹. Os três marcadores mais usados confirmam o que já havia sido estabelecido a partir dos temas: mídia é justamente o escopo de seleção das postagens do presente trabalho, machismo e estupro são os temas mais numerosos encontrados anteriormente. Os outros marcadores mais numerosos, na sequência, foram: Feminismo (8), Autoestima (7), Gordofobia (5) e Televisão (5). O resultado pode ser conferido na Nuvem de Marcadores.

³⁹ O marcador “Living la vida Lola” foi considerado inválido para esta análise por demarcar textos de autoria da criadora do Blog Escreva Lola Escreva, por isso, muito numeroso. O mesmo se aplica ao marcador “Guest Post”.

masculino como superior, mais capaz ou mais merecedor de privilégios do que o gênero feminino⁴¹.

A seguir um resumo dos textos analisados que tiveram o machismo como tema principal. Cada título de seção corresponde ao da postagem analisada.

4.2.1.1 Os únicos blogs mascus que ainda crescem⁴²

Postada no blog Escreva Lola Escreva em 25 de abril de 2014, a crítica é de autoria de Lola (Dolores) Aronovich e tem os marcadores: finanças, living la vida Lola e mascus. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 4.

A matéria “Masculinistas lutam por achar que feminismo foi longe demais”⁴³ foi publicada em 24 de abril de 2014 no site UOL Notícias e é de autoria de Caroline Randmer e Fábio de Oliveira. O texto traz informações sobre grupos e organizações masculinistas e conta um pouco da história recente desse movimento. Lola é citada como fonte, por sofrer agressões verbais em seu blog, vindas de integrantes desses grupos. A crítica se centra no fato da publicação de tal matéria: para Lola, ao divulgar grupos de ódio a imprensa dá visibilidade a essas causas.

4.2.1.2 Reação atesta que jovens direitistas não pegam mulher⁴⁴

Texto do blog Escreva Lola Escreva, do dia 22 de abril de 2014, assinado por Lola Aronovich com os marcadores: direita cristã, living la vida Lola, machismo, mascus, mídia e política. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 5.

O produto de mídia criticado por Aronovich é a coluna de Luiz Felipe Pondé, com o título “Por uma direita festiva”⁴⁵ publicada na Folha de S. Paulo, na edição de 21 de abril de 2014.

⁴¹ WIKIPEDIA. **Machismo**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Machismo>>. Acesso em 18 de novembro de 2014.

⁴² ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/04/os-unicos-blogs-mascus-que-ainda-crescem.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁴³ NOTÍCIAS BOL. Masculinistas lutam por achar que feminismo foi longe demais. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2014/04/24/masculinistas-lutam-por-achar-que-feminismo-foi-longo-demais.htm>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁴⁴ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/04/reaca-atesta-que-jovens-direitistas-nao.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

A crítica se baseia no fato do autor julgar as mulheres rasas e fúteis, sem conhecimento político, facilmente manipuláveis. Sendo assim, os homens de direita poderiam enganá-las sobre suas convicções na intenção da conquista.

4.2.1.3 Sobre machismos e porcentagens⁴⁶

Texto publicado no dia 10 de abril de 2014, assinado por Simone da Silva Ribeiro Gomes no Blogueiras Feministas, contém os seguintes marcadores: comportamento, machismo, sociedade e violência contra a mulher. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 7.

O texto comenta o conteúdo da pesquisa do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)⁴⁷, sobre a violência contra as mulheres, através de uma notícia do portal G1⁴⁸. A crítica se dirigiu a uma notícia não assinada, publicada no portal UOL Notícias⁴⁹ em 17 de março de 2014, acerca da justificativa usada por Adilton Aquino dos Santos para estuprar uma mulher em um vagão do metrô de São Paulo. Para a autora do texto essa é mais uma desculpa pública, que justifica a manutenção de uma sexualidade masculina descontrolada.

4.2.1.4 Guest Post: novela bate em mulher desde cedo⁵⁰

Esse post é de autoria de uma convidada no blog Escreva Lola Escreva, identificada como Luana. Antes de dar a palavra a ela, Lola Aronovich introduz o assunto que vai ser abordado, criticando um produto de mídia. A postagem é do dia 29 de março de 2014 e tem os seguintes marcadores: guest post, novela, TV e violência. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 11.

⁴⁵ FOLHA DE S.PAULO. **Por uma direita festiva.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2014/04/1443306-por-uma-direita-festiva.shtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁴⁶ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/04/sobre-machismos-e-porcentagens/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁴⁷ PORTAL IPEA. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/portal/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2014.

⁴⁸ Portal G1. **Para 58,5%, comportamento feminino influencia estupros, diz pesquisa.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2014/03/para-585-comportamento-feminino-influencia-estupros-diz-pesquisa.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁴⁹ UOL. **Jovem é preso por estupro na estação da Luz da CTPM, em São Paulo.** Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/03/17/jovem-e-preso-por-estupro-na-estacao-luz-da-cptm-em-sao-paulo.htm>>. Acesso em 31 de outubro de 2014.

⁵⁰ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/03/guest-post-novela-bate-em-mulher-desde.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

Aronovich critica um conteúdo de entretenimento publicado no Portal Terra, no dia 3 de setembro de 2013, sem assinatura, sobre “As melhores surras das novelas”⁵¹. Trata-se de uma apresentação de slides com fotos das cenas de brigas entre personagens de novelas. Lola afirma que essas cenas não servem pra denunciar ou combater a violência doméstica, servem apenas para dar ibope as emissoras.

4.2.1.5 Ser sexy sendo vulgar⁵²

No Blogueiras Feministas, Sara Joker publica um texto com colaboração de Bia Cardoso, no dia 27 de março de 2014, com os marcadores: crítica, estereótipo, feminilidade, machismo, mídia, sensualidade e sexismo. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 12.

A postagem critica “Ser sexy dá gases e corrimento”⁵³, coluna assinada por Tati Bernardi, publicada no dia 24 de março de 2014, no espaço de colunistas da Folha de S. Paulo. Segundo a autora da crítica, a colunista reforça estereótipos dando exemplos de uma pretensa necessidade de masculinização das mulheres para que alcancem seus objetivos e sejam respeitadas. Também são citados outros três textos de colunistas da Folha de S. Paulo. “Desafios do feminismo”⁵⁴, assinado por Hélio Schwartzman, de 14 de março de 2014, é criticado por ser um homem que se sente a vontade para dizer como o feminismo deve ser. “Uma mulher linda”⁵⁵, de Luiz Felipe Pondé, de 30 de setembro de 2014, é criticado por ser um homem que se sente a vontade para dizer como as mulheres devem se comportar. “Saiba quando

⁵¹ TERRA. Tapas, socos e arranhões: relembre as melhores surras das novelas. Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/gente/tapas-socos-e-arranhoes-relembre-as-melhores-surras-das-novelas,1e8cd9b9429d0410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

⁵² BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/03/ser-sexy-sendo-vulgar/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

⁵³ FOLHA DE S. PAULO. **Ser sexy dá gases e corrimento**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatibernardi/2014/03/1429903-ser-sexy-da-gases-e-corrimento.shtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁵⁴ FOLHA DE S. PAULO. **Desafios do Feminismo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2014/03/1425184-desafios-do-feminismo.shtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁵⁵ FOLHA DE S. PAULO. **Uma mulher linda**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeonde/2013/09/1349255-uma-mulher-linda.shtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

um homem quer uma mulher”⁵⁶ é assinado por Xico Sá, publicado em 18 de fevereiro de 2014, criticado por se sentir a vontade para dizer como os homens realmente são.

4.2.1.6 Bispo é contra mulheres na universidade⁵⁷

Publicado em 24 de março de 2014 no blog Escreva Lola Escreva, este texto foi assinado por Aronovich, com as marcações: direita cristã, living la vida Lola, machismo e religião. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 14.

A crítica se volta, dessa vez, contra a tradução⁵⁸ de um artigo⁵⁹ publicado pelo Bispo Richard Williamson. Não fica claro em nenhuma das postagens o local da divulgação pública inicial deste artigo. O texto, segundo Aronovich, trata as mulheres como seres incapazes de concentração – a ponto do bispo afirmar que mulheres não deveriam frequentar universidades.

4.2.1.7 Boas e péssimas notícias. Adivinhe qual a mídia divulga?⁶⁰

No dia 16 de fevereiro de 2014, Lola Aronovich postou no Escreva Lola Escreva, com os marcadores: enquete, living la vida Lola, machismo, mídia, oscar 2014 e palestras. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 22.

A autora inicia o texto explicando que o movimento *Free-bleeding*⁶¹, que se auto-denomina feminista, na verdade é uma mentira criada por pessoas que gostam de zombar de feministas na web. Depois, Aronovich critica o conteúdo publicado no

⁵⁶ FOLHA DE S. PAULO. **Saiba quando um homem quer uma mulher**. Disponível em: <<http://xicosa.blogfolha.uol.com.br/2014/02/18/saiba-quando-um-homem-quer-uma-mulher/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁵⁷ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/03/bispo-e-contra-mulheres-na-universidade.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁵⁸ ROSA MULHER. **Garotas na Universidade**. Disponível em: <<http://rosamulher.wordpress.com/2012/11/26/garotas-na-universidade/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁵⁹ TRADICIONAL CATHOLIC FORUM. **Girls at University**. Disponível em: <<http://www.cathinfo.com/catholic.php?a=topic&t=18377&min=100>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁶⁰ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/02/boas-e-pessimas-noticias-adivinhe-qual.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁶¹ Campanha que incentiva o sangramento livre, ou seja, estimula mulheres a não usarem absorventes higiênicos, declarando que estancar o sangue é um ato de opressão.

site R7⁶², da Rede Record, sem assinatura, do dia 13 de fevereiro de 2014, que acreditou no suposto movimento *Free-Bleeding*, publicando as imagens manipuladas como se fossem verdadeiras, sem checar a veracidade do movimento.

4.2.1.8 Guest Post: vídeo de sexo vazado com homem é revenge porn?⁶³

No blog Escreva Lola Escreva, a postagem de 30 de janeiro de 2014 foi assinada por Ana, uma convidada. Os marcadores são: guest post, pornografia e sexo. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 24.

Muitas matérias são usadas como exemplo neste texto com a intenção de criticar a diferença de tratamento entre homens e mulheres, quando vítimas de revenge porn⁶⁴. O caso apresentado nas matérias é o de Saimon, zagueiro do Grêmio que teve um vídeo íntimo liberado na internet, no qual o jogador aparece junto com duas mulheres.

A matéria do Globo Esporte⁶⁵, da Rede Globo, sem assinatura, publicada em 22 de janeiro de 2014 é criticada por Ana pelo fato de mencionar que o jogador receberia apoio jurídico da empresa onde trabalha sem, em momento algum, questionar ou considerar o fato de que quando algo similar acontece com mulheres a reação dos empregadores é outra.

A matéria do BOL Notícias, de 25 de janeiro de 2014, assinado por Marinho Saldanha⁶⁶, e as seguintes matérias sem assinatura, produzidas entre os dias 23 e 24 de janeiro: TViG (reproduzindo conteúdo do SBT)⁶⁷, UOL Esporte⁶⁸, Terra⁶⁹ e site

⁶² PORTAL R7. **Site cria campanha para mulheres deixarem de usar absorventes**. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/mulher/moda-e-beleza/fotos/protecao-machista-site-cria-campanha-para-mulheres-deixarem-de-usar-absorventes-02042014#!/foto/1>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁶³ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/01/guest-post-video-de-sexo-vazado-com.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁶⁴ Revenge Porn: pornografia de vingança, quando alguém libera na internet um vídeo íntimo com o objetivo de prejudicar alguma das pessoas que aparece no vídeo.

⁶⁵ GLOBO ESPORTE. **Vídeo íntimo de Saimon vaza na web e grêmio promove apoio jurídico**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/01/video-intimo-de-saimon-vaza-na-web-e-gremio-promete-apoio-juridico.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁶⁶ NOTÍCIAS BOL. **Vídeo pornô faz Saimon desbancar alvo de piadas no elenco do Grêmio**. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2014/01/25/video-porno-faz-saimon-desbancar-alvo-de-piadas-no-elenco-do-gremio.htm>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁶⁷ TV IG. **Jogador do Grêmio é flagrado fazendo sexo com duas mulheres**. Disponível em: <<http://tvig.ig.com.br/esporte/futebol/jogador-do-gremio-e-flagrado-fazendo-sexo-com-duas-mulheres-52e275b4d53b081f88000865.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

Futebol Interior⁷⁰, são criticadas pela autora por julgar as mulheres que aparecem no vídeo – isentando o jogador –, além de envolver sua namorada no escândalo.

4.2.1.9 Guest post: a mãe-cadáver⁷¹

No blog Escreva Lola Escreva o texto do dia 28 de janeiro de 2014 é assinado por Renata, uma convidada. Os marcadores usados são: aborto, direita cristã, eutanásia, gravidez, guest post e mães. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 25.

O texto traz quatro exemplos de matérias que abordam o caso de Marlise Muñoz, estadunidense que teve morte cerebral às 14 semanas de gestação. O corpo de Marlise foi mantido por máquinas, durante meses. O Hospital não queria interromper o desenvolvimento do feto mesmo depois de considerado inviável, devido a embolia pulmonar sofrida pela gestante.

Renata critica a matéria do site português Público, de 25 de janeiro de 2014⁷² e o texto do jornal francês Le Figaro, de 8 de janeiro⁷³, ambos sem assinatura, além do texto da Reuters⁷⁴ publicado no site G1 da Globo, no dia 26 de janeiro. Segundo ela, os jornais abordam o tema pelo viés da eutanásia ou através do debate sobre o que é morte cerebral. Ao final do texto apresenta o link para uma tradução de um artigo, assinado por Benedict Carey e originalmente publicado no New York Times,

⁶⁸ UOL ESPORTE. **Zagueiro do Grêmio emite nota sobre video pornô e se diz fiel a miss.** Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/01/24/zagueiro-do-gremio-emite-nota-sobre-video-porno-e-se-diz-fiel-a-miss-rs.htm>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁶⁹ TERRA ESPORTES. **Relembra polêmicas sexuais de jogadores na internet.** Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/gremio/apos-gremista-relembra-polemicas-sexuais-de-jogadores-na-internet_00f5ce8aefb3410VgnVCM1000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁷⁰ FUTEBOL INTERIOR. **Fura olho: namorada de Otavio do Inter estaria no video de sexo de Saimon.** Disponível em: <<http://www.futebolinterior.com.br/futebol/Gaucho/Primeira-Divisao/2014/noticias/2014-01/Fura-olho-Namorada-de-Otavio-do-Inter-estaria-no-video-de-sexo-de-Saimon>> Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁷¹ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/01/guest-post-mae-cadaver.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁷² PÚBLICO. **Hospital do Texas quer manter viva mulher grávida com morte cerebral.** Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/hospital-do-texas-quer-manter-viva-mulher-gravida-com-morte-cerebral-1621106>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁷³ LE FIGARO. **Dans le coma et enceinte, elle est maintenue en vie pour le bébé.** Disponível em: <<http://madame.lefigaro.fr/societe/dans-coma-enceinte-elle-maintenue-vie-pour-bebe-080114-639374>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁷⁴ Portal G1. **Hospital desliga aparelhos de grávida com morte cerebral após ação judicial.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/01/hospital-desliga-aparelhos-de-gravida-com-morte-cerebral-apos-acao-judicial.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

publicado no site da Folha de S. Paulo em 11 de janeiro⁷⁵. Em sua opinião, o autor do artigo ignora completamente a condição feminina de Marlise Muñoz.

4.2.1.10 Como produzir uma mentira⁷⁶

No dia 19 de janeiro de 2014, Lola Aronovich publicou em seu blog este texto, com os marcadores: living la vida Lola e mascus. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 27.

Aronovich chama de tendenciosa uma matéria do programa Cidade Alerta⁷⁷, da Rede Record, veiculada em novembro de 2012, apresentada por Marcelo Rezende. Com outras pessoas envolvidas, o apresentador do programa coloca toda a culpa pelos atos do grupo na única mulher integrante, chamando a atenção sobre sua aparência.

Ela é acusada, junto com dois homens, de agredir um grupo de skinheads. O apresentador do programa começa a matéria chamando a acusada de assassina.

4.2.1.11 Última estupidez do ano?⁷⁸

Nessa postagem de 31 de dezembro de 2013, assinada por Lola Aronovich, aparecem os marcadores: feminismo, living la vida Lola, mídia e TV. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 30.

O produto de mídia trazido para crítica é o programa Fala que eu te escuto, veiculado pela Rede Record em 26 de dezembro de 2013⁷⁹. Aronovich afirma que o tema do programa (Machismo x Feminismo: A luta de ambos os movimentos é justa ou só promove a guerra entre os sexos?) por si só já é errado: o feminismo é um movimento, mas o machismo não – o machismo é uma ideologia e um conceito. Ela

⁷⁵ FOLHA DE S. PAULO. **Casos de morte cerebral nos EUA levantam debate sobre desligar aparelhos**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2014/01/1396264-casos-de-morte-cerebral-nos-eua-levantam-debate-sobre-desligar-aparelhos.shtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁷⁶ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/01/como-produzir-uma-mentira.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁷⁷ YOUTUBE. **Cidade Alerta**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=txsjZQd-wRI>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁷⁸ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/12/ultima-estupidez-do-ano.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁷⁹ O vídeo do programa não está disponível.

complementa afirmando que a oposição entre esses dois conceitos é errônea e perpetuada com o intuito de fomentar a ideia de guerra entre os sexos.

4.2.1.12 O feminismo, firme e forte, não precisa de novidades⁸⁰

No dia 16 de dezembro, no blog *Escreva Lola Escreva*, Aronovich trouxe um artigo de sua autoria, falando sobre neofeminismo, publicado na revista *Fatores de Mudança*, com os marcadores: ativismo, feminismo, living la vida Lola e mídia. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 31.

Três matérias são mencionadas no artigo. A capa da edição de agosto de 2013 da revista *ELLE*⁸¹ é comentada pela autora,

Em agosto deste ano, a versão brasileira da revista *Elle* colocou em sua capa: “O novo feminismo: Girl power. Sucesso, liberdade, e louboutins. Sim, podemos tudo!” Eu até fiquei um pouco preocupada: posso continuar me dizendo feminista mesmo sem ter a mais remota ideia do que sejam louboutins? (ARONOVICH, online)

A capa da edição de novembro da revista *Cosmopolitan*⁸² inglesa foi criticada por sugerir o topless para mulheres que quisessem um aumento – dando a entender que isso é o que entende por novo feminismo. Já o site da revista *Capricho* foi criticado por publicar uma matéria sobre as diferenças entre “menina pra namorar e menina pra ficar”⁸³. Depois de retirar o artigo do ar, a revista publicou matéria sobre as celebridades que se declaram feministas, segundo Aronovich, tentando reparar o erro.

4.2.1.13 Correio Feminino: mais machismo na tv⁸⁴

Marina Oliveira publica como convidada, no *Blogueiras Feministas*, no dia 13 de dezembro de 2013, com os marcadores: clarice lispector, história, machismo, mídia, televisão. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 32.

⁸⁰ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/12/o-feminismo-firme-e-forte-nao-precisa.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁸¹ REVISTA ELLE. **Sumário Edição 303.** Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/revistas/elle/sumarios/sumario- revista-elle-edicao-303-782171.shtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁸² COSMOPOLITAN. **Topless pay rise explanation.** Disponível em: <<http://www.cosmopolitan.co.uk/reports/a23632/topless-pay-rise-explanation/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁸³ Artigo retirado do site devido a manifestações das leitoras por seu conteúdo machista.

⁸⁴ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/12/correio-feminino-mais-machismo-na-tv/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

O produto de mídia criticado no texto é o programa Correio Feminino⁸⁵, veiculado pelo programa Fantástico, da Rede Globo. Mais especificamente a sua estreia, que ocorreu no dia 27 de outubro de 2013⁸⁶. Os roteiros do programa tem base nos textos de Clarice Lispector, na época em que usava o pseudônimo de Helen Palmer e escrevia sobre comportamento, beleza e relacionamento nos anos 1950.

Segundo a autora da crítica, o programa incentiva o preconceito e atitudes machistas e retrógradas. Passando uma imagem errônea de glamour e luxo dos anos 1950, a série mascara o machismo da época e se propõe a aplicar os conselhos de Helen às mulheres da atualidade. Um dos muitos conselhos de Helen criticados por Oliveira é o que afirma a necessidade de um homem para que uma mulher alcance a felicidade.

4.2.1.14 A extrema esquerda que defende foie gras⁸⁷

No dia 9 de dezembro de 2013, no blog Escreva Lola Escreva, Lola Aronovich criticou três textos do site do jornal do PCO⁸⁸. Os marcadores do texto são: animais, ativismo, living la vida Lola e política. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 33.

Os textos criticados são: editorial de 28 de novembro de 2013, sem assinatura⁸⁹; texto assinado por Natália Pimenta, Aline Toledo, Perci Marrara e Laura Gontijo, de 23 de abril de 2013⁹⁰; e o texto de Laura Gontijo, de 14 de abril de 2013⁹¹.

⁸⁵ FANTÁSTICO. **Correio Feminino**. Disponível em: <<http://especial.g1.globo.com/fantastico/correio-feminino/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁸⁶ FANTÁSTICO. **Correio Feminino: vídeos**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/videos/v/v/2913487/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁸⁷ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/12/a-extrema-esquerda-que-defende-foie-gras.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁸⁸ PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA. Disponível em: <<http://www.pco.org.br/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁸⁹ PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA. **Direitos dos Animais ou repressão à população?** Disponível em: <<http://www.pco.org.br/editorial/direitos-dos-animais-ou-repressao-a-populacao/azap,b.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁹⁰ PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA. **Uma resposta à política feminista do PSOL e PSTU**. Disponível em: <<http://www.pco.org.br/mulheres/uma-reposta-a-politica-feminista-do-psol-e-pstu/aoaz,e.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

⁹¹ PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA. **O maior ataque do peleguismo estudantil contra as lutas dos estudantes da USP**. Disponível em: <<http://www.pco.org.br/movimento-estudantil/o-maior-ataque-do-peleguismo-estudantil-contra-as-lutas-dos-estudantes-da-usp/aoei,j.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

Aronovich chama de absurdo o editorial do jornal, por dizer que “a causa dos direitos dos animais está sendo usada pela burguesia para transformar o Brasil num Estado religioso e para aumentar a repressão policial” (ARONOVICH, 2013). O segundo texto é criticado pela blogueira por chamar feministas de burguesas e o terceiro texto afirma que,

no meio da esquerda, a prática comum de feministas fazerem sexo com homens não porque elas querem, mas a mando de alguém, para trazê-los para a causa -- uma acusação que é extremamente ofensiva para militantes feministas e que se aproxima perigosamente do bom e velho slut shaming. (ARONOVICH, online)

O artigo acusa feministas de usarem sexo para trazer homens para a causa. O artigo foi escrito em resposta a uma declaração do DCE-Livre da USP, o qual é chamado de mentiras contadas por PSOL e PSTU, pela autora do PCO.

4.2.1.15 Garanta DJÁ a sua masculinidade: CRESÇA⁹²

O texto de Fabiana Motroni foi publicado no Blogueiras Feministas em 5 de dezembro de 2013 com os marcadores: manifesto, masculinidade, mídia, playboy, privilégio, revista e sexo. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 35.

A crítica é dirigida ao conteúdo de um texto publicado no site Meio e Mensagem⁹³ sobre a campanha publicitária criada pela agência The Heart para a revista Playboy, da Abril. Segundo a blogueira, os homens que se identificam com a campanha da Playboy – junto àqueles que criaram a campanha – são crianças grandes que não admitem que as mulheres tenham liberdade, equidade e passem a usufruir de privilégios historicamente masculinos.

4.2.1.16 Que migalha você aceitou hoje?⁹⁴

No texto de 19 de novembro de 2013, no blog Cem Homens, Nádia Lapa adiciona os marcadores: autoestima e relacionamentos. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 37.

⁹² BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/12/garanta-dja-a-sua-masculinidade-cresca/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

⁹³ MEIO E MENSAGEM. **Playboy sai em defesa dos homens acuados**. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2013/12/02/Playboy-sai-em-defesa-dos-homens-acuados.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

⁹⁴ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/11/que-migalha-voce-aceitou-hoje/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

A crítica de Lapa se refere a entrevista cedida por Romário, assinada por Graziela Salomão e publicada na mesma data no site da revista Marie Claire⁹⁵, da Globo. Lapa afirma não acreditar no que lê, criticando a participação de Romário votando a favor de uma CPI do aborto, ameaçando ONGs pró-escolha. Segundo ela, a proposta de Romário para a criação de um projeto de lei contra o revenge porn são apenas migalhas.

4.2.1.17 Reações se ofendem ao serem chamados de reações⁹⁶

O texto do blog Escreva Lola Escreva foi publicado por sua autora original, no dia 31 de outubro de 2013, com os marcadores: humor, living la vida Lola, machismo e política. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 38.

A crítica dessa publicação é direcionada ao programa Agora é tarde, da Band, veiculado no dia 3 de outubro de 2013, com apresentação de Danilo Gentili. Em um minuto e meio na TV, o apresentador fez piada sobre a maior doadora de leite materno do Brasil, Michele Maximino. Segundo Aronovich, a repercussão do quadro teve consequências graves: Michele passou a ser agredida verbalmente na rua, além de ser chamada de interesseira por ter processado a Band e Danilo Gentili⁹⁷ para a retirada do vídeo da internet.

4.2.1.18 Há sexismo em tudo o que eu vejo⁹⁸

No texto de 13 de outubro de 2013, no blog Cem Homens, Nádia Lapa traz os marcadores: feminismo, gênero, mídia, sexismo e papéis de gênero. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 42.

⁹⁵ MARIE CLAIRE. **Pornografia de revanche: nossa sociedade julga mulheres como se o sexo denegrise honra, diz Romário.** Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2013/11/pornografia-de-revanche-nossa-sociedade-julga-mulheres-como-se-o-sexo-denegrise-honra-diz-romario.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

⁹⁶ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/10/reacas-se-ofendem-ao-serem-chamados-de.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

⁹⁷ O vídeo não está mais disponível na internet, por razão da finalização do processo contra Gentili e a Band. A descrição do caso está disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/apos-piadas-danilo-gentili-e-processado-por-maior-doadora-de-leite-materno/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

⁹⁸ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/10/ha-sexismo-em-tudo-o-que-eu-vejo/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

A blogueira critica o desenho animado “Galinha Pintadinha”, por encontrar papéis de gênero em seus personagens – que são animais. Na sequência, Lapa critica um anúncio publicitário da marca Net⁹⁹, criado pela agência Talent. No anúncio uma princesa beija um sapo que se transforma em um cartão de crédito. Para Nádia, há ainda mais sexismo presente no vídeo.

4.2.1.19 O discurso nocivo e desumanizante do “mulher pra pegar”¹⁰⁰

Em 25 de setembro de 2013, Nádia Lapa postou no Cem Homens com o marcador notas. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 45.

O produto de mídia criticado é o programa A Liga¹⁰¹, veiculado pela Band, apresentado por Rafinha Bastos, no dia 24 de setembro de 2013¹⁰². Lapa critica o modo como a televisão em geral perpetua uma ideia de heterossexualidade compulsória. Critica também e, em especial, no programa A Liga citado o fato de homens falarem sobre mulheres, sobre questões que afetam apenas mulheres e se permitindo ditar o modo como mulheres devem se comportar.

4.2.1.20 Mais do mesmo¹⁰³

Nádia Lapa assina postagem do dia 4 de junho de 2013, no Cem Homens, com os marcadores: amor, autoestima e para o mundo que eu quero descer. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 49.

Duas matérias são citadas no post: a primeira da Revista TPM, publicada em 23 de maio de 2013, assinada por Anna Virginia Balloussier¹⁰⁴ e a segunda da Folha

⁹⁹ YOUTUBE. **Talent NET Sapo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nEWO6UjzLqs>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹⁰⁰ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/09/mulher-pra-pegar/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹⁰¹ BAND ENTRETENIMENTO. **A liga.** Disponível em: <<http://entretenimento.band.uol.com.br/aliga/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹⁰² YOUTUBE. **A liga – parte 1 de 7.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=24bk0yXuFa0>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹⁰³ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/06/mais-do-mesmo/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹⁰⁴ REVISTA TPM. **Mulher Magnética.** Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/reportagens/mulher-magnetica.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

de S. Paulo, publicada em 4 de junho de 2013, assinada por Marianne Piemonte¹⁰⁵. As duas matérias tem como assunto principal um curso, chamado “Mulher Magnética” que se propõe a ensinar mulheres a conquistarem os homens que desejam.

As críticas de Lapa são direcionadas para o fato das matérias ditarem regras de comportamento as mulheres, de forma indiscriminada

Porque em qualquer revista feminina brasileira que você encontrar, o discurso vai ser o mesmo. “Esteja maquiada”, “homens preferem saias e vestidos”, “coloque um salto para se sentir poderosa e atraia olhares”. O mais importante de tudo você também já sabe: seja magra e nunca, sob hipótese alguma, transe na primeira noite. (LAPA, online)

A blogueira critica revistas femininas que tentam ditar regras de beleza, comportamento, saúde e relacionamento.

4.2.1.21 Megan Fox não vai mais ficar pelada!¹⁰⁶

Nádia Lapa publica no Cem Homens, no dia 5 de fevereiro de 2013, com o marcador para o mundo que eu quero descer. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 56.

O produto de mídia criticado é a entrevista que Megan Fox cedeu para a revista estadunidense Esquire, na edição de fevereiro de 2013¹⁰⁷, assinada por Stephen Marche.

Lapa critica a hipocrisia das citações da entrevista, onde a atriz afirma que vai ter mais cuidado ao escolher seus trabalhos porque se preocupa com o que seu filho vai ter que lidar quando entrar na escola. Logo após essa afirmação segue um apanhado de fotos de Megan Fox vestindo peças pequenas e fazendo poses sensuais.

¹⁰⁵ FOLHA DE S. PAULO. **Mulheres aprendem a desmucucar em curso para atrair partidão.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/06/1289169-mulheres-aprendem-a-desmunhecar-em-curso-para-atrair-partidao.shtml>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹⁰⁶ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/02/megan-fox-nao-vai-mais-ficar-pelada/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹⁰⁷ ESQUIRE. **Megan Fox interview.** Disponível em: <http://www.esquire.com/features/megan-fox-photos-interview-0213?click=main_sr>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

4.2.1.22 Vou romper é a sua cara¹⁰⁸

Em 25 de dezembro de 2012, Nádia Lapa postou no Cem Homens com os marcadores: mídia, virgindade, catarina migliorini, hímen e playboy. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 58.

O produto de mídia criticado é a capa da edição de janeiro de 2013 da revista Playboy¹⁰⁹, com uma foto da modelo Catarina Migliorini. As críticas de Lapa estão voltadas para as escolhas estéticas – um urso de pelúcia rosa, as cores predominantes são tons de rosa, que remetem ao fato da modelo ter vendido sua virgindade. A blogueira também critica a chamada para o ensaio de fotos “CATARINA – A VIRGEM! Para romper o ano e trazer gostosas vibrações para 2013” que, segundo ela, objetifica Migliorini e todas as mulheres.

4.2.1.23 “O feminismo quer acabar com as gentilezas!”¹¹⁰

Em 6 de outubro de 2012 Nádia Lapa publicou no Cem Homens com os marcadores: feminismo, mitos e cavalheirismo. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 60.

O produto de mídia criticado é um texto publicado por Claudio R.S. Pucci na seção de beleza do Portal Terra¹¹¹, sem data. No texto o autor enumera 10 atitudes que fazem de um homem um cavalheiro. As críticas de Lapa se dirigem a forma como o autor do texto trata mulheres, em cada um dos itens do texto: seres delicados, incapazes e, por consequência, inferiores.

4.2.2 Cultura do Estupro

A cultura do estupro é um reflexo direto do machismo. Se trata de um conjunto de ideias e comportamentos que tem por objetivo deslegitimar o sofrimento

¹⁰⁸ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2012/12/vou-romper-e-a-sua-cara/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹⁰⁹ EGO. **Veja capa da playboy de Catarina Migliori, a virgem do leilão.** Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/12/veja-capa-da-playboy-de-catarina-migliori-irg-em-do-leilao.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹¹⁰ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2012/10/o-feminismo-quer-acabar-com-as-gentilezas/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹¹¹ TERRA. **Dez atitudes que fazem de você um perfeito cavalheiro.** Disponível em: <<http://beleza.terra.com.br/veja-10-atitudes-que-fazem-de-voce-um-perfeito-cavalheiro,994830f5e0e27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

das vítimas de estupro atribuindo a elas, total ou parcialmente, a culpa pela violência que sofreram.

A cultura do estupro se perpetua quando¹¹²: se considera que existe meio-termo quando se trata de estupro; se afirma que mulheres dizem não querendo dizer sim; vítimas são culpadas pelo estupro por usar determinada vestimenta; se considera que cantadas de rua são normais e aceitáveis; se acredita que estupros podem ser evitados pelas vítimas; se tem medo de denunciar um estuprador; se minimiza a culpa de um estuprador por ele ser famoso; se minimiza o sofrimento de uma vítima de estupro por ser homossexual, bissexual ou transexual.

A seguir um resumo dos textos analisados que tiveram a cultura do estupro como tema principal.

4.2.2.1 26% ou 65%, o que isso significa para o feminismo? O que isso significa para o ativismo?¹¹³

Postagem do dia 9 de abril de 2014, creditado a J. Oliveira e Camilla de Magalhães Gomes e publicado por Jussara Oliveira, no Blogueiras Feministas. Os marcadores usados foram: ameaça, campanha, estupro, movimento feminista, pesquisa e violência contra a mulher. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 8.

O texto critica duas matérias: a primeira do site R7¹¹⁴ da Rede Record, publicada no dia 3 de abril de 2014, assinada por Ivan Martínez; e a segunda da Folha de S. Paulo¹¹⁵, do dia 4 de abril de 2014, não assinada. Em ambos os textos são explicados os erros da pesquisa sobre a violência contra a mulher, divulgada e realizada pelo IPEA. As críticas dos autores estão voltadas ao fato de ambas as matérias centrarem a atenção no erro metodológico da pesquisa, tirando o foco do

¹¹² GAZETA DO POVO. **Você sabe o que é a cultura do estupro?** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/mulherio/voce-sabe-o-que-e-a-cultura-do-estupro/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

¹¹³ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/04/26-ou-65-o-que-isso-significa-para-o-feminismo-o-que-isso-significa-para-o-ativismo/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

¹¹⁴ PORTAL R7. **Estudo do Ipea que diz que mulher merece ser estuprada tem falha metodológica, dizem especialistas.** Disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidades/estudo-do-ipea-que-diz-que-mulher-merece-ser-estuprada-tem-falha-metodologica-dizem-especialistas-04042014>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

¹¹⁵ FOLHA DE S. PAULO. **Ipea erra e 26%, e não 65%, acham que roupa justifica ataque a mulher.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1435877-pesquisa-que-indica-apoio-a-ataques-a-mulheres-esta-errada-diz-ipea-so-26-concordam.shtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

problema – a cultura do estupro aceita como senso comum por uma grande parcela da sociedade brasileira.

4.2.2.2 Sobre a vergonha de ser homem¹¹⁶

Texto publicado no Blogueiras Feministas, no dia 8 de abril de 2014, assinado por Marcelo Caetano, com os seguintes marcadores: estupro, gênero, masculinidade, transexualidade e violência sexual. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 9.

O texto traz uma reflexão sobre as reações¹¹⁷ que se seguiram a divulgação da pesquisa do IPEA (citada no texto anterior) – justificando comportamentos machistas. Junto a argumentação do autor sobre a culpa de todos os homens pela manutenção do machismo está uma peça publicitária da marca Dolce & Gabbana¹¹⁸. Afirma o autor da postagem: “Tornei-me um homem, mas não quero ser confundido com esse modelo de macho, símbolo de violência, que é prescrito pela nossa sociedade patriarcal” (CAETANO, 2014, online).

4.2.2.3 Lutar ou negar: as reações à pesquisa do IPEA¹¹⁹

Mais uma crítica se referindo aos dados da pesquisa do IPEA, sobre violência contra as mulheres, dessa vez no blog Escreva Lola Escreva. O texto é assinado por Lola Aronovich, foi publicado no dia 31 de março de 2014 e tem os seguintes marcadores: ativismo, estupro, feminismo, living la vida Lola, machismo, mídia e violência. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 10. O texto criticado é a coluna de Felipe Moura Brasil¹²⁰, no site da Revista Veja, do Grupo Abril. A coluna em questão foi postada no dia 28 de março de 2014. Segundo Aronovich, além de

¹¹⁶ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/04/sobre-a-vergonha-de-ser-homem/>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

¹¹⁷ BRASIL POST. **Site defende legalização do estupro e morte de gays**. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2014/03/31/legalizacao-estupro_n_5061848.html>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

¹¹⁸ FOLHA DE S. PAULO. **Parlamentar italiana quer corrigir comercial da Dolce & Gabbana**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u69051.shtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

¹¹⁹ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/03/lutar-ou-negar-as-reacoes-pesquisa-do.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹²⁰ REVISTA VEJA. **A culpa do estupro**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2014/03/28/a-culpa-do-estupro-nao-e-da-mulher-mas-a-da-confusao-e-da-pesquisa-do-ipea-essa-sim-merece-ser-atacada/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

dizer que a pesquisa foi feita para vitimizar as mulheres – isentando os homens brasileiros de seu machismo, o colunista da Veja aproveita para atacar o IPEA por ser um órgão do governo.

4.2.2.4 "É bom pra xavecar a mulherada"¹²¹

O blog Escreva Lola Escreva teve uma publicação assinada por sua autora, no dia 25 de março de 2014, com as marcações: estupro, living la vida Lola, mídia, política e propaganda. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 13.

O texto critica dois produtos midiáticos: uma matéria veiculada no programa Fantástico¹²², da Rede Globo, sobre abusos no transporte público e uma propaganda institucional encomendada pela prefeitura de São Paulo, no formato de quadro humorístico, para a rádio Transamérica¹²³. Aronovich critica a matéria do Fantástico por trazer um psicólogo que individualiza o problema dos abusos que ocorrem no transporte público – sem tratar como um problema social. Critica também a propaganda veiculada na rádio Transamérica por incentivar que homens abordem mulheres nos trens e metrô.

4.2.2.5 Os encoxadores e a cultura de estupro¹²⁴

O texto de 21 de março de 2014, no blog Escreva Lola Escreva, assinado por Lola Aronovich, possui os marcadores: estupro, living la vida Lola e mídia. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 15.

Nessa postagem, Aronovich critica uma enquete realizada pelo site iG¹²⁵, no dia 20 de março de 2014. A enquete não está disponível no site atualmente. Relata Aronovich,

¹²¹ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/03/e-bom-pra-xavecar-mulherada.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹²² G1. **Você se sente suja, diz mulher sobre abuso em transporte público.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/03/voce-se-sente-suja-diz-mulher-sobre-abuso-em-transporte-publico-de-sp.html>>, Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹²³ Portal IG. **Papo de Craque – Transamérica.** Disponível em: <http://poderonline.ig.com.br/wp-content/uploads/2014/03/Transamerica_17-02-2014-as-17h50mPapo-de-Craque.mp3>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹²⁴ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/03/os-encoxadores-e-cultura-de-estupro.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹²⁵ Portal IG. Disponível em: <<http://www.ig.com.br/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

Ontem a iG realizou uma enquete, perguntando qual seria "a solução para abusos cometidos contra mulheres no transporte público?". As opções, aparentemente, eram "mais segurança", "áreas ou vagões específicos", e "roupas menos ousadas". Ganhou a última opção. (ARONOVICH, online)

A blogueira critica o fato de não haver uma resposta na enquete que associe a culpa dos abusos aos abusadores – o que seria a visão dela sobre a situação. Além disso, a resposta que obteve mais votos, segundo ela, reflete o ideal machista de que se mulheres se vestissem de forma mais recatada o abuso não aconteceria: atribuindo à vítima a culpa pelo abuso.

4.2.2.6 Guest Post: No BBB, só um acha errado beijar quem está fora de si¹²⁶

No texto de 18 de março de 2014, do blog Escreva Lola Escreva, a autora original dá espaço para Carol, uma convidada. Os marcadores usados foram: BBB, guest post, mídia e TV. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 18.

Nesse texto a autora convidada critica uma situação ocorrida dentro do reality show Big Brother Brasil, veiculado pela Rede Globo. Nesta edição do programa, mais precisamente alguns dias antes da postagem, foi veiculado um episódio onde, durante uma festa, uma das participantes estava sem consciência por ter bebido muito. Outro participante do reality foi visto beijando a moça que estava inconsciente.

A crítica do texto se volta para o fato de todos os participantes do reality show não identificarem este ato como um abuso. Apenas um concorrente se manifestou sobre isso e foi duramente repreendido por todos os outros, em diversos episódios do programa. Essa compreensão dos fatos, segundo a autora do texto, onde a vítima acaba pedindo desculpas ao abusador, reflete a cultura do estupro.

4.2.2.7 BBB, de novo, todo ano¹²⁷

Nádia Lapa publicou este texto no Cem Homens, no dia 17 de março de 2014, com o marcador notas. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 19.

¹²⁶ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/03/guest-post-no-bbb-so-um-acha-errado.html>>.

Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹²⁷ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2014/03/bbb-de-novo-todo-ano/>>.

Acesso em 01 de novembro de 2014.

O produto de mídia criticado neste post é o mesmo do texto anterior: a situação ocorrida no programa Big Brother Brasil 14, da Rede Globo. Lapa critica a culpabilização da vítima, ocorrida no programa. Segundo ela nenhum dos argumentos (a moça supostamente ter bebido, se insinuado e dado abertura anteriormente para o abusador) justificam o comportamento dele.

4.2.2.8 Que perguntas a sociedade precisa fazer sobre abuso sexual?¹²⁸

Bia Cardoso postou no Blogueiras Feministas, no dia 7 de março de 2014, com os marcadores: abuso sexual, cultura do estupro, estupro, mídia, sociedade e violência sexual. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 22.

O texto inicia citando a carta de Dylan Farrow, filha de Woody Allen e Mia Farrow, que acusa o pai de pedofilia. A crítica do texto se dirige à mídia em geral, mas aponta alguns links para o caso de duas adolescentes do interior da Bahia que foram estupradas por integrantes da banda New Hit. Segundo a blogueira, a superexposição das adolescentes após a divulgação do caso na mídia acabou gerando ainda mais problemas e trauma nas vítimas. São citados textos do site G1 da Globo, de 19 de setembro de 2013¹²⁹, não assinado; do portal UOL, de 2 de outubro de 2012¹³⁰, assinado por Anderson Sotero; e do site Bahia Notícias, de 15 de julho de 2013¹³¹, assinado por Rafael Albuquerque.

¹²⁸ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/02/que-perguntas-a-sociedade-precisa-fazer-sobre-abuso-sexual/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹²⁹ G1. **Sentença do caso New Hit deve sair até dezembro.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2013/09/sentenca-do-caso-new-hit-deve-sair-ate-dezembro-estima-advogado.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹³⁰ UOL. **MP denuncia os nove integrantes da banda new hit por estupro de adolescentes e grupo consegue habeas corpus.** Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/10/02/mp-denuncia-os-nove-integrantes-da-banda-new-hit-por-estupro-de-adolescentes-grupo-consegue-habeas-corpus.htm>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹³¹ BAHIA NOTÍCIAS. **Acusados de estupro, ex-dançarinos da New Hit fazem show com Psirico no Salvador Fest.** Disponível em: <<http://www.bahianoticias.com.br/holofote/noticia/30947-acusados-de-estupro-ex-dancarinos-da-new-hit-fazem-show-com-o-psirico-no-salvador-fest.html>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

4.2.2.9 A terceirização da culpa¹³²

Texto assinado por Nádia Lapa, no blog Cem Homens, no dia 15 de maio de 2013, com os marcadores: agressão, estupro e cultura do estupro. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 50.

A coluna de Danuza Leão, Evitando os riscos¹³³, publicada no jornal Folha de S. Paulo no dia 12 de maio, é criticada, junto da coluna de André Forastieri, Salve Jorge e a propaganda da prostituição¹³⁴, do dia 14, no site R7.

Em sua crítica, Lapa levanta a questão da culpabilização da vítima, presente nas duas matérias. Segundo ela, a cultura do estupro está clara nos dois textos que tentam amenizar a culpa do abusador apontando comportamentos, vestimenta e aparência das vítimas que, na opinião dos autores, levaram ao estupro, ou seja, culpando as vítimas por terem sido estupradas.

4.2.2.10 Jogo dos sete erros¹³⁵

No dia 2 de maio de 2013 Nádia Lapa publicou esta crítica no blog Cem Homens com os marcadores: agressão, estupro, reportagens e adolescência. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 51.

A matéria criticada foi publicada no dia 30 de abril de 2013, no site da Folha de S. Paulo, assinada por Juliana Vines¹³⁶. O texto relata casos de assédio e abuso entre adolescentes e as punições que os assediadores cumpriram em suas escolas. Na crítica, a blogueira faz marcações ao longo do texto original, comentando ao final cada tópico.

Segundo Lapa, o conteúdo é sexista e um show de equívocos,

Essa reportagem é um show de equívocos. Não acho que seja má fé, como não acredito que todos os meus colegas jornalistas deliberadamente

¹³² CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/05/a-terceirizacao-da-culpa/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹³³ FOLHA DE S. PAULO. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/danuzaleao/2013/05/1277445-evitando-os-riscos.shtml>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹³⁴ R7. **Salve Jorge e a propaganda da prostituição.** Divulgação em: <<http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2013/05/14/salve-jorge-e-a-propaganda-da-prostituicao/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹³⁵ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/05/jogo-dos-sete-erros/>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

¹³⁶ FOLHA DE S. PAULO. **Aluna de 13 anos denuncia assédio sexual praticado por colegas.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/04/1270518-aluna-de-13-anos-de-colegio-particular-denuncia-assedio-sexual-praticado-por-colegas.shtml>>. Acesso em 01 de novembro de 2014.

escolham fazer matérias sexistas. Compreender questões de gênero é trabalho diário – e o senso comum ainda é bem binarista e nada igualitário. Ainda mais se você entrevista uma especialista na área da reportagem, e ela fala um monte de besteira. Ela é conhecida, tem livros publicados, dá palestras. Entender que ela talvez esteja falando bobagem é difícil mesmo. (LAPA, online)

A matéria minimiza o que a vítima passou, ao chamar de desrespeito a violência física a qual foi submetida, segundo Lapa. Além disso, a jornalista chama a atenção para o excesso de zelo sobre o futuro dos agressores, sem preocupação semelhante sobre o futuro das vítimas. Por fim, Lapa questiona a escolha da especialista consultada para a matéria, por sua sugestão baseada em valores morais e não na educação sexual.

4.2.2.11 O desrespeito nunca termina¹³⁷

O texto de Nádia Lapa no blog Cem Homens, do dia 15 de abril de 2013, tem os marcadores: agressão, estupro, pimenta no cu dos outros é refresco, cultura do estupro, gerald thomas, mídia, nicole bahls e pânico. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 52.

O post critica a entrevista¹³⁸, feita por Nicole Bahls com o escritor Gerald Thomas, para o programa Pânico¹³⁹, da emissora Band, veiculada na noite de 14 de abril de 2013. A entrevistadora Nicole Bahls estava fazendo a cobertura do lançamento do livro de Thomas, e teve seu vestido levantado e suas genitais tocadas pelo entrevistado, durante gravação, em uma livraria no Rio de Janeiro.

Segundo Lapa, o que ocorreu – e foi veiculado no programa Pânico – foi um estupro. Para ela o desrespeito no programa se confirma com a presença de um psicólogo como fonte, afirmando que a interpretação da cena como uma agressão ou uma brincadeira depende de quem está assistindo. Ele ignora a falta de consentimento e chama a vítima de irresistível – atribuindo a ela a culpa pelo abuso sofrido: dois clássico da cultura do estupro.

¹³⁷ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/04/o-desrespeito-nunca-termina/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹³⁸ YOUTUBE. **Programa Pânico na Band**. Disponível em: <<http://youtu.be/hnhHlayvCT0>> e <<http://youtu.be/hnhHlayvCT0>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹³⁹ BAND. **Pânico na Band**. Disponível em: <<http://entretenimento.band.uol.com.br/paniconaband/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

4.2.2.12 A cultura do estupro gritando – e ninguém ouviu¹⁴⁰

Post de 11 de abril de 2013, no blog Cem Homens, assinado por Nádia Lapa com os marcadores: estupro, feminismo, notas e cultura do estupro. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 53.

A crítica desse texto se dirige ao mesmo produto de mídia criticado no texto anterior: a entrevista¹⁴¹, feita por Nicole Bahls com o escritor Gerald Thomas, para o programa Pânico. Lapa chama a atenção para o fato de nenhum dos presentes tomar atitude sobre o que acontecia na livraria: um lugar público, com muitas pessoas circulando durante o evento e com a equipe de produção (colegas de Bahls), ao seu lado durante o ocorrido.

A objetificação do corpo feminino é tratada por Lapa como um dos argumentos para que o comportamento de Thomas fosse considerado aceitável por quem edita e produz o programa, ao ponto de aceitarem a veiculação do trecho. A blogueira cita as feministas Jessica Valenti e Jaclyn Friedman, autoras do livro "Yes means Yes", usado por ela para fundamentar os tópicos dessa crítica.

A crítica também se dirige a uma matéria do site Ego¹⁴², da Globo, publicada em 10 de abril de 2013, sem assinatura. Segundo Lapa, o autor do texto trata o ocorrido como brincadeira, dizendo que “por essa a apresentadora não esperava”. Além disso, o segundo parágrafo, como criticado por Lapa, descreve a aparência da vítima, como se isso justificasse o abuso.

4.2.3 Gordofobia

O preconceito, a repulsa e o desconforto diante de uma pessoa gorda são as características mais óbvias da gordofobia¹⁴³.

¹⁴⁰ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/04/a-cultura-do-estupro-gritando-e-ninguem-ouve/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁴¹ BAND. **Pânico na Band**. Disponível em: <<http://youtu.be/hnhHlayvCT0>> e <<http://youtu.be/hnhHlayvCT0>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁴² EGO. **Escritor enfia mão dentro do vestido de Nicole Bahls**. Disponível em: <<http://ego.globo.com/noite/noticia/2013/04/escritor-enfia-mao-dentro-do-vestido-de-nicole-bahls.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁴³ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2012/09/gordofobia-um-assunto-serio/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

Outras atitudes e ideias também se encaixam na definição desse preconceito, como por exemplo: julgar e reprimir pessoas gordas sobre suas vestimentas, seu comportamento, sua alimentação e condução de suas vidas.

A gordofobia está inserida em um contexto de machismo. O padrão eurocêntrico e de culto aos corpos magros internaliza o ódio ao próprio corpo. A seguir um resumo dos textos que tiveram a gordofobia como tema principal.

4.2.3.1 Quem são as mulheres reais das propagandas de beleza?¹⁴⁴

Publicado em 14 de abril de 2014 no Blogueiras Feministas, esse texto tem autoria assinada por Bia Cardoso e os seguintes marcadores: beleza, comunicação, estética, gordofobia, imagem e publicidade. O machismo também foi contabilizado como tema dessa postagem. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 6.

O texto critica 3 peças publicitárias de vídeo: a peça “Quilinhos”¹⁴⁵ foi criada pela agência JWT para a marca Avon; “Adesivos”¹⁴⁶ e “Retratos da Real Beleza”¹⁴⁷ foram vídeos criados pela agência Ogilvy Brasil para a marca Dove. A crítica de Cardoso se centra em duas argumentações: no caso do vídeo da Avon é usada a culpa como mecanismo para que as expectadoras se identifiquem com a jovem atriz da peça. No caso Dove a blogueira ressalta a busca das peças em criar um laço de identificação com as clientes através da diversidade étnica das mulheres retratadas nos vídeos, em uma tentativa de incentivar o empoderamento, sem questionar os padrões de beleza aprisionadores e impossíveis de serem alcançados.

4.2.3.2 A ditadura do corpo ideal e o preconceito velado¹⁴⁸

No dia 13 de março de 2014, Amanda Nunes assinou um texto no Blogueiras Feministas com os marcadores beleza, corpo, estética, gordofobia, mulher gorda e saúde. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 20.

¹⁴⁴ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/04/quem-sao-as-mulheres-reais-das-propagandas-de-beleza/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁴⁵ YOUTUBE. **Quilinhos** – **Avon**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=apPlaVt8V9Y>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁴⁶ YOUTUBE. **Adesivos** – **Dove**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1_ULJzBsZ4A>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁴⁷ YOUTUBE. **Retratos da Real beleza** – **Dove**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IIOnz0LHbcM>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁴⁸ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/03/a-ditadura-do-corpo-ideal-e-o-preconceito-velado/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

A autora do texto faz uma longa introdução explicando as variações dos padrões de beleza ao longo do tempo, dependendo dos padrões de cada sociedade. Ao chamar a citação de uma entrevistada de uma matéria do UOL¹⁴⁹, a autora lança a crítica:

O cinema, a TV e a publicidade não enxergam a mulher gorda como qualquer outra, não exploram sua personalidade sem levar em consideração o físico ou apelar para o humor. A mídia age como se ser gorda não fosse o natural (não somente gorda, como ser baixinha, ter um corpo sem curvas ou uma deficiência física). O mercado é cruel com quem está fora dos padrões e a sociedade também. (NUNES, 2014, online)

Neste parágrafo a autora se refere a novela Amor à Vida, veiculada pela Rede Globo, que em seus capítulos finais apresentou o casamento de uma personagem gorda, associando o sucesso e a felicidade da personagem ao fato de ter casado. No mesmo texto, a autora apresenta dados de uma pesquisa realizada com leitoras da revista Marie Claire¹⁵⁰, apontando os preconceitos associados a pessoas gordas. Intitulada “Porque o mundo odeia as gordas”, a matéria foi assinada por Silvana Tavano.

4.2.3.3 Jennifer Lawrence faz com que você sinta-se envergonhada por seu corpo mais do que você imagina¹⁵¹

No dia 14 de janeiro o texto assinado por Jenny Trout, publicado no Huffington Post¹⁵² e traduzido por Liliane Gusmão foi publicado no Blogueiras Feministas, com os marcadores: autoestima, beleza, cinema, corpo, gordofobia, mulher gorda, padrão e tradução. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 29.

A autora do texto usa seis citações da atriz Jennifer Lawrence, publicadas em vários sites de notícias e entretenimento, se auto-afirmando gorda e contra dietas. Em contraponto, a autora traz três citações de Melissa McCarthy, também de sites

¹⁴⁹ UOL. **Novela humilha personagem gorda e ensina que felicidade depende de marido.** Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2013/10/10/novela-humilha-personagem-gorda-e-ensina-que-felicidade-depender-de-marido.htm>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁵⁰ MARIE CLAIRE. **Por que o mundo odeia as gordas.** Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1162418-1740-1,00.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁵¹ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/01/jennifer-lawrence-faz-com-que-voce-sinta-se-envergonhada-por-seu-corpo-mais-do-que-voce-imagina/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁵² HUFFINGTON POST. **Jennifer Lawrence Body-Shames You More Than You Might Realize.** Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/jenny-trout/jennifer-lawrence-body-shaming_b_4521379.html>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

diversos, falando sobre sua dificuldade em emagrecer, mesmo praticando uma alimentação saudável.

As frases de Lawrence foram publicadas nas seguintes matérias: Mirror em 29 de dezembro de 2012, assinado por Corinne Redfern¹⁵³; Entertainment Weekly em 9 de novembro de 2012, por Hillary Busis¹⁵⁴; The Guardian em 3 de outubro de 2012 por Ben Child¹⁵⁵; Daily Mail, em 8 de novembro de 2013 assinado por Jade Watkins¹⁵⁶; e Huffington Post em 11 de agosto de 2012, sem assinatura¹⁵⁷.

As frases de MacCarthy foram publicadas nas seguintes matérias: Fox News de 7 de novembro de 2012, sem assinatura¹⁵⁸; People em 21 de março de 2011 assinada por Ulrica Wihlborg¹⁵⁹; e US Weekly de 6 de novembro de 2012, assinada por Zach Johnson¹⁶⁰.

As críticas se dirigem ao simples fato da publicação de tais frases. As citações de Lawrence, uma mulher jovem com corpo que pode ser considerado dentro dos padrões de beleza, segundo a autora, são ofensivas a pessoas realmente obesas. Em sua opinião, as afirmações da atriz só são exaltadas por seus fãs, justamente por isso – apesar de não se enquadrar no padrão de Hollywood. Segundo a autora, se fosse uma atriz realmente obesa, como no caso de McCarthy, tais afirmações seriam consideradas absurdas e ela seria taxada como um mau exemplo.

¹⁵³ THE MIRROR. "I'd rather look chubby on screen and like a person in real life": Jennifer Lawrence continues being awesome. Disponível em: <<http://www.mirror.co.uk/3am/celebrity-news/silver-linings-playbook-actress-jennifer-1509653>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁵⁴ ENTERTAINMENT WEEK. Jennifer Lawrence: 'In Hollywood, I'm obese'. Disponível em: <<http://popwatch.ew.com/2012/11/09/jennifer-lawrence-weight/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁵⁵ THE GUARDIAN. Jennifer Lawrence 'told to diet' to save career. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/film/2013/oct/03/jennifer-lawrence-told-to-diet>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁵⁶ DAILY MAIL. 'That's just dumb': Body confidence advocate Jennifer Lawrence says she refuses to 'be hungry to make other people happy' as she discusses her weight. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-2493511/Jennifer-Lawrence-refuses-hungry-make-people-happy.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁵⁷ HUFFINGTON POST. Jennifer Lawrence Weight: Actress Says In Hollywood She's Obese. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2012/11/08/jennifer-lawrence-weight-actress-says-hollywood-shes-obese_n_2092590.html>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁵⁸ FOX NEWS. Melissa McCarthy: 'I don't know why I am not thinner'. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/entertainment/2012/11/07/melissa-mccarthy-dont-know-why-am-not-thinner/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁵⁹ PEOPLE MAGAZINE. Melissa Mccarthy: Her Moment to Shine. Disponível em: <<http://www.people.com/people/article/0,,20472991,00.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁶⁰ US MAGAZINE. Melissa McCarthy: "Sometimes I Wish I Were Just Magically a Size 6". Disponível em: <<http://www.usmagazine.com/celebrity-body/news/melissa-mccarthy-sometimes-i-wish-i-were-just-magically-a-size-6-2012611>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

4.2.3.4 Corpos Perfeitos¹⁶¹

Postado no blog Escreva Lola Escreva no dia 14 de outubro de 2013, com autoria de Lola Aronovich, tem os marcadores: aceitação do corpo, living la vida Lola, mito da beleza e mídia. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 41.

No texto, Aronovich critica o post do dia primeiro de outubro de 2013 da Revista Marie Claire, do grupo Globo, sem assinatura, sobre a modelo Izabel Goulart¹⁶² – que aparece em uma foto de biquíni. Segundo a blogueira, o título do texto foi modificado devido a críticas sobre a perfeição do corpo da modelo. Segundo ela, a revista se isenta de adjetivá-lo como perfeito ao atribuir o elogio às fãs da modelo. Essa mudança só ocorreu após uma semana de muitas reclamações das leitoras nos comentários. Além disso, Aronovich chama atenção para o body shaming,

Talvez, em vez de avaliar corpos alheios, em vez de determinar quem é bonita ou feia (porque os corpos de mulheres são muitíssimo mais avaliados que os de homens, já que ainda se considera que a principal qualidade de uma mulher é a beleza), perfeita ou imperfeita, capaz ou incapaz, saudável ou doente, devêssemos reconhecer a beleza em todos os corpos. (ARONOVICH, online)

A blogueira alerta para o excesso de vigilância sobre os corpos das mulheres, em qualquer forma física.

4.2.3.5 Mulheres: corpos sempre disponíveis¹⁶³

Luciana Nepomuceno assina postagem do dia 10 de outubro de 2013 com os marcadores: beleza, corpo, gordofobia, machismo e padrão de beleza. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 43.

¹⁶¹ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/10/corpos-perfeitos.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁶²MARIE CLAIRE. **Izabel Goulart se despede do Rio de Janeiro e mostra corpo perfeito.** Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Beleza/noticia/2013/10/izabel-goulart-se-despede-do-rio-de-janeiro-e-mostra-corpo-perfeito.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁶³ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/10/mulheres-corpos-sempre-disponiveis/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

A matéria criticada nesse texto é a mesma do texto anterior: matéria da Revista Marie Claire, do grupo Globo, sobre a modelo Izabel Goulart¹⁶⁴. Nepomuceno fala sobre a emissão de juízo de valor sobre os corpos das mulheres,

Um exemplo claro, para mim, é a naturalidade com que se avalia, julga e se emite juízo de valor sobre o corpo das mulheres. Os corpos das mulheres são públicos para serem tocados, narrados, rotulados. Seja o corpo desprezado, ridicularizado, marginalizado, os corpos gordos, deficientes, velhos; seja o corpo-troféu, magros, malhados, cirurgicamente tratados, duramente conseguidos, incensados na mídia. Os corpos das mulheres estão aí para serem questionados. De uma forma ou de outra, essa mulher está sempre errada. (NEPOMUCENO, 2013, online)

Para a blogueira esse é o caso do texto da revista Marie Claire, deflagrado por enaltecer a magreza e os padrões de beleza estabelecidos. Segundo Nepomuceno, a lógica machista é circular: ao se permitir que uma matéria de revista aponte um corpo como perfeito, classificando os outros como imperfeitos, também se permite que todas as pessoas apontem defeitos dos corpos femininos alheios.

4.2.3.6 Você está defendendo a escolha ou o controle?¹⁶⁵

Nádia Lapa postou no Cem Homens, no dia 3 de setembro de 2013, com os marcadores: autoestima, emagrecimento, fantástico, gaby amarantos, medida certa, naomi wolf, o mito da beleza, obesidade, preta gil e feminismo. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 46.

A crítica é direcionada ao quadro Medida Certa do programa Fantástico¹⁶⁶ da Rede Globo de Televisão. A indústria da dieta, a demonização do ganho de peso e a propaganda da magreza como status de saúde, são ideias reforçadas pelo programa e criticadas por Lapa no texto.

¹⁶⁴MARIE CLAIRE. **Izabel Goulart se despede do Rio de Janeiro e mostra corpo perfeito.** Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Beleza/noticia/2013/10/izabel-goulart-se-despede-do-rio-de-janeiro-e-mostra-corpo-perfeito.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁶⁵CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/09/voce-esta-defendendo-a-escolha-ou-o-controle/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁶⁶FANTÁSTICO. **Porchat, Gaby Amarantos, Preta Gil e Cesar Menotti encaram o medida certa.** Disponível em: <<http://globo.globo.com/rede-globo/fantastico/v/porchat-gaby-amarantos-preta-gil-e-cesar-menotti-encaram-o-medida-certa/2784305/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

4.2.3.7 Gaby Amarantos e Preta Gil no “Medida Certa”: uma medida errada¹⁶⁷

Em seu post de primeiro de setembro de 2013, Nádya Lapa publicou no Cem Homens com os marcadores: autoestima, mídia, fantástico, gaby amarantos e preta gil. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 47.

O programa criticado é o mesmo do post anterior: o quadro Medida Certa, do programa Fantástico¹⁶⁸, veiculado pela Rede Globo. Segundo Lapa, Gaby Amarantos e Preta Gil construíram suas personas associadas ao tamanho que vestem. A entrada das duas celebridades no Medida Certa, quadro que tem por objetivo a perda de peso, já caracteriza a contradição do fato. Critica a jornalista,

Mas como explicar que duas mulheres que há um par de meses celebravam os corpos, se diziam gostosas e satisfeitas com o próprio peso, incentivavam outras mulheres a descobrirem a autoestima independente da aparência, possam agora estar em busca da “medida certa”? (Lapa, *online*)

Ao aceitarem participar do programa, as duas celebridades – antes símbolo de mulheres fora da norma –, segundo Lapa, acabam por ceder a doutrinação midiática de que só as magras são felizes.

4.2.3.8 Gordofobia fantasiada de reportagem¹⁶⁹

No blog Cem Homens, Nádya Lapa assina postagem do dia 11 de julho de 2013 com os marcadores: autoestima, machismo, mídia e gordofobia. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 48.

A postagem critica o texto A vez das Gordinhas¹⁷⁰, publicado no site Area H, sem data e sem assinatura. A crítica de Lapa perpassa cada parágrafo do texto original que, segundo a blogueira, está recheado de machismo, racismo e gordofobia, tratando mulheres fora dos padrões de beleza como objetos inúteis – que convenientemente se tornam úteis nos momentos de solidão dos homens.

¹⁶⁷ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/09/gaby-amarantos-e-preta-gil-no-medida-certa-uma-medida-errada/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁶⁸ FANTÁSTICO. Porchat, Gaby Amarantos, Preta Gil e Cesar Menotti encaram o medida certa. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/porchat-gaby-amarantos-preta-gil-e-cesar-menotti-encaram-o-medida-certa/2784305/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁶⁹ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/07/gordofobia-fantasiada-de-reportagem/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁷⁰ AREA H. **A vez das gordinhas.** Disponível em: <http://www.areaah.com.br/vibe/comportamento/materia/12230/1/pagina_1/a-vez-das-gordinhas.aspx#a_texto>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

4.2.3.9 Atirando para todos os lados – e acertando na sua autoestima¹⁷¹

Em 7 de janeiro de 2013, Nádia Lapa publicou no Cem Homens com os marcadores: autoestima e mídia. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 57.

O produto de mídia criticado é a revista Seventeen, dos Estados Unidos. No site da revista foi lançada a campanha “Fique em paz com o seu corpo”¹⁷² (tradução minha), assinada por mais de 90 mil mulheres. Junto das promessas, que as participantes adolescentes deveriam ler e seguir após assinarem o compromisso, o texto de introdução cita o reality show The Biggest Loser¹⁷³ e o diário de uma das participantes, Sunny¹⁷⁴, uma adolescente insatisfeita com seu peso.

A crítica de Lapa está baseada na contradição presente nessa campanha. Segundo ela, ao mesmo tempo em que a revista estimula as adolescentes ao amor próprio e a aceitação do corpo, tendo a forma que tiver, a mesma revista disponibiliza para leitura o diário de uma participante de um reality show que estimula o emagrecimento a qualquer preço.

4.2.4 Femicídio

A morte de mulheres em razão do seu sexo é chamada feminicídio¹⁷⁵ ou femicídio. Reflexo do machismo, é a expressão máxima da violência e do preconceito de gênero. Não são eventos isolados, por serem resultado da diferença de poder entre homens e mulheres em suas relações.

Não existe a figura jurídica correspondente ao feminicídio, na grande maioria dos países, inclusive no Brasil. Sendo assim, é muito difícil se obter dados estatísticos sobre esse tipo de crime.

¹⁷¹ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/01/atirando-para-todos-os-lados-e-acertando-na-sua-autoestima/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁷² SEVENTEEN MAGAZINE. **Body Peace Pledge**. Disponível em: <<http://www.seventeen.com/health/tips/body-peace-pledge>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁷³ Competição em formato de reality show onde os participantes devem perder mais peso que seus concorrentes para se manter o máximo de tempo no programa, concorrendo a meio milhão de dólares

¹⁷⁴ SEVENTEEN MAGAZINE. **Sunny: the biggest loser adolescent contestant diary**. Disponível em: <<http://www.seventeen.com/health/sunny-biggest-loser-diary#slide-1>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁷⁵ WIKIPEDIA. **Femicídio**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Femic%C3%ADdio>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

4.2.4.1 A capa da Placar com Bruno faz parte da normalidade do feminicídio no Brasil¹⁷⁶

Publicada no Blogueiras Feministas em 28 de abril de 2014, esta crítica é assinada por Fabiana Moraes com os marcadores: comunicação, crítica, feminicídio, jornalismo, revista e violência contra a mulher. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 2.

A capa da revista Placar¹⁷⁷, do Grupo Abril, em sua edição 1389, de abril de 2014, faz chamada para uma entrevista de 6 páginas, de autoria de Breiller Pires e um editorial, assinado por Maurício Barros. O assunto: a vontade de Bruno Fernandes das Dores de Souza, conhecido como Goleiro Bruno – condenado a 22 anos de prisão pelo assassinato de Eliza Samudio – de retornar aos campos de futebol.

A crítica trazida por Fabiana Moraes faz uma comparação entre a visibilidade dos homens e das mulheres na mídia nacional.

4.2.4.2 Revista Placar tenta humanizar o feminicida Bruno, condenado pelo assassinato de Eliza Samudio¹⁷⁸

Essa postagem foi realizada no dia 25 de abril de 2014, por Nádia Lapa, no blog Cem Homens, usando os marcadores: eliza samudio, feminicídio, mídia e placar. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 3.

O produto de mídia criticado nesta postagem é o mesmo do texto anterior. Lapa traz em sua crítica o tratamento privilegiado dado ao goleiro, como se a justiça não tivesse sido feita e ele possuísse algum tipo de direito/privilégio de seguir exercendo sua profissão – o que não se aplica as demais detentos do sistema carcerário brasileiro.

¹⁷⁶ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/04/a-capa-da-placar-com-bruno-faz-parte-da-normalidade-do-femicidio-no-brasil/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁷⁷ REVISTA PLACAR. **Matéria de capa da edição 1389**. Disponível em: <<http://placar.abril.com.br/revista/edicao-1389>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁷⁸ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2014/04/revista-placar-tenta-humanizar-o-feminicida-bruno-condenado-pelo-assassinato-de-eliza-samudio/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

4.2.4.3 "Aquela mulher lutou muito para não morrer"¹⁷⁹

Lola Aronovich postou em seu blog *Escreva Lola Escreva*, no dia 25 de outubro de 2013, com os marcadores: living la vida Lola, machismo e violência. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 39.

Quatro matérias de três veículos diferentes são criticadas por Aronovich pelo mesmo motivo: o assassinato de uma mulher por seu esposo, por motivo de ciúmes depois do final de um relacionamento, não é chamado de feminicídio em nenhum dos textos. As matérias são: do site G1 do grupo Globo, no dia 13 de outubro de 2013¹⁸⁰, sem assinatura; do site do jornal *Diário do Nordeste*, do grupo Verdes Mares, de 14 de outubro de 2013, assinada por Fernando Ribeiro¹⁸¹; e do portal *O Povo Online*, matérias dos dias 14 e 25 de outubro, assinadas por Mariana Lazzari¹⁸² e Demitri Túlio¹⁸³, respectivamente.

4.2.4.4 Lei Maria da Penha e as promessas não cumpridas do Sistema de Justiça Criminal¹⁸⁴

Camilla de Magalhães Gomes assina esse texto, do dia 2 de outubro de 2013, no *Blogueiras Feministas*, com os marcadores: direito penal, feminicídio, Lei Maria da Penha, pesquisa, punitivismo e violência contra a mulher. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 44.

A matéria criticada é do Portal EBC, Agência Brasil, publicada em 25 de setembro de 2013 e assinada por Carolina Sarres¹⁸⁵. Segundo a autora da crítica o

¹⁷⁹ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/10/aquela-mulher-lutou-muito-para-nao.html>>.

Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁸⁰ G1. **Suplente de vereador de Fortaleza é preso por suspeita de matar mulher.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/10/suplente-de-vereador-de-fortaleza-e-presosuspeito-de-matar-mulher.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁸¹ DIÁRIO DO NORDESTE. **Ex-vereador mata esposa a facadas.** Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/ex-vereador-mata-esposa-a-facadas-1468241>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁸² O POVO ONLINE. **Ex-suplente de vereador mata a ex-mulher.** Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/radar/2013/10/14/noticiasjornalradar,3145979/ex-suplente-de-vereador-mata-a-ex-mulher.shtml>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁸³ O POVO ONLINE. **Vizinhos ligaram 10 vezes para CIOPS.** Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2013/10/25/noticiasjornalcotidiano,3152279/vizinhos-ligaram-10-vezes-para-ciops.shtml>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁸⁴ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/10/lei-maria-da-penha-e-as-promessas-nao-cumpridas-pela-justica-criminal/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁸⁵ EBC – AGÊNCIA BRASIL. **Segundo IPEA, lei Maria da Penha não consegue reduzir homicídios de mulheres.** Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-09->

texto, que trata dos índices de violência contra a mulher e feminicídios após a validação da Lei Maria da Penha, foi replicado em diversos veículos de comunicação. Segundo Gomes, a matéria dá a entender que a simples existência da lei seria o suficiente para que a violência contra a mulher e os feminicídios diminuíssem no país.

A blogueira complementa que comportamentos inseridos em uma sociedade não mudam por causa de uma lei. Uma sociedade baseada em valores machistas tem por consequência direta a violência contra a mulher.

4.2.4.5 O caso Pistorius e o discurso de crime passionai¹⁸⁶

O post de 17 de fevereiro de 2013, assinado por Nádia Lapa, no Cem Homens, tem os marcadores: agressão, feminismo, machismo, jessica valenti, pistorius, reeva steenkamp e violência de gênero. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 55.

O produto de mídia criticado é a capa da revista The Sun, britânica, na edição de 15 de fevereiro de 2013¹⁸⁷. A capa traz Reeva Steenkamp usando biquini, em uma foto sensual, e as seguintes palavras: "3 tiros. Gritos. Silêncio. Mais 3 tiros" (tradução minha). A matéria relata o caso do famoso atleta olímpico e paralímpico, Oscar Pistorius, único e principal suspeito do assassinato de sua noiva, a modelo Reeva Steenkamp.

Lapa inicia sua crítica com uma frase bastante conhecida em meios feministas: "o feminismo nunca matou ninguém, o machismo mata todos os dias". Quatro pontos são levantados pela autora sobre crimes passionais que tem mulheres como vítimas e o último desses pontos fala justamente sobre a cobertura midiática desses crimes. Afirma Lapa,

A história é toda horrenda e assustadora. Mas ela nos aponta coisas que insistimos em não enxergar. A primeira delas é que violência doméstica acontece em qualquer classe social. Em segundo lugar, que pessoas "acima de qualquer suspeita" na vida social podem ser, na verdade, criminosos frios e agressivos. Em terceiro, que esses crimes poderiam ter sido evitados – no caso de Pistorius e Reeva, a polícia já havia sido chamada outras vezes à

[25/ipea-lei-maria-da-penha-nao-consegue-reduzir-homicidios-de-mulheres](#)>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁸⁶ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/02/o-caso-pistorius-e-o-discurso-de-crime-passional/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁸⁷ THE SUN. **Oscar Pistorius is charged for murdering his girlfriend**. Disponível em: <<http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/news/4796129/oscar-pistorius-charged-with-murdering-girlfriend.html>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

casa do atleta em razão de distúrbios entre os dois. Quarto e muito, muito importante: a cobertura midiática de crimes como esse insiste em culpabilizar (ou apagar) a vítima, costumeiramente mostrando o agressor como um cara bacana, “que ama demais”. Foi assim no caso Eloá e no de Ângela Diniz. Nesse último, o assassino Doca Street matou a companheira para “proteger sua honra” e “sob violenta emoção”. E chegou a ser absolvido no primeiro julgamento (e condenado depois a 15 anos de prisão). (Lapa, *online*)

A romantização de crimes passionais pela mídia é escolhido como tema da matéria da jornalista Jéssica Valenti¹⁸⁸, citada por Lapa em seu texto. A capa do The Sun também foi comentada por Helen Lewis¹⁸⁹ no site New Statesman.

4.2.5 Homofobia, Bifobia e Transfobia

Em 1991, a Anistia Internacional passou a considerar a discriminação contra homossexuais uma violação aos direitos humanos¹⁹⁰. Entretanto, ainda hoje em vários países, atitudes de repressão e preconceito direcionadas a homossexuais, bissexuais e transexuais não são punidas como crime de ódio. Sofrendo discriminação social, cultural e religiosa, esses grupos sociais lutam pela criminalização e penalização desses crimes.

O termo homofobia é usado como um termo genérico para os três tipos de preconceito, o que é um erro comum. As orientações sexuais e expressões de gênero são diversas e precisam ser reconhecidas e respeitadas.

A seguir um resumo dos textos que tiveram homofobia, bifobia e transfobia como temas principais.

4.2.5.1 Bissexualidade e pansexualidade: distorções, disputas e invisibilidade¹⁹¹

No dia 6 de fevereiro de 2014, Jussara Oliveira publicou esse texto no Blogueiras Feministas, com os marcadores: bifobia, bissexualidade, pansexualidade,

¹⁸⁸ THE NATION. **American Horror Story: Oscar Pistorius and Misogynist Myth-Making.** Disponível em: <<http://www.thenation.com/blog/172951/american-horror-story-oscar-pistorius-and-misogynist-myth-making>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁸⁹ NEW STATESMAN. **Reeva Steenkamp: our media invites you to ogle a dead woman.** Disponível em: <<http://www.newstatesman.com/2013/02/reeva-steenkamp-our-media-invites-you-ogle-dead-woman>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁹⁰ WIKIPEDIA. **Homofobia.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Homofobia>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁹¹ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/02/bissexualidade-e-pansexualidade-distorcoes-disputas-e-invisibilidade/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

representatividade e visibilidade. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 23.

O texto critica uma entrevista¹⁹² veiculada pela rádio web Lado Bi, do portal UOL, no dia 23 de janeiro de 2014, com o ator Marcello Antony¹⁹³, que na época interpretava um personagem bissexual na novela Amor à Vida. O ator afirmou na entrevista que bissexuais não existem e, que, as pessoas sempre sentem mais atração por um sexo do que por outro. Segundo a autora do texto, ao afirmar isso, Marcello Antony

Podia estar contribuindo para a visibilização da bissexualidade trazendo o debate sobre seu personagem, mas fez o contrário. E, infelizmente, esse tipo de declaração não é novidade para quem sofre com a bifobia. (OLIVEIRA, 2014, online)

A autora aproveita o assunto para tratar de outras fobias relacionadas e explicar que o termo bissexual é um termo guarda-chuva, que abrange uma grande diversidade de orientações sexuais.

4.2.5.2 Dois pesos e duas medidas são fatais para transgêneros¹⁹⁴

O texto de Brynn Tannehill foi traduzido por Roberto Maxwell e publicado no Blogueiras Feministas no dia 17 de janeiro de 2014, com os marcadores: mulher trans, transexualidade, transfobia, transgênero e violência. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 28.

O artigo critica o programa Katie, veiculado pela rede estadunidense ABC no dia 6 de janeiro de 2014, apresentado por Katie Couric¹⁹⁵. Ao entrevistar Laverne Cox e Carmen Carrera, ícones transexuais da televisão estadunidense, Katie Couric perguntou as duas sobre suas cirurgias de mudança de sexo – se já haviam feito ou não. Segundo a autora do artigo¹⁹⁶, ao se sentir no direito de fazer tal pergunta a

¹⁹²O DIA. “Não existe bissexual”, diz Marcello Antony em programa de webrádio. Disponível em: <<http://blogs.odia.ig.com.br/lgbt/2014/01/24/nao-existe-bissexual-diz-marcello-antony-em-programa-de-webradio/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁹³UOL. Lado Bi, n.41 – Amor à vida. Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/programa/lado-bi/edicao/14836654>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁹⁴BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/01/dois-pesos-e-duas-medidas-sao-fatais-para-transgeneros/>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁹⁵HUFFINGTON POST. Laverne Cox And Carmen Carrera Discuss Transgender Issues On Katie Couric Show. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2014/01/07/laverne-cox-carmen-carrera-katie-couric_n_4555080.html>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

¹⁹⁶HUFFINGTON POST. The Fatal Transgender Double Standard. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/brynn-tannehill/the-fatal-transgender-dou_b_4571932.html>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

apresentadora do programa reproduz a ideia de que o corpo transexual é de domínio público e não tem direito a privacidade.

4.2.5.3 Notas imperfeitas de um domingo quase no fim¹⁹⁷

No dia 8 de dezembro de 2013, Lola Aronovich publicou em seu blog este texto com os marcadores: homossexuais, living la vida Lola, livro, machismo, mascus, mídia, preconceitos e violência. O texto também possui o tema machismo. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 34.

O primeiro produto de mídia criticado no texto é o programa Correio Debate veiculado em 4 de dezembro de 2013 na Rádio Correio¹⁹⁸, do estado da Paraíba, com apresentação de Fabiano Gomes¹⁹⁹. A blogueira critica o radialista por condenar mulheres que fazem fotos íntimas e por fingir ignorar a existência de “revenge porn” (pornografia de vingança). Além disso, o radialista afirma sua visão machista de mundo ao agradecer a Jesus por ter apenas filhos homens.

O segundo produto de mídia criticado é uma matéria do Estadão, assinada por Luciano Bottini Filho, do dia 4 de dezembro de 2013²⁰⁰. Aronovich critica o título da matéria: “Ativista feminista cai do 4º andar e diz que foi vítima de machismo”. Segundo ela, o título cria desconfiança sobre a vítima ao afirmar que ela caiu do 4º andar, e não dizer que ela foi jogada, como as testemunhas e a própria vítima afirmam em depoimentos. O mesmo caso foi tema de matéria da Record, no programa Fala Brasil de 5 de dezembro de 2013²⁰¹. A crítica se foca nos erros da matéria que afirma que a vítima esteve em coma, que o agressor era namorado da vítima e que o motivo da briga foi o álcool ingerido por ele quando, na verdade, segundo Aronovich, a moça foi jogada da sacada por ter chamado seu agressor de machistinha.

¹⁹⁷ ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/12/notas-imperfeitas-de-um-domingo-quase.html>.

Acesso em 03 de novembro de 2014.

¹⁹⁸ YOUTUBE. **Fabiano Gomes no programa Correio Debate**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fCyLW-4bwDE#t=96>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

¹⁹⁹ FATOS PB. **Federação e Sindicato dos Jornalistas decidem acionar Fabiano Gomes na justiça**. Disponível em: <http://fatospb.com.br/?r=site/noticia&id=9761>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²⁰⁰ ESTADÃO. **Ativista feminista cai do 4º andar e diz que foi vítima de machismo**. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,ativista-feminista-cai-do-4-andar-e-diz-que-foi-vitima-de-machismo,1104221>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²⁰¹ R7. **Estudante sai do coma e revela ter sido jogada do prédio em São Paulo**. Disponível em: <http://rederecord.r7.com/video/estudante-sai-do-coma-e-revela-ter-sido-jogada-de-predio-em-sao-paulo-52a062650cf2eed7218acb8d/>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

O quarto produto criticado na postagem é a matéria do Portal O Dia, de 28 de novembro de 2013, assinado por Maria Romero²⁰². O texto relata agressões que um aluno de direito da Fatepi/Faespi, de Teresina, sofreu por parte de seus colegas que associavam homossexualidade à pedofilia. A crítica de Aronovich se volta para uma afirmação publicada na matéria que chama de “opinião forte” a prática da homofobia.

4.2.5.4 O pessoal é político²⁰³

No blog Cem Homens, Nádya Lapa assina o texto do dia 7 de abril de 2013, com os marcadores homossexualidade e preconceito. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 54.

A crítica se direciona a chamada na capa da revista Veja e uma matéria publicada no site da mesma revista, no dia 28 de abril de 2013, com o título: Casamento Gay – Ao apresentar sua esposa, Daniela Mercury faz da união homossexual uma questão inadiável no Brasil²⁰⁴. A reportagem teve autoria de Gabriela Carelli, Álvaro Leme, Bela Megale, Carlos Giffoni, Carolina Melo e Kalleo Coura.

Lapa adverte nos primeiros parágrafos: esse texto se identifica como reportagem e possui material opinativo de caráter homofóbico.

Opinião se dá em colunas, blogs, crônicas. Matéria deve ser factual. Evidente que qualquer veículo é editorializado e segue a linha de quem manda (seja uma pessoa, seja uma empresa), mas se eu compro uma revista de notícias, quero saber o quem, quando, onde, como e porque, não se o editor é um pulha. (Lapa, *online*)

Lapa ressalta a importância do posicionamento da cantora Daniela Mercury ao assumir publicamente seu relacionamento e do quanto essa decisão influencia o diálogo e o debate sobre o tema. No caso específico da reportagem trazida pela revista Veja, mesmo com caráter opinativo, a pauta foi trazida à debate.

²⁰² PORTAL O DIA. **Aluno procura a polícia após sofrer homofobia em faculdade de Teresina.** Disponível em: <<http://www.portalodia.com/noticias/piaui/aluno-procura-a-policia-apos-sofrer-homofobia-em-faculdade-de-teresina-188053.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²⁰³ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2013/04/o-pessoal-e-politico/>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²⁰⁴ REVISTA VEJA. **Casamento gay: a cantora Daniela Mercury apresenta sua esposa e faz da união homossexual uma questão inadiável no Brasil.** Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/casamento-gay-a-cantora-daniela-mercury-apresenta-sua-esposa-e-faz-da-uniao-homossexual-uma-questao-inadiavel-no-brasil/>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

4.2.5.5 O casório da cabra²⁰⁵

No dia 11 de novembro de 2012, no blog Cem Homens, Nádia Lapa postou com os marcadores: para o mundo que eu quero descer e homofobia. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 59.

No post, Lapa critica um artigo publicado na revista Veja, assinado por J.R.Guzzo, com o título: Parada gay, cabra e espinafre²⁰⁶. Segundo Lapa, a forma de escrever do autor da coluna dá falsas pistas sobre seu posicionamento político sobre a questão da legalização do casamento entre homossexuais. Ela critica duramente o uso da palavra “homossexualismo” por Guzzo. O termo relaciona homossexualidade com doença e é rejeitado por ativistas e estudiosos. Ao utilizá-lo, Guzzo estabelece sua posição homofóbica. Outro ponto importante, segundo Lapa, é quando o autor levanta questões sobre a busca por igualdade de direitos: ele deixa claro que acredita se tratar de uma busca por privilégios e não por igualdade.

Lapa também destaca o uso da falsa simetria, recurso usado em discursos para tentar invalidar uma ação de determinado grupo ao criar uma relação de comparação com o grupo simetricamente oposto. No caso, Guzzo fala sobre heterossexuais se organizando da mesma forma que homossexuais.

A liberdade de expressão é trazida no texto de Guzzo, segundo Lapa, outro tema recorrente em textos que se opõe à busca por igualdade de direitos, de quaisquer minorias sociais. A responsabilização pelo exercício da profissão é levantado por ela como a resposta para a questão trazida por Guzzo.

Em seu artigo, Guzzo compara homossexuais com espinafres e cabras, para finalmente se posicionar contra o casamento igualitário e contra a criminalização da homofobia. Lapa traz o artigo 121 do código penal brasileiro, o mesmo citado por Guzzo, para responder as questões deixadas por ele quando descreve a dificuldade em delimitar o que seria um crime homofóbico. Lapa faz a correspondência entre a identificação de um homicídio por um motivo fútil/torpe – baseado em um sentimento – e um homicídio causado por homofobia.

²⁰⁵ CEM HOMENS. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/2012/11/o-casorio-da-cabra/>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²⁰⁶ O artigo foi retirado do site da revista Veja. Trechos podem ser conferidos na postagem da crítica, no blog Cem Homens, onde também é possível acessar o link de uma cópia do artigo original.

4.2.6 Racismo

Consiste no preconceito e na discriminação com base em diferenças biológicas entre as etnias humanas. São atitudes e ideias de pessoas que consideram que algumas raças superiores a outras²⁰⁷.

O racismo pode ser encontrado em diversas formas, por exemplo: eugenia, que acredita que alguns povos são mais puros que outros; xenofobia, o medo de estrangeiros; disgenia, que considera inferiores os indivíduos nascidos da mistura entre raças. A seguir um resumo dos textos que tiveram o racismo como tema principal.

4.2.6.1 Somos Todos Racistas²⁰⁸

Texto do Blogueiras Feministas, publicado em 29 de abril de 2014, com assinatura da Equipe de Coordenação do blog, usando os marcadores: mídia, preconceito, publicidade, racismo, televisão e violência racial. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 1.

Nessa postagem as críticas são direcionadas a três produtos de mídia: Os programas Esquenta e Domingão do Faustão, programas dominicais de entretenimento, veiculados na Rede Globo no dia 22 de abril de 2014, com os apresentadores Regina Casé e Fausto Silva, respectivamente.

O programa Esquenta desta data era um especial em homenagem a Douglas Rafael da Silva Pereira, o DG, de 26 anos, bailarino do programa que foi assassinado no dia 22 de abril. As críticas a esse produto estão localizadas na citação de Mariana Assis, uma das autoras do Blogueiras Negras que se refere ao programa como sensacionalista.

No Domingão do Faustão o apresentador se manifesta sobre o comentário que havia feito em outra edição do programa, dizendo que o cabelo de uma das bailarinas parecia uma vassoura de bruxa. Nesse discurso Fausto Silva afirma não ser racista por trabalhar há mais de 20 anos com pessoas negras. A crítica da postagem alerta para a assimetria das relações de trabalho – mostrando que as

²⁰⁷ WIKIPEDIA. **Racismo**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Racismo>> Acesso em 03 de novembro de 2014.

²⁰⁸ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/04/somos-todos-racistas/>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

peças as quais Fausto Silva se refere como colegas de trabalho, na verdade são todos funcionários dele, em uma relação desigual.

O terceiro produto apontado no post é a campanha #SomosTodosMacacos criada pela agência Loduca²⁰⁹, que surgiu nas redes sociais e foi usada como campanha de publicidade por uma marca de camisetas a partir da manifestação de racismo sofrida pelo jogador de futebol Daniel Alves, que teve bananas jogadas em sua direção, durante um jogo na Espanha. As autoras do texto criticam a campanha por usar pessoas caucasianas e famosas para alertar ao público sobre um preconceito que elas não sofrem.

4.2.6.2 Claudia Silva Ferreira: negra e moradora da periferia²¹⁰

Texto publicado em 19 de março de 2014, com autoria de Mariana Raquel, no Blogueiras Feministas, com os marcadores: claudia silva ferreira, direitos humanos, estado, mulher negra e violência policial. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 16.

A blogueira convidada teve seu texto publicado anteriormente em uma postagem do Facebook²¹¹. São citadas duas matérias do jornal Extra, do grupo Globo, publicadas originalmente no dia 17 de março de 2014 e atualizadas no dia 21. Uma delas assinada por Rafael Soares²¹². A outra assinada por Carolina Heringer, Ligia Modena e Roberta Hoertel²¹³. Além dessas, uma matéria do site G1²¹⁴, também do grupo Globo, assinada por Mariucha Machado, também é citada. Todas elas contam a história da morte de Claudia Silva Ferreira – que saiu de casa para comprar pão e foi baleada por policiais militares, no Morro da Congonha, em

²⁰⁹ MEIO E MENSAGEM. **Todos somos macacos e ação da Loduca**. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/noticias/2014/04/28/Todos-somos-macacos-e-acao-da-Loduca.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²¹⁰ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/03/claudia-silva-ferreira-negra-e-moradora-da-periferia/>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²¹¹ FACEBOOK. **Da cama ao pó**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/1392071091005399/photos/a.1411302435748931.1073741828.1392071091005399/1476785125867328/?type=1&theater>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²¹² EXTRA. **Corpo de vítima arrastada por viatura da polícia é enterrado**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/corpo-de-vitima-arrastada-por-viatura-da-policia-enterrado-11899731.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²¹³ EXTRA. **Viatura da PM arrasta mulher por rua da zona norte do Rio. Veja vídeo**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/viatura-da-pm-arrasta-mulher-por-rua-da-zona-norte-do-rio-veja-video-11896179.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²¹⁴ G1. **Filho de mulher arrastada no Rio diz que mãe tinha medo de bala perdida**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/filho-de-mulher-arrastada-no-rio-diz-que-mae-tinha-medo-de-bala-perdida.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

Madureira. Ao ser levada em uma viatura policial, para receber socorro, Claudia cai do porta-malas do carro e é arrastada por muitos metros até que os policiais notem o ocorrido. A vítima chegou sem vida ao hospital.

A crítica de Mariana Raquel está centrada no fato de todas as matérias chamarem de prestação de socorro a violência policial a qual Claudia foi vítima. O que, segundo a autora, se deve ao fato de se tratar de uma mulher negra e moradora da periferia. Além disso também é brevemente comentado o excesso de atenção dado pela mídia – de forma desrespeitosa em relação a família e a própria vítima – ao vídeo do corpo de Claudia sendo arrastado.

4.2.6.3 Claudia Silva Ferreira, 38 anos, auxiliar de limpeza, morta arrastada por carro da PM²¹⁵

Camilla de Magalhães Gomes assina um texto no Blogueiras Feministas, no dia 18 de março de 2014, com os marcadores: claudia silva ferreira, estado, mídia, mulher negra, polícia, violência policial. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 17.

O caso abordado na postagem é o mesmo citado no texto anterior. A autora da crítica enumera uma longa lista de matérias do jornal Extra, pertencente ao grupo Globo. Os textos são assinados por Carolina Heringer, Ligia Modena e Roberta Hoertel (mesmo texto criticado anteriormente), dois deles de autoria de Ligia²¹⁶ Modena²¹⁷, e dois textos não possuem²¹⁸ assinatura²¹⁹, todos publicados entre 17 e 18 de março de 2014, com atualizações posteriores. A crítica nesta postagem se

²¹⁵ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/03/claudia-silva-ferreira-38-anos-auxiliar-de-limpeza-morta-arrastada-por-carro-da-pm/>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²¹⁶ EXTRA. **Viúvo de mulher morta em operação da PM em Madureira desabafa: “Arrastaram o corpo dela como se fosse um saco”**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/viuvo-de-mulher-morta-em-operacao-da-pm-em-madureira-desabafa-arrastaram-corpo-dela-como-se-fose-um-saco-11893573.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²¹⁷ EXTRA. **Moradores da comunidade de Congonha fazem protesto após a morte da mulher durante operação policial**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/moradores-da-comunidade-de-congonha-fazem-protesto-apos-morte-de-mulher-durante-operacao-policial-11892904.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²¹⁸ EXTRA. **Em nota, Beltrame repudia conduta dos PMs que socorreram mulher arrastada por viatura**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/em-nota-beltrame-repudia-conduta-de-pms-que-socorreram-mulher-arrastada-por-viatura-11905041.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²¹⁹ EXTRA. **Moradores do morro da Congonha queimam ônibus e fecham via de Madureira em protesto contra morte de mulher**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/moradores-do-morro-da-congonha-queimam-onibus-fecham-via-de-madureira-em-protesto-contramorte-de-mulher-11896142.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

direciona ao fato de Claudia, a vítima de violência policial e descaso, ter sido tratada em todos os títulos do referido jornal como “mulher arrastada”. A postagem também destaca o espaço dado pelas matérias para as mentiras contadas pelos Policiais Militares para justificar o ocorrido. Em uma das versões, disseram que a vítima portava 4 armas de fogo quando foi baleada – fato logo refutado pelas testemunhas.

Também pertencente ao grupo Globo, o site G1 publicou uma matéria²²⁰ sobre o mesmo caso, assinada por Walesca Borges, que também chama Claudia Silva Ferreira por “mulher arrastada”. Para reforçar a ideia do preconceito de raça, gênero e classe social, a autora também cita outras duas matérias do Extra, uma delas assinada por Camila Muniz²²¹ e outra sem assinatura²²², de casos similares ao apresentado no restante do texto.

4.2.6.4 Guest post: minha culpa por ser negro²²³

No blog Escreva Lola Escreva o convidado Diego Paulino publica no dia 4 de dezembro de 2013 este texto com os marcadores: ativismo, guest post, preconceito e racismo. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 36.

Duas matérias do site do jornal A Gazeta²²⁴ do grupo Globo, assinadas por Jaider Miranda²²⁵, são criticadas por Paulino. Os dois textos foram criados e editados entre 30 de novembro e 2 de dezembro de 2013.

A crítica é direcionada para a palavra invasão, usada nas duas matérias. Segundo Paulino, por se tratar de um grupo numeroso de rapazes pobres e negros,

²²⁰O GLOBO. **Marido suspeita que mulher arrastada por carro da PM tenha sido executada.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/marido-suspeita-que-mulher-arrastada-por-carro-da-pm-tenha-sido-executada-11897656>>. Acesso em 03 de novembro de 2014.

²²¹EXTRA. **Mulher é baleada e jovem puxada pelos cabelos por policial durante confusão entre PMs de UPP e moradores da Cidade de Deus.** Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/mulher-baleada-jovem-puxada-pelos-cabelos-por-policial-durante-confusao-entre-pms-de-upp-moradores-da-cidade-de-deus-11896119.html>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

²²²EXTRA. **Vídeo mostra PM arrastando menina pelos cabelos na Cidade de Deus.** Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/video-mostra-pm-arrastando-menina-pelos-cabelos-na-cidade-de-deus-11902605.html>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

²²³ESCREVA LOLA ESCREVA. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/12/guest-post-minha-culpa-por-ser-negro.html>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

²²⁴GAZETA ONLINE. **Confusão no Shopping Vitoria deixa clientes em pânico.** Disponível em: <<http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2013/11/noticias/cidades/1470338-confusao-no-shopping-vitoria-deixa-clientes-em-panico.html>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

²²⁵GAZETA ONLINE. **Lojistas e Funkeiros criticam a ação da polícia dentro do Shopping.** Disponível em: <<http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2013/12/noticias/cidades/1470393-lojistas-e-funkeiros-criticam-acao-da-policia-dentro-do-shopping.html>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

sua chegada ao shopping foi interpretada como uma invasão que possivelmente seria seguida de um arrastão.

4.2.7 Violação de Direitos Humanos

Adotada em 10 de dezembro de 1948 pela Organização das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos²²⁶ reúne os direitos básicos de todos os seres humanos: civis, políticos, econômicos, sociais e culturais e também os direitos difusos e coletivos.

Embora não seja um documento obrigatório em todos os países, continua sendo muito citado por acadêmicos e cortes constitucionais. A seguir um resumo do texto que teve a violação de direitos humanos como tema principal.

4.2.7.1 Mídia e a situação carcerária brasileira: Até Bananas!²²⁷

Camila de Magalhães Gomes assina essa postagem no Blogueiras Feministas, com os marcadores: direitos humanos, jornalismo, mídia e presídio, violência. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 26.

Em seu texto a blogueira cita diversos produtos de mídia mas suas críticas se direcionam a um produto em específico. O programa Jornal das Dez, veiculado pela Globo News²²⁸ no dia 16 de janeiro de 2014, traz uma matéria²²⁹ sobre as condições de vida no presídio de Pedrinhas, no Maranhão. Neste presídio, dias antes, presos foram decapitados por outros presos. Critica Gomes,

O caso Pedrinhas scandalizou o país com suas cabeças cortadas. O canal, no lugar de procurar noticiar a superlotação, as condições do presídio, os agentes corruptos ou que não tem condições de exercer sua atividade no presídio, decide “denunciar” que havia uma “fartura de alimentos” nas celas “sem nenhuma repreensão”. Ou em uma cela, claro, porque a reportagem não se preocupa em falar que cela, quantas celas, a quem “pertence” a cela, como estão os demais presos. (GOMES, 2014, online)

²²⁶ DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

²²⁷ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/01/midia-e-a-situacao-carceraria-brasileira-ate-bananas/>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

²²⁸ G1. **Imagens exclusivas mostram presos com regalias dentro do presídio de Pedrinhas/MA.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-das-dez/videos/t/todos-os-vidEOS/v/imagens-exclusivas-mostram-presos-com-regalias-dentro-do-presidio-de-pedrinhas-ma/3083307/>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

²²⁹ YOUTUBE. **Globo News: Imagens Exclusivas Mostram Presos Com Regalias Dentro Do Presídio De Pedrinhas.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZodKSHV2PGY>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

Segundo ela, a situação da superlotação, das péssimas condições do presídio e da corrupção dos agentes penitenciários foram esquecidas por quem fez e veiculou a matéria.

4.2.8 Violência Obstétrica

Abusos, maus-tratos e desrespeito durante o parto, em instituições de saúde ou fora delas, são considerados violência obstétrica. Essa violação dos direitos das mulheres é considerada pela Organização Mundial da Saúde²³⁰ uma ameaça ao direito à vida, à saúde e à integridade física. A seguir um resumo do texto que teve a violência obstétrica como tema principal.

4.2.8.1 O cérebro funciona durante a gravidez – um aviso necessário²³¹

O texto publicado no Blogueiras Feministas em 15 de outubro de 2013, assinado por Madeleine Lacsko, tem os marcadores: denúncia, gravidez, maternidade, parto e violência obstétrica. Nas tabelas de dados essa postagem é a de número 40.

A crítica se dirige ao jornal mexicano *la Razón*, por publicar em sua capa, no dia 5 de outubro de 2013²³², a foto de uma mulher dando a luz ao filho no gramado em frente a um hospital. A matéria é assinada por Jaquelin Coatecatl.

4.3 Resultados obtidos

Três blogs feministas foram analisados em um total de 60 postagens selecionadas nos arquivos – sendo 20 de cada blog. Nesses 60 textos, 106 conteúdos de mídia foram criticados e 59 desses conteúdos eram assinados.

A distribuição dos temas nas postagens de cada blog foi considerada nesta análise. No Blogueiras Feministas o tema gordofobia é o mais presente. Racismo,

²³⁰ OMS. **Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde.** Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/134588/3/WHO_RHR_14.23_por.pdf>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

²³¹ BLOGUEIRAS FEMINISTAS. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/10/o-cerebro-funciona-durante-a-gravidez-um-aviso-necessario/>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

²³² LA RAZÓN. **Hospital de Oaxaca obriga a indígena a dar a luz en el pasto.** Disponível em: <<http://www.razon.com.mx/spip.php?article191278>>. Acesso em 04 de novembro de 2014.

machismo e cultura do estupro aparecem na sequência. A distribuição de temas pode ser verificada na Figura 5.

No *Escreva Lola Escreva* o tema machismo é o mais frequente, seguido de cultura do estupro. A distribuição de temas pode ser verificada na Figura 6.

No *Cem Homens* o tema machismo é o mais recorrente, seguido de cultura do estupro e gordofobia. A distribuição de temas pode ser verificada na Figura 7.

Dentre os grupos de comunicação mais presentes nas críticas, cinco foram os mais constantes: Grupo Globo (30), Grupo Folha (15), Grupo Abril (8), Grupo Record (6) e Grupo Bandeirantes (4). Os dados podem ser verificados na Figura 8.

Grupo Globo, com 30 produtos de mídia criticados, teve as críticas distribuídas entre seus veículos conforme a Figura 9.

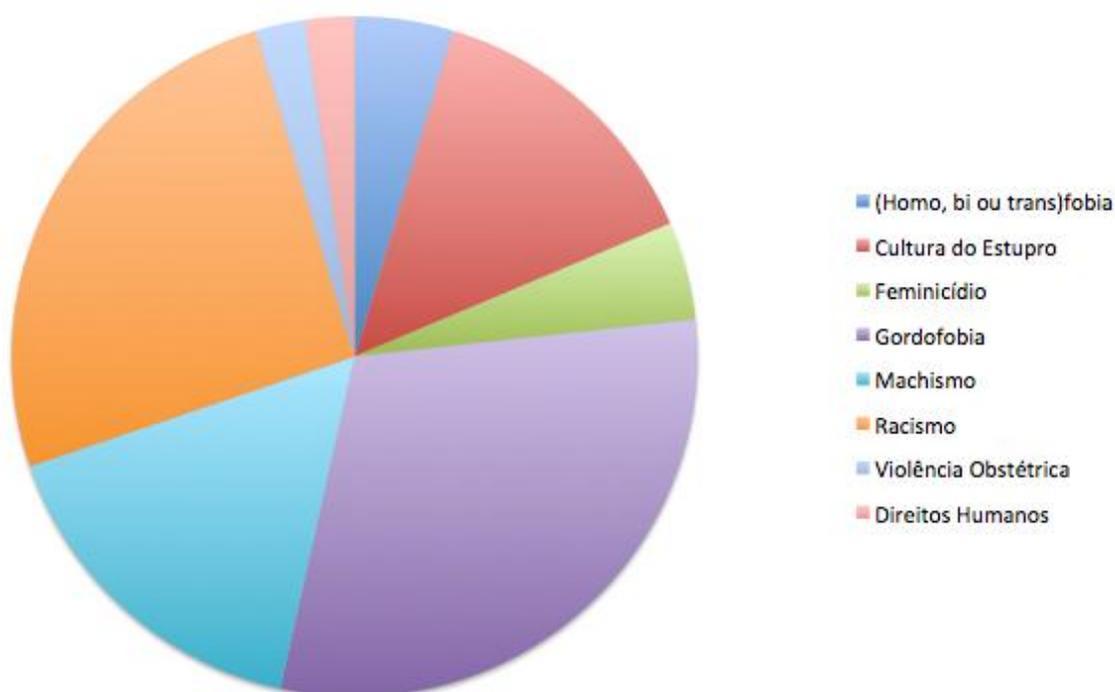


Figura 5: Temas encontrados nas postagens de crítica de mídia do Blogueiras Feministas. Fonte: a autora.

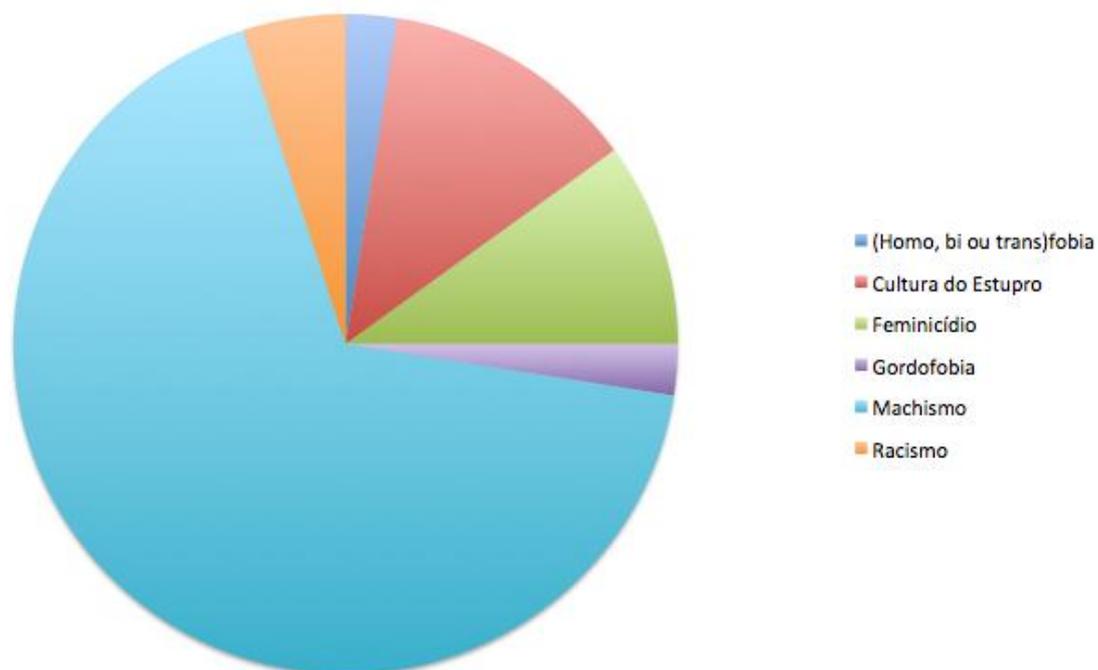


Figura 6: Temas encontrados nas postagens de crítica de mídia do Escreva Lola Escreva. Fonte: a autora.

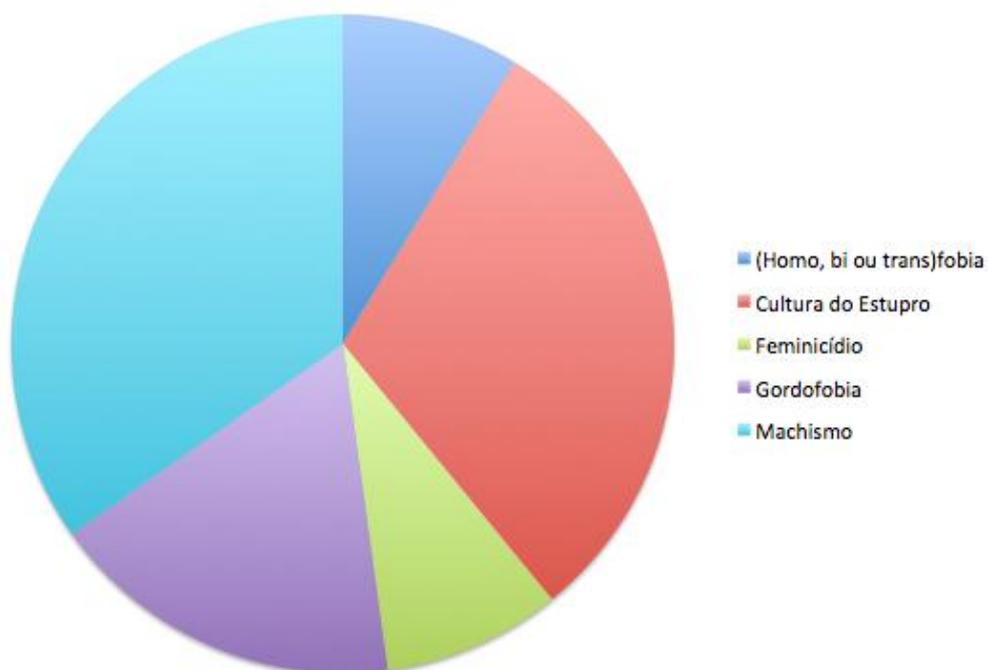


Figura 7: Temas encontrados nas postagens de crítica de mídia do Cem Homens. Fonte: a autora.

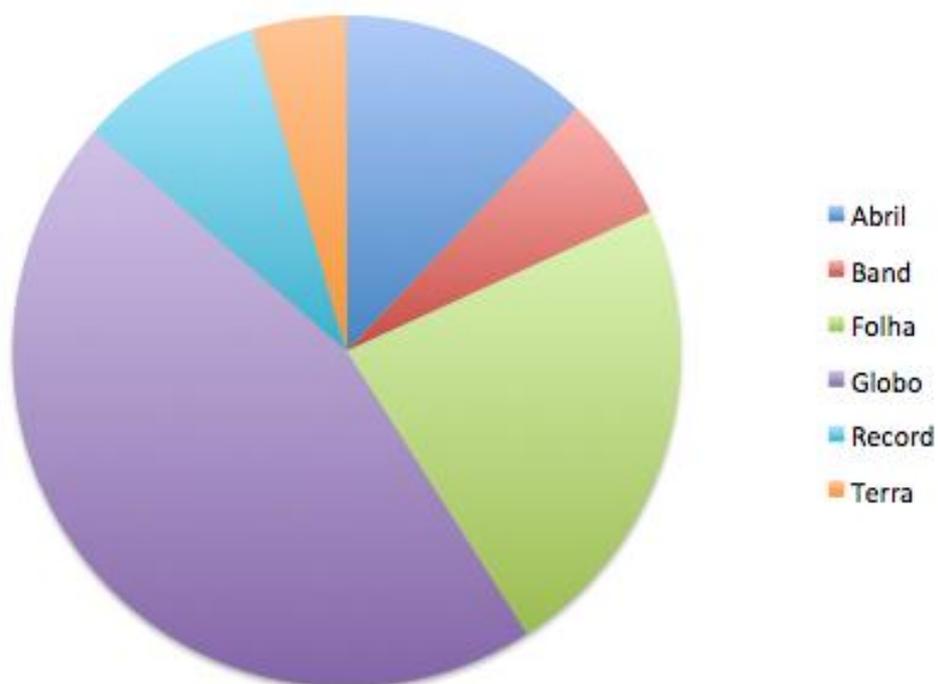


Figura 8: Distribuição entre as empresas de comunicação brasileiras criticadas. Empresas com apenas 1 crítica não foram usadas para a criação do gráfico. Fonte: a autora.

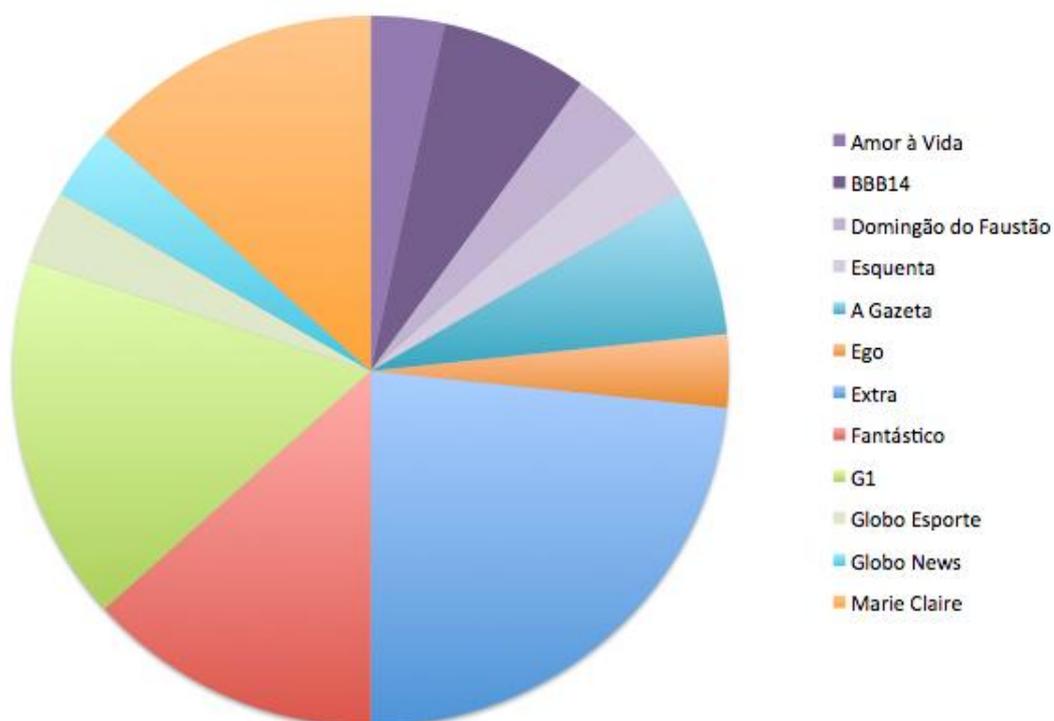


Figura 9: Grupo Globo – Distribuição das críticas. Em roxo: entretenimento. Em outras cores: jornalismo. Fonte: a autora.

Os produtos de mídia encontrados nas críticas foram separados em entretenimento, publicidade e jornalismo. Com essa classificação é possível

observar com maior precisão os padrões encontrados. A Figura 10 mostra a distribuição dos tipos de produto de mídia criticados.

Os programas de entretenimento mais citados são Big Brother Brasil 14 e Pânico. Na publicidade, todas as entradas foram unitárias mas é possível notar que os anúncios, em sua maioria, foram feitos para empresas de cosméticos. No jornalismo, Folha de S. Paulo, Extra e G1 foram os veículos mais criticados. A Figura 11 mostra quais veículos foram mais criticados.

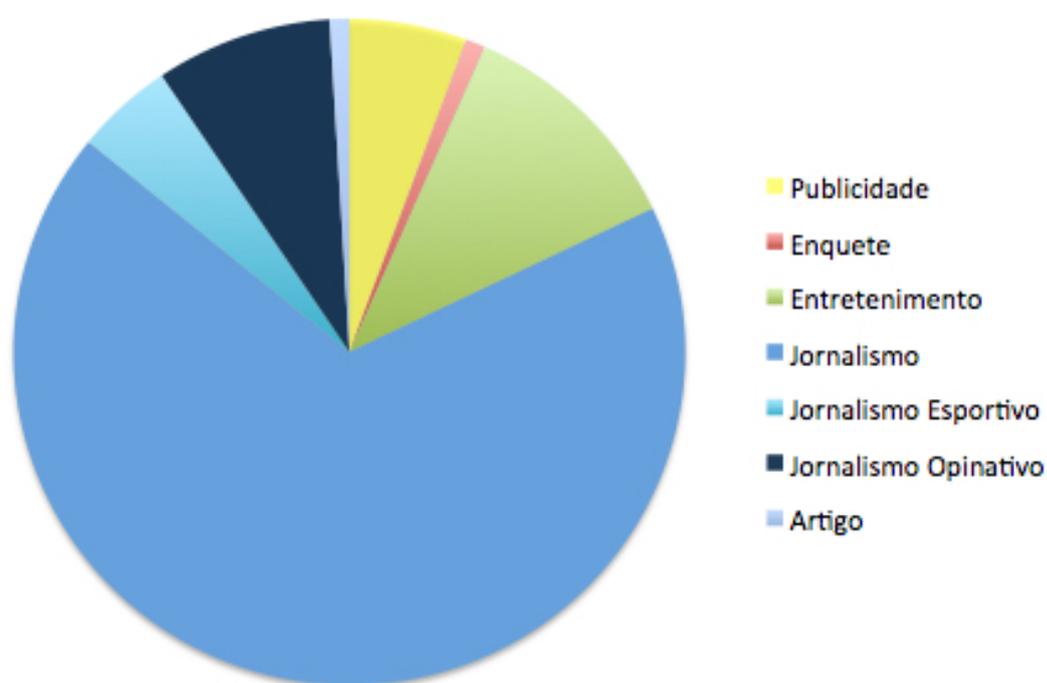


Figura 10: Distribuição dos tipos de produto de mídia criticados. Tons de azul foram usados para produtos considerados de Jornalismo. Fonte: a autora.

A tabela de dados utilizada para a realização de todos os gráficos deste trabalho está localizada na seção de anexos.

Aproveitando a classificação por temas, descrita no início deste capítulo, foi possível observar quais veículos de jornalismo eram mais recorrentes para cada tema.

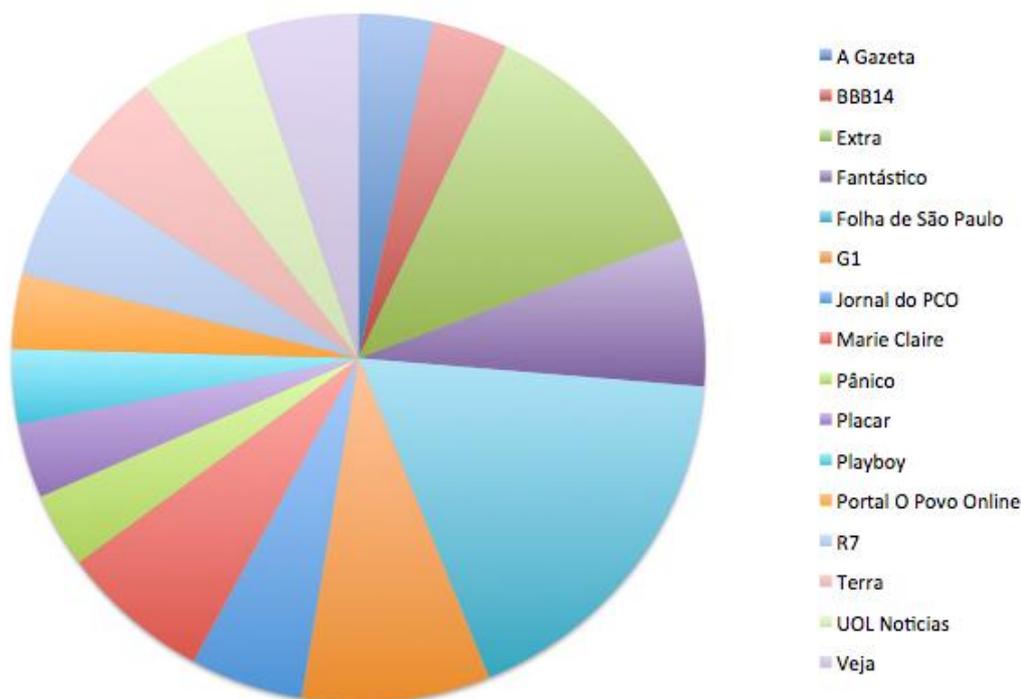


Figura 11: Distribuição dos programas, jornais, sites e revistas que foram mais criticados. Aqueles com apenas 1 crítica não foram usados para a criação do gráfico. Fonte: a autora.

O machismo, tema mais recorrente nas críticas, teve maior número de conteúdos da Folha de S. Paulo. O tema cultura do estupro também teve a Folha de S. Paulo como veículo mais recorrente. O tema gordofobia foi mais vezes criticado na revista Marie Claire, do Grupo Globo. O tema (homo, bi ou trans) fobia foi mais vezes criticado em conteúdos da Revista Veja, do Grupo Abril. Já o tema feminicídio teve maior número de conteúdos de dois veículos: revista Placar, do Grupo Abril e Portal O Dia. O racismo foi mais vezes criticado em conteúdos do jornal Extra, do Grupo Globo. Os outros dois temas, direitos humanos e violência obstétrica, eram unitários e por isso, não mencionados no resultado.

A seguir, nas considerações finais, são construídas as inferências sobre os resultados apresentados nesta análise.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho surgiu do interesse pelo feminismo e pela forma como a mídia vêm sendo criticada por feministas na internet. Blogueiras Feministas, Cem Homens e Escreva Lola Escreva são uma amostra dos blogs que permitem o conhecimento, a reflexão e o debate sobre questões feministas, dentro da blogosfera brasileira.

As informações obtidas através das críticas de mídia analisadas e elencadas no presente trabalho trazem uma amostra sobre a forma como as questões de gênero são consideradas por profissionais de comunicação atualmente. No que diz respeito ao discurso midiático, o acesso privilegiado de homens às instituições produtoras de conhecimento fez do masculino o gênero central na cultura – fato que pode ser comprovado ao se observar a linguagem: o neutro é sempre masculino, contribuindo para inviabilizar o feminino e suas experiências (LOURO, 2003).

A análise de conteúdo foi escolhida como base para a metodologia de execução deste trabalho por possibilitar a pesquisa nos formatos qualitativo e quantitativo, já que a amostra era baseada em conteúdos subjetivos. A perspectiva adotada se distancia do determinismo biológico – que acredita na existência de diferenças inatas entre homens e mulheres, com base em sua anatomia – e se aproxima da perspectiva construcionista, se baseando nos valores associados ao masculino e ao feminino que são determinados histórica e culturalmente, dentro da sociedade e do tempo (BUTLER, 2010; LAQUEUR, 2001; PISCITELLI, 2008; SCOTT, 1990; FAUSTO-STERLING, 2002).

Dentro desse contexto, é fundamental a compreensão de que a oposição entre masculino e feminino é uma construção social. A dicotomia "masculino vs. feminino" é compreendida como uma construção cultural, relacional e em constante movimento (LOURO, 2010). As atribuições de direitos e deveres entre os sexos se modifica ao longo dos séculos, mas a relação de poder e os privilégios se mantêm através de diversos mecanismos. Na atualidade é possível observar alguns desses mecanismos se manifestando através da obsessão pela juventude, do culto ao corpo magro, do padrão europeu e inatingível de beleza, da vigilância permanente sobre os corpos, da culpabilização das vítimas de estupro e da amenização da culpa masculina sobre atos de violência.

Os temas encontrados nas postagens de crítica de mídia dos blogs analisados são um espelho dessa realidade atual. Os temas mais recorrentes identificados nas postagens (machismo, cultura do estupro, gordofobia, feminicídio, racismo, homofobia, bifobia e transfobia) suscitam reflexão: é possível mudar essa realidade midiática? De que forma profissionais de comunicação e jornalismo podem enfrentar a perpetuação de preconceitos dentro das grandes empresas de comunicação? De que forma o público, agora consumidor e produtor de conteúdos, pode interferir positivamente nessa dinâmica?

A classificação por tipo de mídia chegou a resultados mais objetivos. Dos produtos de mídia citados, o jornalismo ocupou mais de 80% das críticas. O entretenimento e a publicidade aparecem na sequência.

Os programas de entretenimento mais criticados foram Big Brother Brasil e Pânico. Na publicidade, todas as entradas foram unitárias mas é possível notar que os anúncios, em sua maioria, tinham empresas de cosméticos como clientes. No jornalismo, Folha de S. Paulo, Extra e G1 foram os veículos mais criticados.

Grupo Globo²³³, Grupo Folha²³⁴, Grupo Abril²³⁵, Grupo Record²³⁶ e Grupo Bandeirantes²³⁷ foram as empresas produtoras do maior número de produtos de mídia criticados. Fica evidente a presença dos maiores grupos midiáticos brasileiros nessa lista.

²³³ O **Grupo Globo**, maior conglomerado de mídia do Brasil e da América Latina, sendo um dos maiores do mundo, possui mais de 24 mil funcionários em 80 empresas diferentes. Atua nas áreas de TV gratuita e paga, marketing, produção, estações transmissoras, satélite e TV a cabo, direitos de marketing internacional, jornais e revistas, editoras, rádios, operadores de cabos, websites, produções cinematográficas e indústria da música. Disponível em: <<http://grupoglobo.globo.com/>>. Acesso em 18 de novembro de 2014.

²³⁴ O **Grupo Folha** controla o jornal de maior circulação do país, a Folha de S. Paulo, e a maior empresa brasileira de conteúdo e serviços da internet, o UOL. O grupo também controla o site folha.com, a gráfica Plural, os jornais Agora, Valor Econômico e Alô Negócios, a editora Publifolha, a agência de notícias Folhapress e o Datafolha. É o segundo maior conglomerado de mídia do país. O grupo emprega mais de 9 mil pessoas. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_o_grupo.shtml>. Acesso em 18 de novembro de 2014.

²³⁵ O **Grupo Abril** é uma das maiores empresas de comunicação da América do Sul, com quatro pilares de organização: mídia, distribuição e logística, gráfica e educação. No setor de mídia está a Editora Abril, que publica as revistas citadas nesta monografia. É o terceiro maior conglomerado de mídia do Brasil. O grupo emprega cerca de 7 mil pessoas. Disponível em: <<http://grupoabril.com.br/pt/>>. Acesso em 18 de novembro de 2014.

²³⁶ O **Grupo Record** é um grupo de mídia formado pela Rede Record de Televisão, o portal R7, diversas emissoras de rádio, jornais e revistas. É o quarto maior conglomerado de mídia do Brasil. É a organização com maior número de emissoras próprias e a terceira no mercado publicitário brasileiro. Emprega cerca de 10 mil pessoas. Disponível em: <<http://www.record.com.br/>>. Acesso em 18 de novembro de 2014.

²³⁷ O **Grupo Bandeirantes de Comunicação** reúne veículos de televisão aberta e por assinatura, rádio, jornal, internet e música. Disponível em: <<http://www.band.uol.com.br/>>. Acesso em 18 de novembro de 2014.

É possível afirmar, portanto, que três dos mais importantes blogs feministas brasileiros tem sua maior atenção de crítica voltada para os grandes grupos de mídia do país.

A classificação por temas permitiu observar padrões dentro dos veículos de jornalismo mais criticados. O machismo, tema mais recorrente nas críticas, teve maior número de conteúdos vindos da Folha de S. Paulo. O tema cultura do estupro também teve a Folha de S. Paulo como veículo mais recorrente. A gordofobia aparece como tema mais repetido nas críticas à revista Marie Claire, do Grupo Globo. Os temas de preconceito sexual (homofobia, bifobia e transfobia) foram mais vezes criticado em conteúdos da Revista Veja, do Grupo Abril. Já o tema feminicídio teve maior número de conteúdos de dois veículos: revista Placar, do Grupo Abril e Portal O Dia. O racismo foi mais vezes criticado em conteúdos do jornal Extra, das Organizações Globo. Conclui-se que, de fato, as notícias participam da produção e hierarquização de marcadores de gênero, classe, raça e orientação sexual – deixando rastros sobre como essas diferenças se tornam desigualdades na cultura (SILVA, 2010).

É preciso chamar a atenção para alguns pontos: O jornal de maior circulação do país é o mais criticado em textos de tema machismo e cultura do estupro. Uma revista feminina é a mais criticada sobre o tema gordofobia. Homofobia, Bifobia e Transfobia são os temas das críticas mais associadas a revista de maior circulação do país. Segundo Silva (2011), o jornalismo é responsável por criar símbolos culturais hegemônicos, legitimando e reconhecendo o que se entende por masculino e feminino, apontando lugares sociais e propagando a desigualdade através de seu discurso.

Segundo a teoria do agendamento, as notícias pautam a agenda pública e conferem status para determinados assuntos (TRAQUINA, 2005). Ao se considerar, pela teoria construcionista, que o jornalismo não reflete fielmente a realidade, mas desenvolve histórias parciais, a partir do ponto de vista do interlocutor, surgem outras questões: valores de gênero, privilégios masculinos, valoração de indivíduos por raça, cor, situação socioeconômica, são associadas também a ideia que cada profissional faz de seu público e de si mesmo, como apontado por Silva (2010) e exemplificado nesta análise.

Produtos do jornalismo se dirigem a uma audiência vasta e heterogênea. Buscando a aprovação e o entendimento da maioria, profissionais da área se

apoiam no senso comum (SILVERSTONE, 2002), reforçando preconceitos e hierarquias. É o que mostra a crítica de mídia realizada pelas blogueiras analisadas neste trabalho.

A subjetividade dos textos usados como objetos de análise pode ensejar outras questões e interpretações. É possível discutir, por exemplo, quais teorias feministas são mais presentes em cada uma das autoras e refletir sobre a compreensão das autoras sobre os temas mais recorrentes nas críticas. Outro estudo possível e interessante seria a seleção e problematização de um caso coberto pela mídia que também tivesse sido criticado em vários blogs feministas. São muitas possibilidades que apontam para um maior conhecimento das questões feministas a serem melhor trabalhadas pela mídia brasileira, a partir de uma visão crítica que parta de múltiplas vozes da blogosfera feminista.

A pesquisa para este trabalho mostrou que há poucos trabalhos em relação a blogs feministas e à crítica de mídia voltada para questões de gênero. Esperando que esta monografia tenha contribuído para a área, espera-se que essas dúvidas possam ser consideradas para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Adaptação aos novos tempos**. 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/adaptacao_aos_novos_tempos>. Acesso em: 25 ago. 2014.

ARONOVICH, Lola. **Escreva Lola Escreva**. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br>>. Acesso em: 01 set. 2014.

BARREIRA, Bruno Barros. **Observatório da Imprensa: Produtos midiáticos e representações sociais**. 2009. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/produtos_midiaticos_e_representacoes_sociais>. Acesso em: 27 set. 2014.

BARREIROS, Bruna Provazi. Cidadania digital e (des)igualdade de gênero: uma análise feminista da gestão da internet no Brasil a partir da pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil e do I Fórum da Internet. **Democracia Digital e Governo Eletrônico**, Santo André, (ISSN 2175-9391) n. 7, p.138-159, 2012.

BAUSCH, Paul; HAUGHEY, Matthew; HOURIHAN, Meg. **We Blog: Publishing online with weblogs**. Indianápolis (USA); Wiley Publishing Inc, 2002.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: BENETTI, Márcia; LAGO, Cláudia (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**.3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 107-122.

BLOOD, Rebecca. **Weblogs and Journalism in the Age of Participatory Media**. 2003. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblogs_journalism.html>. Acesso em: 13 out. 2014.

BOND, F. Fraser. **Introdução ao Jornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BOIX, Montserrat. La comunicación como aliada: tejiendo redes de mujeres. In: BOIX, Montserrat, FRAGA, Cristina, SEDÓN, Victoria. El viaje de las internautas: una mirada de género a las nuevas tecnologías. **Revista Género y Comunicación**, Madrid: Ameco, 2001. Disponível em: <www.nodo50.org/mujeresred/biblioteca_virtual.html>.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 151-172.

CAETANO, Marcelo. **Sobre a vergonha de ser homem**. 2014. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/04/sobre-a-vergonha-de-ser-homem/>>. Acesso em: 30 out. 2014.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. (A era da informação, economia, sociedade e cultura; v.2.).

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Preocupações éticas no jornalismo feito por não-jornalistas. **Comunicação e Sociedade**, Florianópolis, v. 25, p.267-277, 2014.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A prática dos observadores na internet**. 2005. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_pratica_dos_observadores_na_internet>. Acesso em: 29 set. 2014.

DALMASO, Silvana Copetti. **Posts Intertextuais: um estudo de links nos blogs Luis Nassif Online, Conversa Afiada e o Biscoito Fino e a Massa**. 2010. 234 f. Dissertação (Mestrado) - UFSM, Santa Maria, 2010. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/207796043/DISSERTACAO-MESTRADO-SILVANA-DALMASO-POSCOM>>. Acesso em: 05 out. 2014.

DEAK, André. FOLETTTO, Leonardo. **Processos emergentes do jornalismo na internet brasileira: “novos jornalistas” na era da informação digital**. 10º Encontro nacional de Pesquisadores em Jornalismo. SBPJor, Pontíficia Universidade Católica do Paraná: Curitiba, 2012.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em duelo**. *Cad. Pagu* [online]. 2002, n.17-18, pp. 9-79. ISSN 0104-8333. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02.pdf>>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

FIDLER, Roger. **Mediamorphosis: Understand New Media**. Thousand Oaks; Pine Forge Press, 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, 1997.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. **O blog jornalístico: definição e características na blogosfera brasileira**. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado), UFSC, Florianópolis, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. 152 p. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque.

GILLMOR, Dan. **We the Media: Grassroots Journalism: By the People for the People**. Sebastopol; O'Reilly Press, 2004.

GOMES, Camilla de Magalhães. **Mídia e a situação carcerária brasileira: Até Bananas!**. 2014. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/01/midia-e-a-situacao-carceraria-brasileira-ate-bananas/>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

HALL, Stuart. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade: A educação e o problema do conhecimento**, Porto Alegre, v. 22, p.15-45, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243-288. Tradução de Francisco Caetano Lopes Jr.

HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 123-142.

LAGO, Cláudia. **De romântico e de louco...** o Ethos romântico no jornalismo. Recife: *XII Encontro Anual da Compós*, GT Estudos de Jornalismo. 2003.

LAGO, Cláudia. Ensinamentos Antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.164-178, 2010.

LAPA, Nádia. **Cem Homens**. Disponível em: <<http://www.cemhomens.com/>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2003. 6a. ed.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: as múltiplas "verdades" da contemporaneidade. In: GARCIA, Regina Leite. **Diálogos Cotidianos**. Petrópolis: Faperj, 2010. p. 331-357.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2013.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**. Campos do Jordão; Editora Mantiqueira, 2003.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. **A militância e as responsabilidades do jornalismo**. 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed756_a_militancia_e_as_responsabilidades_do_jornalismo>. Acesso em: 20 abr. 2014.

NEGRÃO, Telia. **Ciberespaço, via de empoderamento de gênero e formação de capital social**. 2006. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Ifch, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NEPOMUCENO, Luciana. **Mulheres: corpos sempre disponíveis**. 2013. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/10/mulheres-corpos-sempre-disponiveis/>>. Acesso em: 30 out. 2014.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. Porto: Porto Editora, 2005.

NUNES, Amanda. **A ditadura do corpo ideal e o preconceito velado**. 2014. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/03/a-ditadura-do-corpo-ideal-e-o-preconceito-velado/>>. Acesso em: 30 out. 2014.

OLIVEIRA, Jussara. **Bissexualidade e pansexualidade: distorções, disputas e invisibilidade**. 2014. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/02/bissexualidade-e-pansexualidade-distorcoes-disputas-e-invisibilidade/>>. Acesso em: 30 out. 2014.

ORIHUELA, José Luís. **Los weblogs y su identidad como cibermedios**. In: SALAVERRÍA, Ramón. (org.) **Cibermedios – El impacto de internet en los medios de comunicación en España**. Sevilla; Comunicación Social, 2005.

ORIHUELA, José Luís. **La revolución de los blogs**. Madrid; La Esfera de Los Libros, 2006.

ORIHUELA, José Luís. **Los 'weblogs' cumplen diez años de agitación**. 2007. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2007/01/18/ciberpais/1169089343_850215.html>. Acesso em: 13 julho de 2014.

PALACIOS, Marcos. **Alargamiento del campo periodístico na era del blogging**. Trabalho apresentado em colóquio na Universidade Nacional de Córdoba. Córdoba: dezembro de 2006.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades**. Categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Sociedade e Cultura, v.11, n.2. 2008.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo**: das mídias de massa à massa de mídias. São Paulo: Publisher Brasil. 2012.

RAMONET, Ignacio. **O quinto poder**. 2003. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd211020032.htm>>. Acesso em: 01 set. 2014.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. 2. ed. Lisboa: Quimera, 1998. p. 27-33.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Ppgcom, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Marcia Veiga da; FONSECA, Virginia da Silveira. A contribuição do jornalismo para a reprodução de desigualdades: um estudo etnográfico sobre a produção de notícias. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, p.183-192, 2011.

SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 16, p.5-22, 1990. Semestral.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2005.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ANEXOS

Tabela 2 – Dados completos dos posts analisados. Utilizada para a criação dos gráficos do presente trabalho.

Fonte: a autora.

| Post | Blog | Tema | Empresa/ Agência | Veículo/ Cliente | Tipo | Assinado por |
|------|------|-----------------------|---------------------|---------------------------|-------------------------|---|
| 1 | BF | Racismo | Globo | Domingão do Faustão | Entretenimento | Fausto Silva |
| 1 | BF | Racismo | Globo | Esquenta | Entretenimento | Regina Casé |
| 2 | BF | Feminicídio | Abril | Placar | Jornalismo Esportivo | Breiller Pires |
| 3 | CH | Feminicídio | Abril | Placar | Jornalismo Esportivo | Breiller Pires |
| 4 | EL | Machismo | Folha | Uol Notícias | Jornalismo | Caroline Randmer e Fábio de Oliveira |
| 5 | EL | Machismo | Folha | Folha de S. Paulo | Jornalismo Opinativo | Luiz Felipe Pondé |
| 6 | BF | Gordofobia | JWT | Avon | Publicidade | |
| 6 | BF | Machismo | Ogilvy Brasil | Dove | Publicidade | |
| 7 | BF | Machismo | Folha | Uol Notícias | Jornalismo | |
| 8 | BF | Cultura do Estupro | Folha | Folha de S. Paulo | Jornalismo | |
| 8 | BF | Cultura do Estupro | Record | R7 | Jornalismo | Ivan Martínez |
| 9 | BF | Cultura do Estupro | | Dolce & Gabbana | Publicidade | |
| 10 | EL | Cultura do Estupro | Abril | Veja | Jornalismo Opinativo | Felipe Moura Brasil |
| 11 | EL | Machismo | Terra | Terra | Entretenimento | |
| 12 | BF | Machismo | Folha | Folha de S. Paulo | Jornalismo Opinativo | Hélio Schwartzman |

| | | | | | | |
|----|----|--------------------|--------------|-------------------|----------------------|---|
| 12 | BF | Machismo | Folha | Folha de S. Paulo | Jornalismo Opinativo | Luiz Felipe Pondé |
| 12 | BF | Machismo | Folha | Folha de S. Paulo | Jornalismo Opinativo | Tati Bernardi |
| 12 | BF | Machismo | Folha | Folha de S. Paulo | Jornalismo Opinativo | Xico Sá |
| 13 | EL | Cultura do Estupro | Globo | Fantástico | Jornalismo | Helga Simões e Rodrigo Lima |
| 13 | EL | Cultura do Estupro | Transamérica | Papo de Craque | Publicidade | |
| 14 | EL | Machismo | | | Artigo | Bispo Richard Williamson |
| 15 | EL | Cultura do Estupro | iG | iG | Enquete | |
| 16 | BF | Racismo | Globo | Extra | Jornalismo | Carolina Heringer, Ligia Modena e Roberta Hoertel |
| 16 | BF | Racismo | Globo | Extra | Jornalismo | Rafael Soares |
| 16 | BF | Racismo | Globo | G1 | Jornalismo | Mariucha Machado |
| 17 | BF | Racismo | Globo | Extra | Jornalismo | Carolina Heringer, Ligia Modena e Roberta Hoertel |
| 17 | BF | Racismo | Globo | Extra | Jornalismo | Ligia Modena |
| 17 | BF | Racismo | Globo | Extra | Jornalismo | Ligia Modena |
| 17 | BF | Racismo | Globo | Extra | Jornalismo | |
| 17 | BF | Racismo | Globo | Extra | Jornalismo | |
| 17 | BF | Racismo | Globo | G1 | Jornalismo | Walesca Borges |
| 18 | EL | Cultura do Estupro | Globo | BBB14 | Entretenimento | |
| 19 | CH | Cultura do Estupro | Globo | BBB14 | Entretenimento | |
| 20 | BF | Gordofobia | Globo | Amor à Vida | Entretenimento | |

| | | | | | | |
|----|----|--------------------------|----------|----------------------|----------------------|--------------------------------------|
| 20 | BF | Gordofobia | Globo | Marie Claire | Jornalismo | Silvana Tavano |
| 21 | EL | Machismo | Record | R7 | Jornalismo | |
| 22 | BF | Cultura do Estupro | Folha | Uol Notícias | Jornalismo | Anderson Sotero |
| 22 | BF | Cultura do Estupro | Globo | G1 | Jornalismo | |
| 22 | BF | Cultura do Estupro | | Bahia Notícias | Jornalismo | Rafael Albuquerque |
| 23 | BF | (homo, bi ou trans)fobia | Folha | Lado Bi | Jornalismo | |
| 24 | EL | Machismo | BOL | BOL Notícias | Jornalismo | Marinho Saldanha |
| 24 | EL | Machismo | Folha | Uol Esporte | Jornalismo Esportivo | |
| 24 | EL | Machismo | Globo | Globo Esporte | Jornalismo Esportivo | |
| 24 | EL | Machismo | iG e SBT | TViG | Jornalismo | |
| 24 | EL | Machismo | Terra | Terra | Jornalismo | |
| 24 | EL | Machismo | | Futebol Interior | Jornalismo Esportivo | |
| 25 | EL | Machismo | Folha | Folha de S. Paulo | Jornalismo Opinativo | Benedict Carey (NY Times, traduzido) |
| 25 | EL | Machismo | Globo | G1 | Jornalismo | |
| 25 | EL | Machismo | | Le Figaro (França) | Jornalismo | |
| 25 | EL | Machismo | | Público (Portugal) | Jornalismo | |
| 26 | BF | Direitos Humanos | Globo | Globo News | Jornalismo | Marcelo Costa |
| 27 | EL | Machismo | Record | Cidade Alerta | Jornalismo | Marcelo Rezende |
| 28 | BF | (homo, bi ou trans)fobia | ABC | Katie talkshow (EUA) | Entretenimento | Katie Couric |
| 29 | BF | Gordofobia | Fox | Fox News (EUA) | Jornalismo | |

| | | | | | | |
|----|----|------------|---------------|----------------------------|------------|--|
| 29 | BF | Gordofobia | | Daily Mail (Reino Unido) | Jornalismo | Jade Watkins |
| 29 | BF | Gordofobia | | Entertainment Weekly (EUA) | Jornalismo | Hillary Busis |
| 29 | BF | Gordofobia | | Huffington Post (EUA) | Jornalismo | |
| 29 | BF | Gordofobia | | Mirror (Reino Unido) | Jornalismo | Corinne Redfern |
| 29 | BF | Gordofobia | | People (EUA) | Jornalismo | Ulrica Wahlborg |
| 29 | BF | Gordofobia | | The Guardian (Reino Unido) | Jornalismo | Ben Child |
| 29 | BF | Gordofobia | | US Weekly (EUA) | Jornalismo | Zach Johnson |
| 30 | EL | Machismo | Record | Fala que eu te escuto | Jornalismo | |
| 31 | EL | Machismo | Abril | Capricho | Jornalismo | |
| 31 | EL | Machismo | Abril | Elle | Jornalismo | |
| 31 | EL | Machismo | | Cosmopolitan (EUA) | Jornalismo | |
| 32 | BF | Machismo | Globo | Fantástico | Jornalismo | |
| 33 | EL | Machismo | | Jornal do PCO | Jornalismo | Laura Gontijo |
| 33 | EL | Machismo | | Jornal do PCO | Jornalismo | Natália Pimenta, Aline Toledo, Perci Marrara e Laura Gontijo |
| 33 | EL | Machismo | | Jornal do PCO | Jornalismo | |
| 34 | EL | Machismo | Estado | Estadão | Jornalismo | Luciano Bottini Filho |
| 34 | EL | Machismo | Rádio Correio | Correio Debate | Jornalismo | Fabiano Gomes |

| | | | | | | |
|----|----|--------------------------|----------------|----------------------|----------------|--------------------|
| 34 | EL | Machismo | Record | Fala Brasil | Jornalismo | |
| 34 | EL | (homo, bi ou trans)fobia | | Portal O Dia | Jornalismo | Maria Romero |
| 35 | BF | Machismo | The Heart | Playboy | Publicidade | |
| 36 | EL | Racismo | Globo | A Gazeta | Jornalismo | Jaider Miranda |
| 36 | EL | Racismo | Globo | A Gazeta | Jornalismo | Jaider Miranda |
| 37 | CH | Machismo | Globo | Marie Claire | Jornalismo | Graziela Salomão |
| 38 | EL | Machismo | Band | Agora é tarde | Entretenimento | Danilo Gentili |
| 39 | EL | Feminicídio | Globo | G1 | Jornalismo | |
| 39 | EL | Feminicídio | Verdes Mares | Diário do Nordeste | Jornalismo | Fernando Ribeiro |
| 39 | EL | Feminicídio | | Portal O Povo Online | Jornalismo | Demitri Túlio |
| 39 | EL | Feminicídio | | Portal O Povo Online | Jornalismo | Mariana Lazzari |
| 40 | BF | Violência Obstétrica | | La Razón (México) | Jornalismo | Jaquelin Coatecatl |
| 41 | EL | Gordofobia | Globo | Marie Claire | Jornalismo | |
| 42 | CH | Machismo | Talent | Net | Publicidade | |
| 43 | BF | Gordofobia | Globo | Marie Claire | Jornalismo | |
| 44 | BF | Feminicídio | Agência Brasil | Portal EBC | Jornalismo | Carolina Sarres |
| 45 | CH | Machismo | Band | A liga | Entretenimento | Rafinha Bastos |
| 46 | CH | Gordofobia | Globo | Fantástico | Jornalismo | |
| 47 | CH | Gordofobia | Globo | Fantástico | Jornalismo | |
| 48 | CH | Gordofobia | | Area H | Jornalismo | |
| 49 | CH | Machismo | Folha | Folha de S. Paulo | Jornalismo | Marianne Piemonte |

| | | | | | | |
|----|----|--------------------------|--------|------------------------|----------------------|--|
| 49 | CH | Machismo | Trip | TPM | Jornalismo | Anna Virginia Balloussier |
| 50 | CH | Cultura do Estupro | Folha | Folha de S. Paulo | Jornalismo Opinativo | Danuza Leão |
| 50 | CH | Cultura do Estupro | Record | R7 | Jornalismo Opinativo | André Forastieri |
| 51 | CH | Cultura do Estupro | Folha | Folha de S. Paulo | Jornalismo | Juliana Vines |
| 52 | CH | Cultura do Estupro | Band | Pânico | Entretenimento | |
| 53 | CH | Cultura do Estupro | Band | Pânico | Entretenimento | |
| 53 | CH | Cultura do Estupro | Globo | Ego | Jornalismo | |
| 54 | CH | (homo, bi ou trans)fobia | Abril | Veja | Jornalismo | Gabriela Carelli, Álvaro Leme, Bela Megale, Carlos Giffoni, Carolina Melo e Kalleo Coura |
| 55 | CH | Feminicídio | | The Sun (Reino Unido) | Jornalismo | |
| 56 | CH | Machismo | | Esquire Magazine (EUA) | Jornalismo | Stephen Marche |
| 57 | CH | Gordofobia | | Seventeen (EUA) | Jornalismo | |
| 58 | CH | Machismo | Abril | Playboy | Entretenimento | |
| 59 | CH | (homo, bi ou trans)fobia | Abril | Veja | Jornalismo | J.R.Guzzo |
| 60 | CH | Machismo | Terra | Terra | Jornalismo | Claudio R.S. Pucci |